MAX MORENO

As paredes eram Brancas

2ª reimpressão

CLUBE DE AUTORES

Joinville-SC - 2020

Copyright © Max Moreno, 2020

REVISÃO
Alexandre Dorigon (Afobório)

SELO EDITORIAL
Clube de Autores

Edição 2020
1ª edição

Referência ABNT 6023:

MORENO, Max. **As paredes eram brancas:** romance.
Joinville – SC: Clube de Autores, 2020.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária Juliana Farias Motta CRB7/5880

M843p Moreno, Max

As paredes eram brancas: romance / Max Moreno. – 1.ed. --
Joinville – SC: Clube de Autores, 2020.

255p.; 14X21 cm

ISBN: 9781654271176

1. Romance brasileiro. I. Título.

CDD B869.3

Índices para catálogo sistemático:
1. Romance: Literatura Brasileira B869.3

Todos os direitos reservados a
MAX MORENO
@maxmoreno_oficial
Paraná – Brasil.

Para minha mãe, que sempre quis saber.
E para Eloi Ricardo Bonkoski, que nunca deixou de acreditar.

"Todas as famílias felizes se parecem, as infelizes não."
(Liev Tolstói – Anna Karênina)

Capítulo 1
EM NOME DO PAI

Sorrir. Esse foi o primeiro impulso que ele teve ao saber da morte do velho. Controlou-se. Não queria vê-lo morto, claro que não. Se bem que, em algum momento, essa ideia o tenha rondado a cabeça, sorrateira. De maneira inconsciente, ele jurava. Julgamentos são gratuitos, sedutores. Então o que as pessoas poderiam pensar de um filho que se permite pensamentos obscuros sobre o próprio pai?

O sujeito tinha *partido*, e agora ele não sabia como reagir. Sorrisos são naturalmente efêmeros. Assim, mostrar os dentes não lhe parecia a solução.

Chegava a ser engraçado imaginar que embora até o próprio falecido suspeitasse de que seu fígado, já todo *ferrado*, não fosse resistir por muito mais tempo, o álcool não teve nada a ver com desfecho melancólico da história. Por mais que a ideia parecesse tentadora, não dava para atribuir ao uísque a culpa por ter abreviado a vida do cara.

De manhã, um dos jornais locais trazia — em sua seção de manchetes *sangrentas* — a notícia de que um homem identificado como Agenor Pereira de Lima, fora assassinado na noite anterior. Baleado. Ao que parece, a vítima não fez nenhuma questão de dar trabalho ao

atirador. Bastou um disparo. Um único tiro foi o suficiente para fazê-lo desmoronar.

Paola, a vizinha da casa de cima, foi quem apareceu com a publicação na casa do garoto. Tinha as mãos agitadas e o olhar *certeiro*. Ela, o marido Diego e o filho Enzo — uma criança de quatro anos, que fazia um barulho sinistro ao respirar — tinham se mudado para o bairro uns meses antes.

O garoto ouviu, numa das conversas entre a sua mãe e a mãe do pequeno Enzo, que o menino padecia com uma bronquite crônica, ou asma ou sabe-se lá o quê. O fato é que às vezes o garotinho tinha dificuldade ao respirar, e dava a impressão de que seus pulmões iam entrar em colapso numa batalha árdua e desonesta em busca de algo que a maioria de nós só se dá conta de que existe quando precisa: o ar.

Paola costumava passar boa parte do tempo em sua casa cuidando do filho asmático, o que lhe rendia também algum tempo livre para *bisbilhotar* a vida dos outros, e ao se dedicar aos prazeres da maledicência, não era difícil identificar alguma satisfação naqueles olhos castanhos. Esse mesmo entusiasmo a acompanhou naquela manhã quando ela decidiu aparecer na casa do garoto com o jornal nas mãos.

Uma *bala* tinha atravessado o pescoço flácido do velho Agenor, bem no momento em que ele saía da *Boate Sagitarius* — um desses lugares exóticos, onde o grau de

satisfação masculina costuma aumentar a cada dose de bebida — na rua Lisboa, Jardim Alice.

Já era madrugada quando o som do disparo percorreu os arredores.

Não se pode negar que se alguém estivesse transitando pela rua Ataíde Aires naquele momento, certamente teria ouvido o estampido. Se bem que, em uma cidade como Foz do Iguaçu, o ruído produzido por um tiro não é bem o que se pode chamar de "novidade" ou algo que desperte tanto a atenção das pessoas, especialmente de madrugada.

Protegido pelas sombras da noite — apesar da iluminação pública — e por vários veículos enfileirados no estacionamento diagonal do outro lado da rua, o atirador disparou contra o homem, que no mesmo instante despencou como uma laranja podre, direto no chão.

Foi tudo rápido demais, alguém teria dito.

Um trecho da notícia no jornal dizia que "*(...) as duas mãos levadas à garganta, não deram conta de obstruir o ferimento, de onde jorrava um líquido viscoso que se alastrava pela calçada*". O garoto ficou se perguntando se o sujeito que tinha escrito aquela merda de notícia achava que estava fazendo poesia.

Correu os olhos pelo texto e encontrou um parágrafo onde o tal jornalista que assinava a matéria dizia que *nenhuma das testemunhas foi capaz de descrever de onde o tiro tinha partido*. Seja lá quem tivesse puxado o

gatilho, havia sumido do local tão rapidamente quanto a esperança nos olhos de um condenado à morte.

Um campo de futebol que fica em frente à boate, pode ter contribuído para o sucesso na fuga do criminoso. O lugar tem poucas árvores, e a escuridão é sempre uma aliada de quem tem a intenção de passar despercebido.

O atirador deixou para trás um homem prestes a se afogar com próprio sangue e uma dúvida: ou o sujeito era um *profissional,* alguém que sabia exatamente o que estava fazendo, por isso, mirou na artéria, na altura do pescoço; ou não passava de um amador, que falhou ao mirar na cabeça e acertou por acaso a garganta da vítima.

De qualquer forma o trabalho foi feito.

øøø

Sim, o garoto estava nervoso, por que não ficaria? Estremeceu quando um policial chamado Wallace Viana o convidou para — segundo suas próprias palavras — uma *conversa informal* na 6ª SDP. O detetive Viana era o agente designado para assumir a investigação no caso do assassinato do velho Agenor.

Quando se deparou com aquele sujeito de pele escura, o garoto teve a sensação de já tê-lo visto antes. E já tinha mesmo. Estava diante do dono de um cavanhaque tão bem desenhado, que parecia coisa de pagodeiro. Costumava aparecer nesses programas de TV, onde os apresentadores se sentem especiais e *enchem a boca* ao falar do último infeliz que teve o corpo cravejado de balas.

Era ele, Wallace Viana. O homem que surgia na tela, ao lado de policiais fardados, toda vez que as letras de rodapé indicavam reportagens relacionadas a assassinatos, tráfico de drogas ou brigas de *gangs,* chefiadas por traficantes doidões, na disputa por território. Os mesmos programas aos quais o garoto assistia enquanto sua mãe jurava que ele dedicava suas tardes às curtidas no *Facebook* ou à mais uma temporada *forçada* de *Malhação*.

— Ei, tudo bem — o detetive disse, seu tom era despreocupado —, vamos apenas conversar. Arregaçou as mangas da jaqueta jeans até a altura dos cotovelos.

— Tá.

O que o garoto se esforçava para entender, era aonde o detetive queria chegar com aquela história de *conversa informal*, e afinal, *por que ele estava sendo interrogado?*

— Isso não é um interrogatório — Viana exclamou, como se não fizesse outra coisa na vida além de adivinhar pensamentos. — São só algumas perguntas sobre o seu pai... — ele estufou o peito e corrigiu a postura. — Nada de mais, coisas de rotina, sabe?

— Cadê a minha mãe?

— Não se preocupe, ela está na sala ao lado.

— Será que dava pra chamar ela, por favor? — A frase quase desapareceu numa súplica dolorosa e infantil.

— Fique calmo — Viana abriu um sorrisinho malicioso —, prometo que não vai doer — disse isso com a

consciência de quem sabe de que nunca teve talento para piadas. E essa história de detetive engraçadinho só funciona bem em filmes.

Tudo o que o garoto não queria era parecer medroso, embora sua expressão dissesse o contrário. A imagem de um moleque assustado, choramingando pela presença da "mamãe" o incomodava. Mesmo assim, ele não abandonava o desejo de tê-la por perto, ainda que fosse só por uma questão de segurança. Então ele insistiu.

— Por favor!

O detetive suspirou. Alisou o cavanhaque, coçou o pescoço, na altura do colarinho de sua jaqueta azul-marinho, e em seguida chacoalhou a cabeça para cima e para baixo, num movimento quase imperceptível. Sua testa toda engordurada agora estava franzida.

øøø

Tá de brincadeira, pensou o garoto, quando lhe foi perguntado sobre o convívio do velho Agenor com a família. Era uma pergunta sem sentido. Não havia outra maneira de defini-la. Toda a vizinhança sabia do *inferno* em que viviam; das noites em que o velho mergulhava em bebedeiras e de suas reações frequentemente violentas.

Não é segredo para ninguém que o mundo é um lugar cheio de gente escrota. A pouca idade não o impedia de saber disso. O que escapava à compreensão do garoto era porque muitas mulheres se recusavam a denunciar

seus maridos valentões. Tudo bem que o lado afetivo tenha lá o seu peso, e a dependência financeira também seja um *problema,* mas a ideia de um marmanjo espancando a esposa, o deixava indignado. Talvez porque sua mãe — assim como um bando de mulheres mundo afora — também se submetia a isso.

O que não falta por aí é gente disposta a fazer cretinice a vida toda, e o garoto nunca teve dúvidas de que seu pai fazia parte desse grupo.

øøø

Ele só tinha treze anos e não passava de um pirralho desajeitado. Por isso, a maneira como o detetive o encarou foi suficiente para deixá-lo em pânico. Era intencional. Por alguma razão, Viana parecia querer aterrorizá-lo.

— Está certo — ele balançava a cabeça, como se estudasse a expressão no rosto do garoto —, vou ficar de olho em você.

Como assim, ficar de olho?

O garoto se esforçava para não demonstrar o impacto causado pela frase que acabara de ouvir. Quanto tempo ainda aguentaria sem desabar, sem abrir um *berreiro* numa súplica sem fim pela presença da mãe?

— Acredite — o detetive falava baixinho e sem desviar o olhar —, mais cedo do que você imagina, vamos pegar o assassino do seu pai.

øøø

O filho da mãe egoísta parecia mais simpático estirado naquela gaveta do Instituto Médico Legal, o garoto pensou. Conseguiu identificar — apesar da palidez e das manchas roxas ao redor dos olhos — uma expressão amistosa no rosto do pai. Sim, ele estava impressionado com a situação, mas pensou ter visto um sorriso naqueles lábios escuros e sem brilho; o que não o surpreenderia. Apesar de fazer o estilo "*foda-se-todo-mundo*", não se podia negar que o Velho tinha senso de humor, e se tivesse uma oportunidade não hesitaria em *sacanear* o próprio filho, mesmo depois de morto.

Convencer a mãe a entrar no Instituto Médico Legal já podia ser considerado um feito quase heroico. Daí a esperar que a mulher aceitasse reconhecer o corpo do marido, era pedir demais. Diante da trágica falta de opções, o Dr. Fernando de Andrade Passos, o médico legista, não encontrou alternativa senão liberar o garoto para fazer o *trabalho* e... *Deus do céu, que cheiro era aquele?*

— É ele mesmo — o garoto declarou.

O homem, metido num jaleco branco, dirigiu-lhe um olhar desapontado. Na opinião dele, aquela era uma cena digna de mais dramaticidade. No mínimo algumas lágrimas. Não aconteceu. Era difícil condená-lo. O sujeito devia estar habituado a ver pessoas se *descabelando* diante do cadáver de algum familiar.

— Sinto muito — ele disse, a impessoalidade em pessoa.

Antes de deslizar a gaveta frigorífica à posição original, ele puxou de volta o lençol que cobria o rosto do morto.

Tanto faz, o garoto pensou. Não tinha a menor disposição para falar sobre o assunto.

Seu silêncio foi interpretado como um sinal de resignação.

Capítulo 2
AMORZINHO

Uma semana se passou. Depois mais uma. Os dias avançavam como um réptil descuidado, que se arrisca ao cruzar uma rodovia movimentada numa tarde de verão, sem pressa e sem se dar conta dos perigos que corre.

Na terceira semana após a morte do velho Agenor, numa manhã sem graça de quinta-feira, mãe e filho foram surpreendidos pela visita de uma garota que também se dizia esposa do falecido.

A moça levou menos de cinco minutos para desenrolar a sua história triste e explicar, de uma maneira bem convincente, que tivera um envolvimento amoroso com Agenor. É, eles se amavam. A viúva *oficial* duvidava disso, mas não pôde evitar ficar boquiaberta com a trama, e quando seus olhos procuraram o olhar do filho, o garoto podia jurar ter visto no rosto da mãe o desejo de que o *tinhoso* estivesse sorridente e de braços abertos quando seu pai chegasse ao inferno.

Ficaram observando aquela figura estranhamente sedutora estacionada na porta da casa. A garota falava do falecido com tanto entusiasmo, que mãe e filho duvidavam de que estivessem falando da mesma pessoa. Não, aquele não era o Agenor que eles conheciam. De qualquer forma, agora o garoto já não prestava mais

atenção no que a moça dizia. Seus olhos acompanhavam os movimentos dos seios da moça enquanto ela gesticulava. Aquilo sim era realmente incrível. Quando a mãe percebeu onde tinha ido parar a concentração do filho, torceu ainda mais a cara para a visitante.

— Isso não é justo — a garota disse.

Afinal, do que ela estava falando, pensou a mãe, no exato momento em que Anderson, o vizinho da casa da frente, dava marcha a ré em seu Citroën C3, como faz todas as manhãs antes de sair para o trabalho. Os chinelos de dedo e a calça de moletom — com os fundilhos lá embaixo — só não eram piores que a camiseta toda amarrotada e com a gola deformada. Claro que ninguém precisa estar na moda ao acordar de manhã, mas aquilo era deprimente. Do jeito que o sujeito acordava, saía para tirar o carro da garagem.

O vizinho olhou na direção em que os três conversavam e sinalizou com um breve aceno de cabeça. Ninguém retribuiu. A viúva estava mais interessada em saber o que aquela garota — que devia ter menos da metade da idade do falecido — tinha a dizer sobre o velho Agenor. Calculou que a moça devia ter no máximo uns vinte anos, e isso lhe parecia absurdo.

O vizinho manobrou o carro com um cuidado exagerado. Foi para frente e para trás, como quem embala uma criança de colo, até finalmente alinhar o veículo ao meio-fio. Desceu e — com sua calça de moletom — foi

para frente do carro, avaliar se tinha feito um bom trabalho.

— Três anos — a garota disse —, já faz três anos que a gente tá junto. E continuou discorrendo sobre como a *coisa* toda tinha acontecido, como se conheceram, como ele era um homem maravilhoso, como se amavam, como o amor era lindo e tal.

Três anos juntos — a mãe repetiu. As três palavras soaram tão baixas, que ficou claro que ela falava mais para si mesma do que para os presentes; e de algum modo ela sempre soube que isso aconteceria. Só não imaginava que fosse conhecer a *figura*. *E de onde aquela moça era mesmo?*... Não se lembrava de ter feito essa pergunta. Do Conjunto Libra ela não era. Se fosse, já teriam se cruzado na padaria ou no supermercado. Talvez ela fosse lá das *bandas* da Vila Borges, ou quem sabe do Jardim São Rafael I, mas com certeza não era do *Libra*. Não seria muito inteligente — da parte do velho — arranjar uma amante do mesmo bairro.

— Muito bem, moça — a viúva disse. E imediatamente percebeu que nem ela mesma sabia o que queria dizer com aquela frase. "Muito bem" significava o quê, afinal?

O vizinho se convenceu de que foi um aluno dedicado nas aulas práticas de direção da autoescola e voltou orgulhoso para dentro do quintal. Sem se virar, acionou o alarme do carro e o controle remoto do portão, que começou a fechar lentamente.

Se havia uma coisa que não se podia negar era que, além de bonita, a garota tinha personalidade. Despejou sua bomba atômica na cara da mulher, sem rodeios. E o que a viúva podia fazer?... Espancá-la?... Acontece que isso não mudaria nada.

O garoto continuava admirando a *exuberância* da moça. Esforçava-se para recusar qualquer pensamento que o acusasse de ser um filho desnaturado, um traidor de uma figa. *Fazer o quê? A* namorada do pai era uma *gostosa*. Essa era a sua opinião, e ele não podia fazer nada a esse respeito, embora concordasse que a mãe não merecia nem a sacanagem do marido nem a admiração pornográfica que o filho começava a nutrir pela amante do velho.

O portão eletrônico do vizinho foi acionado novamente, e dessa vez ele apareceu vestindo um terno preto e uma gravata cor de *vinho* — parecia até outra pessoa. Entrou no carro, deu a partida e se mandou. A cena, embora rápida, fez a viúva se lembrar do episódio envolvendo um vendedor de consórcio que batera à sua porta dois meses antes. O sujeito levou quase meia hora tentando explicar que taxa de manutenção não tinha nada a ver com taxa de juros. Ela, sinceramente, não via nenhuma diferença, mas interpretou bem o papel de quem se deixou convencer.

Sem nenhum constrangimento a garota não hesitou em exaltar o seu amor pelo velho e disse bem alto — para quem quisesse ouvir — que o Agenor era o homem da sua vida. Afinal eles estavam juntos, não

estavam? Então era natural que ela se sentisse confortável e no direito de reclamar parte dos bens deixados pelo falecido. Só tinha um problema: toda a *fortuna* deixada para mãe e filho se resumia basicamente àquela casa simples na rua Piquiri, no Conjunto Lira — onde moravam — e a um Ford Belina 1991, que (embora tivesse sido todo reformado e o velho Agenor o considerasse uma relíquia) não servia para nada.

Ela seguiu falando de dentro de sua blusinha preta com detalhes góticos. Sua pele branca contrastava com o batom *vermelho-sangue*, que fazia seus lábios parecerem duas fatias de uma *maçã do amor*. Uma maquiagem escura contornava seus olhos azuis, e seu corpo se ajustava perfeitamente bem a uma calça *legging* com estampa imitando pele de onça — dessas que grudam no corpo como doença contagiosa.

— Não me chame de moça — ela disse num tom levemente hostil, enquanto mascava algo que só podia ser um chiclete, produzindo um som irritante —, meu nome é Andreia.

Mãe e filho se entreolharam. O garoto não tinha certeza, mas acreditava que se a mãe tivesse uma oportunidade, consideraria a possibilidade de torcer o pescoço da moça.

A essa altura, outros vizinhos também começavam a sair de suas casas, manobravam seus carros e partiam para mais um dia de *luta*. O sol ganhava espaço no céu e o ar fresco da manhã logo se transformaria em mormaço.

— Tudo bem, Andreia — a viúva se aproximava da garota enquanto falava. — É melhor a gente encerrar essa conversa; e se eu fosse você não apareceria mais por aqui, acho que me entendeu, né? — ela finalizou a frase num tom bem diferente do que começou.

Inicialmente Andreia pensou em relutar, e chegou mesmo a abrir a boca para retrucar, mas desistiu quando percebeu que levar uma surra não era uma possibilidade tão remota assim.

Chegava a ser comovente a maneira como a moça sustentava seu amor pelo falecido. Mas o garoto duvidava que ela o conhecesse a fundo. Não, aquele a quem ela entregara seu coração, nada tinha a ver com o Agenor que ele e a mãe conheciam.

— A gente se amava, sabia? — ela insistiu, como se quisesse convencer a todos ali, inclusive a si mesma.

— Puxa vida, não me diga! — a viúva respondeu, chacoalhando a cabeça de maneira exagerada. Seu tom debochado surpreendeu até o próprio filho, que sempre acreditou ser a submissão a melhor amiga da mãe.

A garota pareceu entender o recado e recuou alguns passos. Só que, por alguma razão, antes de ir embora acreditou que seria uma boa ideia lançar uma última provocação.

— Aí... só pra você saber — ela disse, encarando a viúva —, ele sempre me chamou de *amorzinho*.

A viúva sustentou aquele olhar debochado, mas não se deu ao trabalho de responder ao insulto. Não

precisava. A expressão em seu rosto deixava claro de que se não fosse pela presença do filho, um "FODA-SE" encerraria a questão.

Capítulo 3
OS VELHOS

Uma vez ele havia lido em algum lugar — mas não se lembrava onde —, que todo ser humano acaba se tornando refém de suas próprias convicções. Algo do tipo: se você acredita em maré de azar, certamente, em algum momento da sua vida ela — a maré de azar — vai dar as caras e tentar devorar a sua mente. O garoto nunca foi de acreditar nessas coisas. Claro que não ia dar ouvido a essas besteiras. Pelo menos não até esbarrar com o corpo da própria mãe, estirado sobre uma cama. Morta. *Puta merda*, tá aí o tipo de situação que não dá para imaginar. A verdade é que a maioria das pessoas acha que essas coisas só acontecem em filmes ou em livros de romance policial, mas nunca na vida real. Até que um dia, sem aviso, acontece com você.

A morte da mãe o deixou perturbado e completamente vulnerável. O garoto começou a ter alucinações e passou a atribuir seu sofrimento (e agora já dava até para admitir a tal da maré de azar) a uma conspiração Divina. Deus estava disposto a lhe sacanear. Só podia ser isso. Perder os pais de forma tão estúpida num espaço de tempo tão curto, o fazia pensar em coisas terríveis. Sua mãe foi asfixiada com o próprio travesseiro enquanto dormia.

O garoto só podia descrever como dolorosa a maneira como percebeu que, embora a *morte* esteja presente no nosso dia a dia — no sujeito que morreu num acidente de trânsito; na vizinha que perdeu a batalha para um câncer; no político que teve um infarto fulminante; na celebridade que se drogou mais do que seu corpo podia suportar —, só prestamos atenção no real sentido da palavra, quando ela, a morte, se interessa por um amigo próximo ou alguém da família. Para o garoto, o termo *família* se relacionava exclusivamente com a mãe. Algo na vida do velho Agenor sempre teve mais peso do que bancar o exemplo de figura paterna. Na opinião do garoto, o pai não passava de um sujeito arrogante, cuja rotina se resumia a encher a *cara* de uísque e grudar os olhos em qualquer rabo de saia que cruzasse o seu caminho.

Ele odiava tudo aquilo. E quando sua mãe foi assassinada, as coisas ficaram ainda mais insustentáveis. O garoto começou a considerar a ideia de que não duraria muito tempo nesta vida. E talvez nem quisesse mesmo. Para quê?... Não fazia nenhum sentido. Por mais que se esforçasse, não via nenhuma razão para continuar fazendo parte deste mundo caprichoso, injusto e cruel.

No começo ele contava horas. Depois passou a contar os dias. E quando a terceira semana chegou, já estava cansado de esperar por uma resposta da polícia. Não havia nada que o convencesse de que o detetive estava fazendo direito o seu trabalho. A angústia inicial, agora se transformava em revolta, especialmente pela falta

de informação sobre como *andava* a investigação relacionada à morte dos pais e o silêncio que se estabeleceu em torno do assunto. O garoto era tomado por uma sensação de procrastinação e impunidade toda vez que Viana se recusava a falar com a imprensa.

Na TV, os noticiários da *RPC* (Globo) e os da *TV Tarobá* (Rede Bandeirantes) traziam informações alarmantes sobre o aumento do índice de homicídios na cidade, 126 até o momento. A polícia não tinha dúvida, a maioria dos assassinatos estava relacionada ao tráfico de drogas e ao contrabando de armas vindas do país vizinho. Enquanto isso, a Associação de Magistrados do Paraná (AMAPAR) se reunia para discutir temas como: criminologia e políticas de justiça. Todos concordavam que a situação era ruim, mas já havia estado pior. Entre 2007 e 2009, a cidade de Foz do Iguaçu estivera no topo da lista do *mapa da violência* como uma das cidades com o maior número de homicídios no país.

Agora, a ideia de que seus pais pudessem contribuir para *engrossar* novamente essa estatística assombrava o garoto.

øøø

Menos de vinte e quatro horas. Esse foi o tempo que durou a possibilidade de o garoto ingressar em alguma instituição dedicada a menores abandonados, e isso o deixou aliviado, pois, sabia que qualquer pessoa com

algum conhecimento sobre o assunto, pode compreender que geralmente, crianças com idade acima de dois ou três anos estão condenadas a esperar pela maioridade sem que ninguém se interesse em adotá-las.

Quando o detetive Viana lhe pediu um número de telefone de alguém da família, o moleque se deu conta de que não havia ninguém para quem a polícia pudesse ligar. Ninguém. Pelo menos não alguém que ele conhecesse.

— Está me dizendo que não conhece ninguém da sua família? — ele perguntou, seu olhar logo passaria da incredulidade à desconfiança. "*Não vejo nada demais nisso*", o garoto poderia ter respondido. No fundo, ele sabia que dizer a alguém que — exceto pelo pai e a mãe — você não conhece mais ninguém da própria família não é nada que corresponda aos padrões estabelecidos. Então o silêncio se insinuou irrecusável.

Ele queria poder falar sobre as férias na casa dos avós em Paraisolândia, um vilarejo esquecido no município de Charqueada no interior do estado de São Paulo. Queria poder falar das festas de fim de ano em Curitiba; ou da tia favorita que morava em Brasília e que dominava como ninguém as técnicas de fazer um bolo de chocolate com cobertura de leite *Ninho*. Mas sabia que tudo era só sonho. Nada, além disso. Invenção. Fantasias da cabeça de uma criança que nunca tinha saído de Foz do Iguaçu. Nunca tinha brincado na rua ou se apaixonado por uma prima.

Parentes. Seus pais se recusavam a falar sobre eles. Papo encerrado. "E quem precisa de parentes?", o pai dizia. "Pare de encher o saco do seu pai com essas perguntas", a mãe defendia. E assim tudo se resolvia. Talvez houvesse um segredo, o garoto supunha. Por que não?... Algo terrível que devesse ser mantido fora do alcance da família.

Na noite em que a mãe do garoto morreu, um céu escuro de setembro observava a dança das luzes (vermelhas) sobre os tetos das viaturas. Eram duas delas. Uma estacionada sobre a calçada e a outra atravessada no meio da rua impedindo a passagem dos carros. Os *giroflex* ligados chamavam a atenção de pelo menos dois quarteirões. Gente que o garoto nunca tinha visto na vida, agora queria saber o que tinha acontecido naquela altura da rua Piquiri.

Os policiais entravam e saíam da casa, como se fossem convidados para uma festa. Você vai superar isso, o garoto ouviu de um deles. Observavam tudo e conversavam entre si. Falavam baixo. Então nenhum expectador indesejado podia ouvi-los. Os curiosos — que se aglomeravam a poucos metros da viatura atravessada na rua — começaram a perder o interesse pelo tumulto assim que a equipe forense cruzou o portão com uma maca, dessas com rodinhas, cujo conteúdo era um volumoso saco preto, com a mãe do garoto dentro.

Mas nem todo o mundo estava ali só pelo espetáculo fúnebre. Um casal de velhos, que costumava frequentar a mesma igreja que a mãe do garoto, não arredou o pé de lá. Eles esperaram pacientemente até que o garoto respondesse a todas as perguntas do detetive Viana. Em seguida, a mulher lhe estendeu a mão.

— Se quiser, pode ficar conosco — ela disse, apoiada ao braço flácido do marido. O garoto se aproximou e a velha o abraçou.

— Podemos cuidar de você até que a justiça decida o que fazer — o idoso disse, de posse do mesmo tom de voz que um pai usa ao aconselhar um filho. O garoto assentiu.

Ele sabia que se recusasse a oferta generosa, não teria para onde ir. Não renegava a ideia de que teria de aprender a viver sem a presença dos pais. Mas e daí? Os velhos pareciam dispostos a convencê-lo de que a vida devia seguir em frente, apesar de tudo. Aliás, se a vida fosse baseada num seriado de desenho animado, o garoto diria que o seu Alfredo se encaixaria perfeitamente na pele daquele personagem de "*Os Simpsons*", aquele, excêntrico e milionário, dono da usina nuclear onde *Homer Simpson* trabalha *(como é mesmo o nome dele?). S*e bem que, na opinião do garoto, no caso do seu Alfredo, a careca lustrosa, o nariz pontiagudo e a estatura esquelética não lhe tiravam o jeitão de *bom homem*. Até onde ele sabia — e isso se resumia às conversas que a mãe tinha com o casal após os cultos aos domingos —, seu Alfredo era um

sujeito respeitável. Então, podia-se dizer que a comparação ao Sr. Burns (do seriado) limitava-se às características físicas.

Já a dona Tamires, exibia aquela expressão de quem tem sempre algo bom a dizer. Os cabelos brancos, os óculos de armação antiquada, os lábios finos e os olhos claros combinavam com seu sorriso.

øøø

Um sorriso malicioso. Isso foi tudo o que o garoto pôde ver no rosto do detetive Viana quando compartilhou sua teoria sobre os acontecimentos envolvendo a morte dos pais. Para ele, a mesma pessoa que tinha matado o seu pai, também havia sufocado sua mãe. O problema era que além dele, naquela sala, parecia não haver mais ninguém disposto a acreditar nesta possibilidade.

— Estamos cuidando disso — o detetive respondeu.

O garoto teve a sensação de estar sendo analisado. E estava. Por um instante, teve a certeza de que o sujeito à sua frente não o estava levando a sério.

Ele não confiava no detetive, mas Viana deixava bem claro que não se importava com isso.

Capítulo 4
LÁGRIMAS

Foi a partir do funeral do pai, que o garoto descobriu que a ausência de sentimentos às vezes pode ser tão implacável quanto o ódio propriamente dito.

Mesmo após um discurso fúnebre carregado de eufemismo e *puxa-saquismo,* onde o falecido era tido como um pai exemplar e a própria *benevolência* em pessoa, o garoto se recusou a chorar. Não derramou uma única lágrima. Sua falta de comoção acabou gerando estranheza nas pessoas presentes. Agora, ele estava na mira de olhares desconfiados e comentários maldosos. *"Viu só, ele não tá nem aí"*, alguém disse, em meio ao pelotão de fuzilamento que se formava à sua volta. *"É um ingrato"*, retrucou outro membro da *"ordem mundial da perfeição"*.

O que o deixava ainda mais irritado era saber que ninguém ali parecia disposto a entender o seu lado. O grupo dos que o viam como um garoto problemático crescia de forma espantosa. De repente, o papel de *pobre-menino-órfão* já não convencia mais. Então não lhe restava outra opção senão enfrentar os olhares acusadores daquelas pessoas. Aliás, gente cuja maioria ele nunca havia visto na vida.

Na tarde em que sua mãe foi enterrada, o ar estava carregado demais para um mês de setembro. Seco e

abafado, desagradável até para os que preferem o calor às baixas temperaturas. Um vento abrasador soprava com tanta intensidade, que as árvores — enfileiradas no entorno do Cemitério Municipal Jardim São Paulo — se curvavam, como se reverenciassem aos visitantes. O *campo santo* estava quase vazio, e o discurso improvisado pelo capelão local se resumiu a um "(...) *e que Deus a receba com a mesma alegria com que a tivemos em sua jornada neste mundo, amém*".

Alegria? — o garoto se perguntou em pensamento. *A vida de sua mãe podia ter sido qualquer coisa, menos alegre*.

Só que geralmente o destino tem o hábito peculiar de nos ignorar, e ele sabia disso. Percebeu também que no enterro de sua mãe havia bem menos gente do que no sepultamento do pai; e isso o levou a refletir sobre como as pessoas são de verdade. Um homem com princípios obscuros e conduta duvidosa, parecia mais digno da presença da vizinhança em seu funeral do que uma ex-professora do ensino médio, alguém que passara os últimos onze anos se dedicando ao filho e a um marido escroto e sem noção.

Quando lhe era permitido recordar, a mãe costumava dizer que havia deixado sua vida docente para trás — segundo ela própria, uma paixão desde a infância — porque na época, acreditava que ninguém cuidaria melhor do próprio filho do que ela mesma. Não, ninguém conseguiria fazer melhor do que ela. O pai não teria tido nada a ver com essa decisão, e sempre que a mãe tocava

no assunto, o garoto se sentia culpado por, de certa forma, ter sido o responsável por ela ter *enterrado* seu maior sonho.

— Meu maior sonho é você, filho — ela disse, certa vez, sob um olhar emblemático do marido.

A vida não era lá essas coisas, é verdade. Mas às vezes até dava para sorrir. Durante algumas tardes — não com a frequência com que o garoto gostaria — assim que ele chegava da escola, a mãe dava um jeito de levá-lo ao *Tio Gil Lanches*. Na opinião do garoto, o desenho do "Tio Gil" — um velhinho simpático segurando um lanche ao lado do letreiro na fachada — era um convite irrecusável, especialmente para as crianças. Por dentro, o lugar era bem agradável também. Talvez a mãe acreditasse que aquelas paredes coloridas, as mesinhas de madeira e a fachada de vidro pudessem lhes oferecer algum alívio.

Os dois passavam algum tempo lá, e enquanto o garoto devorava um hambúrguer (não exatamente como os que ele via nos comerciais de TV) acompanhado de uma latinha de refrigerante, a mãe o observava em silêncio.

— Tem certeza de que você está bem? — dona Tamires quis saber, reiterando a pergunta que já tinha feito pelo menos outras duas vezes nos últimos quinze minutos.

O garoto entendia que o "estar bem" era mera força de expressão. Afinal, afirmar que *está bem,* não é

nada muito natural quando se está no enterro da própria mãe. Ele assentiu. Dona Tamires apoiou uma das mãos no seu ombro. O Sr. Alfredo se manteve calado.

Os funcionários do cemitério abaixaram, com um cuidado comovente, o caixão com a mãe do garoto dentro. A sensação de que nunca mais voltaria a vê-la, o fez sentir o coração encolher. Por mais que quisesse bancar o durão, não conseguia driblar as lágrimas. O clima de desolação se alastrou e o casal de idosos — os seus novos tutores — ofereceu-lhe um abraço compartilhado, exercitando um instinto paternal absolutamente improvável até poucos dias atrás.

— Venha, vamos embora desse lugar — o seu Alfredo disse, enquanto girava o corpo em direção à saída —, não há mais nada o que fazer aqui.

A voz dele soou distante. Inacessível. O moleque parecia fora da realidade, e embora naquele momento seus pensamentos pertencessem ao passado, seus olhos encaravam a lápide onde havia uma inscrição com o nome de sua mãe. Ele olhou em volta e se deu conta que a maioria das pessoas já havia deixado o cemitério.

Caminhou lado a lado com o casal de velhos, mas ninguém se propôs a dizer nada. Assim que alcançaram ao lado de fora e o veículo se pôs em movimento, o garoto espiou pela janela e contemplou um imenso paredão de nuvens escuras se aproximando. A chuva não demoraria a chegar.

ØØØ

Nos dias que se seguiram, o garoto transformou-se numa alma fria e sorrateira, cujo único propósito era percorrer as ruas da cidade em busca de alguma pista que levasse ao assassino dos pais. Seu Alfredo e dona Tamires nem suspeitavam, mas todas as noites, depois que os velhos se recolhiam, o garoto dava um jeito de sair sem ser notado, e ganhava as ruas numa rotina de madrugadas entregues ao relento. Desenvolveu um talento especial para se esquivar de vagabundos drogados, moradores de rua — cheios de más intenções — e da polícia, que com certeza não desperdiçaria nenhuma chance de mandá-lo para algum centro de recuperação de menores infratores ou algo parecido.

Percebeu também que as noites em Foz do Iguaçu são cheias de sotaques. Cidadãos de tudo quanto é parte do mundo. Paraguaios, argentinos, uruguaios, bolivianos, árabes e até haitianos. Pessoas que preferem ganhar a vida à noite. Gente que exerce a função de vigilante, motorista de táxi, recepcionista de hotel ou qualquer outra atividade que possa render algum dinheiro, inclusive as ilegais.

A obsessão por encontrar o homem que tinha arruinado a sua vida, induziu o garoto a acreditar que conseguiria passar despercebido nas madrugadas em Foz. Mas bastou uma semana para ele perceber que, se levasse aquela idiotice adiante, também correria o risco de aparecer na seção de homicídios ou de estupros dos

noticiários do dia seguinte. Ninguém acreditaria, ele pensava, na quantidade de marmanjos tarados e nojentos dispostos a tudo por alguns minutos de sexo *forçado* com um pré-adolescente.

Numa dessas noites praticando *roleta-russa*, o garoto flagrou dois sujeitos — a poucos metros de uma lanchonete — encostados num Chevette rebaixado (e caindo aos pedaços), tentando forçar uma garota a fazer um *boquete* duplo neles. Os homens riam alto, bebiam cerveja e diziam coisas sem noção, enquanto a moça, visivelmente embriagada, exibia uma expressão que sugeria medo e nojo. Quando um deles percebeu a presença do espectador indesejado, saiu em disparada na direção do intruso.

Só depois de correr feito um louco por dois ou três quarteirões, o garoto percebeu que o seu perseguidor já havia desistido da empreitada havia algum tempo. Bêbado, o cara nem chegou a passar dos cem metros rasos.

Enquanto recuperava o fôlego, encostado numa árvore, o moleque não conseguia parar de pensar na surra que poderia ter levado, caso o homem o tivesse alcançado.

Naquela mesma noite, enquanto voltava para casa, a frase pronunciada pelo detetive Viana ziguezagueava em seu cérebro: "*(...) vou ficar de olho em você*".

Pela primeira vez, ele foi obrigado a admitir: o policial com cara de cantor de pagode suspeitava dele.

Capítulo 5
OS OLHOS DAS TREVAS

Por mais que tenha tentado se convencer do contrário, o garoto acabou se rendendo à sensação de que podia ter evitado a tragédia.

Sempre que pensava na morte da mãe, ficava ainda mais convencido de que nada se encaixava. Naquela noite, ele dormia no quarto em frente ao dela; então era bem complicado (para não dizer inaceitável) admitir o fato de o garoto não ter ouvido nada. Nenhum barulho. Absolutamente nada que sugerisse que a sua mãe pudesse estar em perigo.

A não ser que o sujeito que tinha cometido o crime, ele conjecturava, fosse um *mestre* em arrombamento com *pós-graduação* em asfixia, ninguém levaria aquela história a sério.

Um mês antes da tragédia envolvendo a sua mãe — ainda nas primeiras noites após a morte do velho Agenor —, o moleque passou a ouvir passos no corredor. Ele poderia até ter perguntado à mãe sobre tais eventos, mas, na ocasião, embora tenha ficado de certa forma aliviada com a morte do marido, ela só conseguia dormir depois de engolir um *Rivotril*. Então, sob o efeito de

ansiolíticos, sua percepção de realidade se distanciara do confiável.

Na segunda noite de pavor, o garoto acordou com a terrível sensação de que não havia ar em seus pulmões. Enquanto isso, os passos continuavam do outro lado da parede. O moleque podia *sentir* algo se movendo, comprimindo as tábuas do assoalho no corredor. Era como se o velho Agenor — aquele filho da mãe convencido — tivesse decidido pôr em prática o seu plano maquiavélico de retornar do inferno para levá-los com ele.

Na noite seguinte, os passos no corredor voltaram a assombrá-lo. *Claro que tinha alguma coisa lá, e* o pior era que o garoto sabia que aquilo não ia parar, ele tinha que encarar a verdade.

A ausência de iluminação no quarto não o impedia de ver o brilho opaco da maçaneta a poucos metros da cama. Ele atirou o cobertor para o lado e tocou o chão. Primeiro, com as pontas dos pés, depois, por completo.

Não, ele não acreditava no que estava fazendo. Aquilo era burrice.

Continuou sentado na cama por um tempo. Posicionou os cotovelos sobre os joelhos e esfregou as mãos (uma, na outra), como se o gesto amenizasse a sua falta de disposição para se levantar. A essa altura, ele só tinha uma certeza: não queria fazer aquilo. O silêncio da madrugada tornava o barulho no corredor ainda mais perturbador. Havia uma sequência lógica e crescente na intensidade dos passos, o que o levou a concluir que seja

lá quem (ou o quê) estivesse do outro lado da parede, se movia lentamente de uma extremidade a outra do corredor.

Levantou-se. Respirou fundo e — *nossa, não acreditava no que estava fazendo* — deu os passos que o separavam do trinco da porta. Girou o dispositivo e mentalmente contou até três antes de pôr o rosto para fora.

Mas o que era aquilo?

Seus olhos já haviam se habituado à escuridão, então ele conseguiu ver um *vulto* inerte no final do corredor.

Aquilo era mesmo real?

Inclinou-se um pouco mais, deixando o rosto totalmente à mostra.

Não, claro que não, sua voz interior tentava convencê-lo. *Essa história de fantasmas não passa de besteira, é só um truque da sua imaginação.*

Besteira ou não, a "*coisa*" no corredor percebeu que alguém a observava e começou a se mover lentamente.

É pura imaginação, sua voz interior insistia. *Basta fechar os olhos — como nos filmes — e quando voltar a abri-los, vai ver que não tem nada lá.*

Não, ele não queria, mas acabou cedendo e fechando os olhos por alguns segundos.

Quando voltou a dirigir o olhar para o fim do corredor, percebeu que "*aquela coisa*" já havia percorrido metade do caminho até ele. Qualquer garoto da sua idade

diria que ele tinha uma alternativa: fechar a porcaria da porta e não dar nem mais um *pio*. Lutava para ignorar a tremedeira involuntária, já que a curiosidade o levava à outra opção: aguentar firme para ver o que aconteceria. Acabou seduzido pela segunda opção.

*Não, isso não pode ser real... R*epetia baixinho, enquanto o espectro se arrastava pelo corredor. Era o velho. Ele não tinha nenhuma dúvida disso, e agora já não dava mais para fugir, estava *ferrado*!

O moleque se encolheu todo e viu aquele rosto mutilado — de onde pedaços de tecido humano em decomposição ameaçavam se desprender — chegar tão perto do seu, que pôde sentir o hálito nojento da morte.

Então ele abriu os olhos e fez o caminho de volta à realidade. Acordou aterrorizado e encharcado dos pés à cabeça. A respiração hesitante. Isso não o impediu de esboçar um sorriso ao se dar conta do que acabara de acontecer. Sentou-se na cama (outra vez), olhou na direção do trinco e teve uma das maiores certezas de toda a sua vida: nada nem ninguém neste mundo o faria abrir aquela porta.

Capítulo 6
O ILUSIONISTA

"É muito estranho que o garoto não tenha ouvido nada", alguém disse, contribuindo com as especulações e boatos maldosos que brotavam como erva daninha e se espalhavam por toda a vizinhança. Todo o mundo tinha uma teoria. O que não ajudava em nada.

Em resposta a uma pergunta do detetive Viana, um dos médicos legistas estimou em três minutos o tempo ocorrido entre o momento em que o assassino pressionou o travesseiro contra o rosto da mulher e o instante em que seu coração parou de bater. Tal fato apontava para uma tentativa malsucedida de se desvencilhar das mãos do agressor. Para o especialista, a mulher havia sim lutado pela vida.

Logo depois que o corpo da mãe do garoto foi removido do local do crime, ele ouviu um dos policiais falar qualquer coisa sobre a ausência de sinais que sustentassem a tese de que a casa pudesse ter sido violada. Na opinião do agente, essa era uma possibilidade improvável. As portas e janelas pareciam intactas, e ele já havia visto casos parecidos com este; então sua intuição o induzia a crer que seja lá quem tivesse entrado naquela residência, não precisara de esforço algum.

— Não dá para ter certeza — foi o que o agente disse ao detetive, que agora balançava a cabeça em silêncio, como se não avaliasse a resposta do policial, e sim a postura do garoto.

O menino estava recostado numa parede próxima à porta do quarto da mãe. Tinha o olhar vago e mantinha o corpo contraído, prendia a respiração. Como se isso — recusar-se momentaneamente a respirar — o isentasse da realidade. Como se a falta de oxigenação no cérebro pudesse consertar tudo, trazer a mãe de volta e deixá-los a salvo. Besteira.

Do lugar onde se encontrava, o garoto podia ver o ferrolho da tranca de segurança da porta principal, preso a uma correntinha cromada, dançando no ar, implorando para ser notado.

— Sabe me dizer se o ferrolho estava na tranca? — o detetive perguntou, projetando a voz na direção do garoto.

— Não tenho certeza... pode ser... acho que sim.

Sua falta de objetividade pareceu irritar o detetive.

— Poderia vir até aqui, por favor?

Sem pressa, ele deu alguns passos em direção ao investigador. Era estranho, mas não se lembrava se na noite anterior a mãe havia colocado o bendito ferrolho na porta. Isso era automático, coisas que as pessoas fazem de maneira quase involuntária, como escovar os dentes de manhã. Você simplesmente faz e pronto. Então, depois de um tempo ninguém mais presta atenção nisso.

De qualquer forma, ele estava sem o menor *saco* para ter aquela conversa agora.

— Escute — o detetive disse —, vou perguntar novamente. E dessa vez, se não for pedir demais, quero que me responda apenas com um sim ou não, certo?

O garoto fez que sim com a cabeça, sem muita convicção.

— Aquele ferrolho — ele apontou para o dispositivo pendurado na porta — estava ou não ativado?

O menino devia ter uns oito anos quando compreendeu que os pais viviam uma crise conjugal sem fim. Desentendiam-se o tempo todo. Sempre que isso acontecia, a mãe o aconselhava a se refugiar no quarto, mas era impossível não ouvir os gritos do pai. Em certos momentos, quando a discussão ficava mais acalorada, o velho Agenor se referia ao filho como "*essa coisinha inútil*" que jamais chegaria a ser a metade do que ele fora na vida. *Tornar-se um jornalista decadente, bêbado e arrogante*. *Qual seria a vantagem nisso?*, era o que a mãe do garoto se perguntava.

Essas discussões normalmente terminavam com o pai dizendo que "*a culpa de tudo isso*" era dela — a mãe. A agressão física vinha logo em seguida. Como se isso o tornasse mais *macho* e menos cretino.

— Não consigo lembrar — ele respondeu, contrariando a orientação do detetive. A frase soou fraca e pouco convincente.

— Tá certo.

Viana não conseguia disfarçar a irritação.

— Talvez alguém tenha entrado por uma das janelas.

— Sem chance — o investigador sacudia a cabeça de um lado para o outro.

— Ué, como pode ter tanta certeza?

Por alguns segundos, Viana o observou com desprezo. O questionamento sugeria uma ofensa à sua inteligência "*Sherlockiana*". Era só uma pergunta. Ainda assim, antes de respondê-la, o detetive fez questão de dirigir um olhar atravessado ao garoto. Havia ali aquele ar de superioridade que a maioria dos policiais costuma ter.

— Chequei todas, pessoalmente.

— E...?

— E o quê?

— Descobriu alguma pista?

Antes de responder, o detetive suspirou, impaciente.

— Estão todas trancadas por dentro — ele disse. — E, a não ser que esse sujeito seja um mágico ou um ilusionista capaz de atravessar paredes num estalar de dedos, a única forma dele ter entrado nesta casa, foi por aqui — acrescentou, apontando para a porta.

— Mas a fechadura está intacta.

— Não brinca!... Eu nem tinha notado!

Viana pareceu se divertir com o próprio senso de humor, mas seu tom debochado não chegou a incomodar.

O garoto sabia que embora o policial agisse como se fosse o cara mais *fodão* do mundo, talvez só quisesse impressionar. Nada, além disso. Esforçava-se para parecer um desses policiais "*marrentos*" de séries de TV. Um sujeito metido a durão, cheio de frases de efeito e olhares intimidadores.

— Talvez alguém tenha uma cópia da chave.

— Alguém, quem?

— Não sei. É só uma ideia.

Viana chacoalhou a cabeça mais uma vez. Em seguida, colocou uma das mãos sobre o ombro do garoto e saiu sem dizer nada.

No quarto, alguns agentes da perícia ainda avaliavam a cena do crime.

Capítulo 7
O OUTRO

O homem sentado numa poltrona (cuja estampa lembrava o tom de pele humana) usou o dedo indicador para ajeitar os óculos sobre o nariz. Fez isso de maneira tediosa, por isso o garoto teve a sensação de que o sujeito estava prestes a cair no sono. Era isso, ou não acreditara em nada do que acabara de ouvir. Ficou o tempo todo em silêncio, e nas poucas vezes em que seus olhos encontraram o rosto do garoto, não deixaram escapar nenhuma expressão que indicasse surpresa ou interesse.

Ouviu toda a história como se praticasse um ato de benevolência, o que obrigaria seu interlocutor a demonstrar alguma gratidão no final.

Sentado numa cama com elevação na cabeceira e grades nas laterais, o garoto olhou na direção da única janela existente no ambiente e — através das cortinas — percebeu que a claridade que vinha de lá era tão intensa, que seria impossível saber quanto tempo já tinha passado desde que começara a contar a sua história. Ele, o garoto, havia acordado naquele quarto. Simples assim. Abriu os olhos e estava ali.

Só não sabia como tinha ido parar naquele lugar.

Agora, o ar rançoso do ambiente e a alta temperatura o incomodavam. A atmosfera começava a

ficar pesada e o garoto não tinha a menor ideia de onde estava. Um lugar bem cuidado, é verdade. Mesmo assim, não ia além de um cômodo comum, onde *as paredes eram brancas.* Aliás, tudo ali era branco como o manto sagrado da Virgem Maria. O teto, o piso e até os móveis — exceto pela poltrona ocupada pelo homem — eram brancos. Um grande casulo imaculado com um pequeno ponto de interrogação no meio. Um pensamento perturbador.

Sem pressa, o sujeito apoiou as mãos nos joelhos, levantou-se e caminhou na direção do garoto, que o acompanhava com os olhos. Trouxe uma prancheta — dessas utilizadas em prontuários médicos. Colocou-a sobre uma cômoda e em seguida retirou uma caneta *Bic* de cor azul do bolso superior do jaleco. O homem estava a menos de dois metros do moleque, que só agora percebeu que havia algo errado com olho direito do sujeito à sua frente. Uma pele fina e esbranquiçada cobria toda a área onde deveria estar a íris.

A pouca distância também o fez prestar atenção naquele penteado engraçado. Mas o que era aquilo? Numa tentativa desastrada de disfarçar uma calvície em estágio avançado, o homem tinha puxado para frente, tufos de cabelo — que deveriam estar na parte posterior da cabeça —, tornando a coisa toda muito pior. Aquilo era mesmo constrangedor. O garoto fez menção de rir, mas foi interrompido.

— Esteve procurando nos lugares errados — o homem disse, pronunciando a frase com a mesma naturalidade de quem toma um copo d'água.

— Como é que é?

A desconfiança estava nos olhos do garoto.

— É isso mesmo que você ouviu.

— Tá falando do quê?

O homem ficou observando aquela *figura* sobre a cama, como se não esperasse nada diferente daquela reação. O garoto retribuiu o olhar; e depois de passar alguns segundos num vai e vêm entre o olho bom e o cego, pôde identificar naquele rosto uma vaga expressão de deboche.

— Estou falando do assassino dos seus pais... — ele fez uma pausa intencional antes de repetir a frase reforçando cada palavra, como se quisesse enfiá-las goela abaixo — você esteve procurando nos lugares errados.

— Aham — o tom sarcástico na voz do garoto passou longe de ter o efeito desejado. Agora, a expressão no rosto do homem era a de pura indiferença. Nada, além disso.

— Bem, você ainda quer encontrá-lo, não?

— Tá de brincadeira, né?

Era uma *pegadinha*. Só podia ser. O garoto não conseguia pensar em nenhuma outra explicação. Um sujeito esquisito fazendo perguntas idiotas. O que mais podia ser? Era claro que ele queria saber sobre o assassino dos seus pais. Mas duvidava que aquele homem — um

careca disfarçado de cabeludo — pudesse ter alguma informação séria sobre o assunto.

— Só vai encontrá-lo quando puder aceitar — o homem insistiu.

— Aceitar?... Sei...

— Estou falando sério.

— Tá certo.

O garoto suspirou, estressado. A verdade era que ele já estava de saco cheio de toda aquela conversa *fiada*. E aquele homem? O que mais ele poderia querer senão tirar proveito da situação? *Mas que proveito, Deus do céu!* Ele já não sabia mais do que estava falando. Nada fazia sentido.

— Tem que aceitar a verdade, meu amigo.

— Tem que aceitar a verdade — o garoto repetiu, adotando um tom intencionalmente depreciativo. Talvez não conseguisse nada, além disso. Tentar ridicularizá-lo. Como se o sarcasmo fosse uma espécie de arma secreta e pudesse lhe dar alguma vantagem. No fundo ele sabia que não. *E afinal, que lugar era aquele?*

— Não faça isso.

— Isso o quê?

— O que está tentando fazer. Não vai funcionar.

O garoto se conteve. Provocar o sujeito não era a melhor ideia do mundo. Sem contar que além de não saber onde estava, ele agora se via diante de um completo desconhecido, e o pior, tinha cada vez menos certeza se podia confiar no cara.

De qualquer forma, ouvir o que homem tinha a dizer também não era o fim do mundo.

— Tudo bem, escute — o homem disse —, vou lhe apresentar o cara que assassinou os seus pais. Espero que consiga lidar com isso.

O garoto ficou paralisado, estudando o rosto do homem à sua frente. Não conseguia disfarçar a excitação. Por um instante, teve medo da frase que viria a seguir. A temperatura tinha disparado nos últimos minutos, e agora o único som que se ouvia era o que vinha lá de fora; um ruído intermitente dos motores dos carros rasgando as ruas e avenidas. Uma sinfonia à combustão.

Ele continuava de olho no homem que, *sabe Deus porque*, agora prometia fazer o que o detetive Viana não tinha conseguido.

— Tem ideia de que lugar é este? — seu tom era nostálgico. A maneira como dirigiu o olhar, fez o garoto acreditar que deveria saber a resposta. Não sabia.

— Não sei por que tanta enrolação. É só dizer o nome.

— Não estou enrolando, estou lhe fazendo uma pergunta.

Pergunta?... *Claro que ele não sabia que lugar era aquele. Como poderia saber?* A expressão de ousadia no rosto do sujeito, era de doer.

— Olha, eu não tô nem aí pra você e nem pra essa porcaria de lugar. Se quiser falar, tudo bem; se não quiser, foda-se!

— Não queira me ver irritado, David — ele retrucou. Sua autoconfiança ameaçava se desintegrar.

Essa era a primeira vez, desde a morte da mãe, que o garoto ouvia alguém pronunciar seu nome. "Deived" com "d" no final, e não "Davi", como a maioria dos professores insistia em pronunciar na hora da lista de chamada na escola. Tinha sempre um engraçadinho do "fundão" que gritava: "Davi matou Golias". Como se isso fosse uma porra de piada, e o pior, como se essa fosse a piada mais engraçada do mundo.

D-A-V-I-D. Cinco letras que de alguma forma resgatavam um pouco do que o garoto fora antes de toda essa tragédia. Embora seja um nome bíblico, a mãe do garoto sempre deixou claro que a religião nunca fora sua fonte de inspiração no momento da decisão. *David Copperfield*, esse sim tinha tudo a ver. Segundo ela, a ideia de pôr este nome no registro de nascimento do garoto, surgiu no que ela mesma chamava de "uma homenagem" a *David Copperfield,* um mágico ilusionista americano, que durante a década de 1980, conquistou milhões de admiradores pelo mundo afora, escapando ileso de armadilhas bizarras, fazendo trens desaparecerem, levitando, voando e inventando todo tipo de *coisa* capaz de enganar o olho humano.

Homenagem... Se pelo menos o cara fosse bonito, até dava para entender.

— Certo, desembucha, o que você sabe sobre a morte deles? — David perguntou, abaixando a guarda.

— Você se acha muito esperto, né?

É um babaca mesmo, pensou.

— É um ponto de vista — respondeu.

— Nunca vai conseguir pegá-lo.

— Tá falando do quê?

— Bem, o que eu estou tentando dizer é que não há como fazê-lo; pois, ele já pegou você, compreende?

David sorriu. Quase deixou escapar uma gargalhada. O cara parecia mais enigmático do que o *Mestre dos Magos,* da "*Caverna do Dragão*", e não dizia coisa com coisa.

— Olha só, sem querer ofender, tá?..., mas até agora eu não entendi *merda* nenhuma do que você disse. Custa ser um pouco mais claro?

O homem suspirou antes de continuar.

— Vamos lá, dê uma boa olhada à sua volta — ele disse, girando a cabeça, como se o gesto apresentasse todo o ambiente. — Isso aqui não é nenhum parque de diversão, você está num hospital psiquiátrico.

— Hospital Psiquiátrico?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Hospital Psiquiátrico São Judas Tadeu, para ser mais exato.

— E você é quem mesmo?... — o garoto esperou que homem se apresentasse.

— Doutor Alberto Levi de Melo — ele fez uma pausa. — Sou o responsável, ou melhor, o médico psiquiatra-chefe deste lugar — acrescentou.

— Hospital?

— Exatamente.

— Psiquiátrico?

— Foi o que eu disse.

— Tá me zoando?

— Pareço estar?

David correu os olhos pelo ambiente do quarto. Tudo indicava que o sujeito à sua frente pudesse sim estar dizendo a verdade. O branco das paredes, o formato peculiar dos móveis, o brilho nostálgico dos ladrilhos. É, ele estava mesmo num hospital, mas ainda tinha dúvida sobre a autenticidade da identidade do homem. Não, ele não tinha cara de médico. Tinha era cara de verdureiro, isso sim. Parecia o *seu* Júlio da frutaria.

De qualquer forma, agora uma nova pergunta o atormentava: por que ele, David, tinha ido parar naquele lugar?

Olhou para o suposto médico e esperou que ele continuasse seu discurso, mas o Dr. Levi se calou. Apenas retribuiu o olhar e permitiu que David tomasse a dianteira e fizesse a próxima pergunta.

— Então quer dizer que estou doente?

— Me diga você — o Dr. Levi indagou, sem nenhum entusiasmo —, como se sente?

— Ah, melhor impossível!

David observava com discrição a porta do quarto. Quem sabe se ele fosse rápido o suficiente, talvez pudesse alcançá-la antes que o médico — se é que aquele sujeito

era mesmo um psiquiatra — esboçasse alguma reação. Embora soubesse que não seria tão simples assim dar o fora daquele lugar. Olhou mais uma vez, queria se certificar de que não havia uma chave na fechadura, o que poderia ser um indício de que a porta estivesse destrancada. Era uma possibilidade. Mesmo se a porta não estivesse trancada, certamente haveria alguém vigiando do lado de fora. Se aquele lugar fosse mesmo um hospital, deveria ser composto por vários corredores, e seria ingenuidade do garoto presumir que conseguiria atravessá-los sem chamar a atenção.

Ele olhou para a única janela do quarto, e o cenário também não era nada animador. Apesar do clarão — que vinha de fora —, as paredes estavam cobertas por cortinas brancas, dessas feitas de um material plástico ou algo do tipo.

— Escute — o psiquiatra disse, enquanto desviava o olhar para um dos cantos do quarto —, não há com o que se preocupar, quero apenas lhe fazer algumas perguntas, compreende?

David o viu se afastar. O momento perfeito para sair correndo. Só que o homem não parecia preocupado com essa perspectiva. Sem pressa, ele deu alguns passos em direção a uma cômoda e olhou para a mesma prancheta que havia deixado lá minutos antes. Agora sua atenção não estava mais em David. Então o garoto considerou a possibilidade de ouvir o que o tal psiquiatra tinha a dizer antes de tentar qualquer coisa.

— Tá bom — respondeu.

— Certo!

Quando retornou para perto de David, o médico apalpou o bolso do jaleco e escolheu uma caneta preta, ignorando a azul e a vermelha que também se enfileiravam lá.

— Pode me dizer seu nome completo?

David suspirou, torcendo a cara, mas não havia outra maneira de descobrir quem era aquele homem e o que de fato ele queria.

— David Pereira de Lima.

O psiquiatra anotou em algum lugar na folha sobre a prancheta.

— Cidade e estado onde mora.

Um novo suspiro, mas sem objeção.

— Foz do Iguaçu, Paraná.

— Certo! — ele respondeu, anotando.

— Pode me dizer sua idade?

— Treze anos.

Ele anotou. Mas antes lançou um olhar sobre os óculos, que agora estava novamente posicionado sobre a ponta do nariz.

— Hum... — ele levou alguns segundos até completar a frase — você tem irmãos?

— Não.

— Você seria capaz de me dizer o nome completo do seu pai?

David sentiu imediatamente o sangue fugindo do rosto. Qualquer um que olhasse para ele perceberia seu estranhamento. E que pergunta era aquela? Como assim, não ser capaz de dizer o nome do próprio pai? Ainda mais se tratando de um cara como o velho Agenor.

— Tá de brincadeira, né?

O psiquiatra continuou olhando para a prancheta.

— Apenas responda, por favor.

— Para com isso. Nós dois sabemos muito bem que ele está morto, certo?

— Não foi esta a pergunta que eu lhe fiz.

— Olha só, acho melhor a gente parar por aqui, isso não vai dar certo... É melhor dar um *basta* nessa palhaçada.

— Ei, calma aí, rapaz... relaxa — o Dr. Levi disse, fugindo do seu habitual tom sério. — Não precisa se estressar!

A última coisa que passava na cabeça de David naquele momento era relaxar. Como não se estressar? Tinha aprendido — por experiência própria — que interrogatórios naturalmente geram desconforto. É inevitável. Já tinha passado por isso antes com o detetive Viana. Se bem que vindas da boca de um policial, perguntas geralmente soam como algo necessário, mas agora?

— Só queria entender o motivo de tanta pergunta.

— Escute — o psiquiatra retrucou —, ao contrário do que parece, não estou aqui para bancar a babá de

ninguém, compreende? Acredite, eu não me importo com as suas crises de consciência, então não perca seu tempo. Além do mais, eu não estou com a menor disposição para ficar aguentando *chiliques*.

David resmungou qualquer coisa. Mesmo sem decifrar o que foi dito, o psiquiatra interpretou o ruído como um "sim".

Voltou a olhar para a prancheta e continuou com as perguntas.

— Sabe que dia é hoje?

David esboçou um sorriso, mas, tudo bem.

— Quinta-feira.

— A data completa, David.

Sorriu de novo, totalmente puto.

— Quinta-feira, 17 de junho de 2006.

— Certo — o psiquiatra respondeu, enquanto girava o corpo na direção contrária —, deixe-me lhe mostrar uma coisa.

Seguiu até a cômoda novamente, abriu uma das gavetas e retirou algo lá de dentro. Um espelho.

Voltou a se aproximar de David e ergueu o objeto até a altura do seu rosto. O garoto quase teve uma parada cardíaca ao ver a imagem à sua frente.

— Mas... esse não sou eu.

— Diga-me, o que você vê, David?

Aquilo só podia ser um truque. O que os olhos de David viam naquele espelho era o rosto de alguém bem mais velho que ele. Alguém com uns vinte e poucos anos,

calculou. Um homem de cabelos escuros (na altura dos ombros) e uma barba por fazer e com aspecto de suja. Tinha a região dos olhos, tomada por manchas escuras.

— Não pode ser...

Continuava encarando o rosto projetado no espelho. Por mais que tentasse, não conseguia pensar em nenhuma explicação para o que estava acontecendo. Aquele não era o rosto dele.

Numa atitude desesperada, apalpou — com as pontas dos dedos — cada centímetro do seu rosto, como um cego tateando à procura de algum traço familiar. Nada!

— Não está reconhecendo o próprio rosto, não é?

— Isso é impossível!

— Procure se acalmar.

— Isso é loucura!

— Respire.

Respirar?... Não, isso não parecia possível. Estava sufocando. Um suor frio percorria seu corpo. Suas mãos tremiam e ele lutava por uma dose de realidade. Respirar... respirar... Encheu os pulmões. Prendeu a respiração por três ou quatro segundos antes de expelir o ar de volta. Repetiu o procedimento outra vez. Mais uma vez. O controle estava parcialmente de volta.

— Há quanto tempo estou neste lugar?

— Tenho visto esta cena se repetir há anos.

— Quanto tempo? — David insistiu.

O Dr. Levi suspirou longamente, enquanto recolhia o espelho e o colocava de volta na cômoda. — Você tem repetido essa mesma história nos últimos dez anos.

— Impossível.

— Acredite, temos feito o nosso melhor.

O psiquiatra o analisava com frieza.

— Não pode ser... Isso não faz sentido.

— Encare a realidade — o Dr. Levi advertiu, enquanto caminhava em direção à porta do quarto —, estamos em 2016... é uma pena que não tenha percebido isso.

Um misto de frustração e impotência. Era assim que David se sentia. Não conseguia admitir, mas talvez ele tivesse enlouquecido mesmo. Que outra explicação haveria?

— Que se dane!

David correu na direção do psiquiatra, que imediatamente percebeu a sua intenção e — num movimento rápido demais, considerando sua idade — se lançou contra a porta. Seja lá quem estava do outro lado, não perdeu tempo e a trancou por fora no mesmo instante.

— Desculpe, mas você não pode sair — o psiquiatra disse, se posicionando com as costas rente à porta.

— Não pode me manter preso aqui.

— Ah, posso sim!

— Mas eu não fiz nada!

Ele ignorou os apelos de David.

— Eu não me importo.

Não se importava mesmo. Continuava *colado* na porta, feito um cão de guarda, disposto a fazer o que fosse necessário para garantir que o seu paciente não sairia daquele quarto.

— O que você quer de mim?

— E quem disse que eu quero algo de você? — o psiquiatra voltava a se aproximar de David, mantinha uma das mãos estendida, como se tentasse adestrar um cavalo xucro. — Mas já que você insiste em ver as coisas dessa maneira, por que não tenta se acalmar?... Assim — ele fez uma pausa —, quem sabe eu lhe conte toda a verdade, novamente.

— Novamente?...

David agarrou a maçaneta e a girou, em vão.

— Pare de agir feito uma garotinha histérica — o Dr. Levi apontava o dedo indicador na direção do nariz do rapaz. — Afinal, você quer ou não saber a verdade sobre os seus pais?

— Sai da minha frente!

David se desvencilhou do homem e socou a porta, uma, duas, três vezes. Exceto pelo barulho causado pelas pancadas, nada mais aconteceu. Ele já devia saber disso.

— Acha mesmo que consegue viver assim?

É curioso o que o instinto de sobrevivência pode fazer com uma pessoa. David não pensava em mais nada além de dar o fora daquele lugar. Decidira que não

consideraria mais nenhuma palavra que viesse da boca daquele sujeito, e agora seu cérebro estava ocupado, avaliando a situação, tentando encontrar uma maneira de convencer o homem do lado de fora a abrir a *maldita* porta. Como se isso fosse possível. Tinha consciência do absurdo que essa ideia significava, mas... ele precisava tentar alguma coisa.

O psiquiatra insistia movendo os lábios de forma sistemática, mas David se recusava a ouvi-lo. Ceder à argumentação do Dr. Levi envolvia mais do que coragem; significava negar pelo menos doze anos de sua existência; dar boas-vindas à demência que lhe era atribuída. Nenhum ser humano está preparado para lidar com uma coisa dessas. Então ele tentou tocar a maçaneta novamente, fez isso sem saber por quê. Num gesto puramente instintivo o psiquiatra procurou impedi-lo, embora não houvesse necessidade, já que a porta estava trancada por fora.

— É melhor parar com isso! — o psiquiatra alertou, pressionando seus cinco dedos contra o pulso do rapaz.

David recuou.

Inicialmente, o Dr. Levi apenas o acompanhou com os olhos. Em seguida, tratou de diminuir a distância entre os dois, e sem nenhuma cerimônia explicou ao rapaz que a sua vida miserável — ou o que restou dela — agora lhe pertencia.

ØØØ

Em seu relato, o psiquiatra afirmava que quando o pai de David foi assassinado, dez anos antes (de acordo com ele), os policiais que investigaram o caso ficaram intrigados com a aparente falta de pistas. Naquela noite, embora o assassino estivesse a menos de cinquenta metros da vítima, ninguém soube descrevê-lo com o mínimo de precisão.

Por outro lado, ainda que fosse dado a um estilo de vida desgraçado, o velho Agenor não tinha nenhum inimigo — declarado — ou alguém que pudesse estar interessado em vê-lo dentro de um caixão.

A verdade era que, à medida que a investigação avançava, os agentes se convenciam de que o homem tinha um *dom* especial no trato com as pessoas, e além da admiração de praticamente todas as putas e bêbados da cidade, o sujeito também contava com a simpatia de uma grande parcela dos *cidadãos respeitáveis*. Um farrista assumido, que sabia muito bem como ocultar sua conduta nada *distinta* com a família.

Uma dúvida logo se apoderou da linha de raciocínio do detetive Viana e dos agentes envolvidos no caso: *seria possível que alguém da família estivesse envolvido no assassinato de Agenor?*

No começo, a suspeita parecia absurda, mas ganhava corpo quando se considerava a possibilidade de

que o velho não teria nenhuma dificuldade em pendurar no próprio pescoço uma dessas medalhas douradas, caso a *canalhice* fosse considerada uma modalidade Olímpica.

Além da curiosidade, um certo temor também acenou para David quando o psiquiatra introduziu a sua mãe na história. O que o maldito psiquiatra "verdureiro" poderia saber sobre ela? Havia uma calma insuportável no modo como o Dr. Levi se expressava. O ritmo contínuo da fala, sem que nenhuma palavra merecesse qualquer destaque. Elas, as palavras, fluíam naturalmente, como um rio que corre ao acaso. O médico parecia mesmo habituado aos fatos que narrava.

— Sabe, não é nada pessoal — o olhar do psiquiatra revelava uma dose de tédio —, mas estou começando a ficar incomodado de ter que ficar repetindo essa história.

Mas do que ele estava falando? David não queria interrompê-lo, então imaginou que pudesse aproveitar a pausa para esclarecer a parte do "repetindo essa história", e chegou a abrir a boca, mas desistiu no meio do caminho. Pura perda de tempo, ele pensava. Esse é o tipo de gente que só responde aquilo que acha conveniente.

O psiquiatra prosseguiu.

— Foi grande o espanto dos policiais — ao menos foi isso o que saiu na imprensa — quando a sua mãe, conduzindo um embrulho de formato suspeito, atravessou o corredor da delegacia e seguiu direto para a sala do

delegado Silvério. Ela colocou o pacote sobre a mesa, e de lá retirou um objeto. Um revólver calibre 38. Qualquer sujeito — qualquer um mesmo — pode adquirir facilmente um 38, e por uma mixaria, numa dessas lojas espalhadas pelo Paraguai.

Seu instinto materno a alertava. As mães pressentem essas coisas. Só que às vezes é menos doloroso ignorar o óbvio.

Questionada pelo delegado, sua mãe afirmou ter encontrado a tal arma escondida em um compartimento *secreto* no guarda-roupa do próprio filho, que no caso é *você*. Ela temia que o seu pressentimento inicial evoluísse para o *status* de verdade incontestável, o que inevitavelmente acabou acontecendo alguns dias depois, já que um exame balístico atestou que o projétil que foi parar no pescoço do seu pai havia saído da mesma arma.

Diante da situação, o detetive não tardaria a convidar *você* para uma *conversa* acerca dos acontecimentos. Sabia que o fato de você ser menor de idade o impossibilitava de colher um depoimento oficial, então adotou um tom que sugeria uma conversa informal, quase entre amigos.

Já nos primeiros minutos de conversa, ficou claro para Viana que você — na época, um garoto franzino — apresentava algum distúrbio. Confrontado sobre a origem da arma, você (nas palavras do próprio Viana) disse um monte de *baboseiras,* e ao invés de se defender da suspeita que recaía sobre os seus ombros, optou por mergulhar

num mundo despropositado e fantasioso onde serpentes do mal, disfarçadas de humanos, habitavam as ruas da cidade travando uma luta descomunal contra anjos enviados por Deus para livrar a Terra de todo o pecado acumulado ao longo dos séculos.

Alternando momentos de aparente lucidez e de pura demência, você alegava ter sido designado para se unir a seres celestiais com a missão de arrancar o coração dos impuros. A contradição surgia quando você se declarava inocente em relação ao assassinato do Sr. Agenor, o seu pai.

Enquanto colhia dados suficientes para uma decisão penal, a justiça o permitiu ficar em liberdade, porém, após o evento envolvendo a morte da mãe, seu recolhimento imediato foi requerido, visto que sua instabilidade mental não era mais segredo para ninguém na área policial, e os agentes suspeitavam de que lhe seria atribuído também o assassinato dela.

Em poucos dias, um advogado chamado Raimundo Meireles, um velho amigo de seu pai, conseguiu colocá-lo em liberdade sob a alegação de que tudo o que você precisava era de um tratamento psiquiátrico e não de uma prisão reeducativa para menores. Não se sabe se ele estava realmente inclinado a acreditar em sua inocência ou se ficou fragilizado ao ver o filho do amigo naquela situação, mas, até onde se sabe o sujeito não cobrou um centavo sequer por sua defesa.

O processo se arrastou por quase um ano, até que finalmente um laudo médico comprovaria seu grave distúrbio de personalidade. Até as almas mais bondosas custavam a acreditar que um garoto de 11 anos pudesse se transformar em alguém capaz de matar os próprios pais. Então, quando o juiz proferiu a sentença, muitos dos que acompanhavam o caso a acharam um tanto branda, tendo em vista a gravidade e a premeditação dos crimes. Mandá-lo para um hospital psiquiátrico soava, para algumas pessoas, como uma viagem de férias. Mesmo assim a sentença foi mantida, e desde então você tem permanecido trancafiado aqui neste hospital.

De tempos em tempos, talvez impulsionado pela lembrança de um passado que nunca existiu, você nos repete toda essa história de *órfão-em-busca-do-assassino-dos-pais*, sustentando ser inocente e estar em plenas faculdades mentais.

Confesso que algumas vezes, fiquei tentado a acreditar nisso, mas, geralmente no dia seguinte você voltava a ser o David que conhecemos.

— O assassino dos seus pais, está aqui — o psiquiatra disse, golpeando por duas ou três vezes o peito de David com o dedo indicador. — Embora você não aceite, ele está em algum lugar aí dentro.

Nos minutos seguintes, o silêncio que se instalou no ambiente só foi interrompido pela voz firme do psiquiatra ordenando que a porta fosse aberta. Ela se

abriu, emitindo um som lamurioso. Em seguida, o Dr. Levi abandonou o quarto.

Para David, tudo o que restou foi o ruído da chave sendo girada na fechadura.

Do lado de fora, os passos do psiquiatra e de seu acompanhante, ecoaram no corredor até desaparecerem por completo.

Capítulo 8
O PREÇO

Março – 2016.
TRÊS MESES ANTES.

Não fosse pelo insistente toque do telefone celular, aquele momento não teria sido mais que um estúpido transcorrer do tempo numa tarde qualquer de outono. O céu, onde um sol acinzentado se rendia às baixas temperaturas, poderia induzir corações com tendências nostálgicas a momentos de melancolia ou de euforias filosóficas.

O Dr. Levi correu os olhos pelo visor do aparelho e notou que o número estampado lá não pertencia a nenhum dos seus contatos. Ainda assim optou por atender à ligação.

Do outro lado da linha, um sujeito cuja voz parecia ter saído de algum personagem de um filme baseado nos contos de Edgar Allan Poe, se dirigia ao psiquiatra como se fossem velhos conhecidos.

— Como vai, meu caro?

O psiquiatra hesita. Recorre a um banco de vozes imaginário. Como dizem por aí: "puxa pela memória", numa tentativa de identificar o dono daquele timbre. Nada. Conclui que nunca o ouviu antes, ou ele se lembraria.

— Desculpe-me... por acaso conheço o senhor?

— Tem feito um ótimo trabalho, doutor.

— Escute, amigo — a voz do médico indica exaustão —, não quero parecer rude, mas estou um pouco atarefado por aqui, compreende? Então, se puder ser breve, lhe serei grato.

A formalidade adotada pelo psiquiatra parece não incomodar seu candidato a "velho amigo", que não perde tempo. A resposta, um clichê desses que deveriam ser punidos com pena de morte, chega quase no mesmo instante em que o Dr. Levi fecha a boca.

— Às vezes, as melhores oportunidades surgem nos piores dias, doutor — ele faz uma pausa, espera algum comentário do seu interlocutor, que se mantém em silêncio. — E hoje pode ser o seu dia — completa, satisfeito.

Num gesto involuntário, o psiquiatra retira os óculos e passa rapidamente o antebraço na testa, quer secar um suor que não existe, e não, o sujeito na *linha* não o compreendeu. A palavra "ocupado" talvez tenha outro significado para ele, e pelo modo como começou, essa não seria uma conversa breve.

— Escute — o Dr. Levi começa —, a não ser que o Criador o tenha enviado como um maldito *anjo de luz,* capaz de me redimir de todos os pecados — e olha que não são poucos —, não consigo encontrar outra razão para continuarmos essa conversa, compreende?

Recoloca os óculos. Aproveita o movimento para consultar o relógio pendurado em seu pulso peludo. Cinco e cinquenta e oito da tarde, e ele ainda tem tanto trabalho a fazer. *Imbecil*!

— Tenho uma proposta a lhe fazer. Algo que pode mudar tudo — o homem retruca. — Mas temos que conversar pessoalmente. Diz isso sem se importar com a resposta do psiquiatra. Não quer saber. É como se o Dr. Levi tivesse dito: "Delícia de friozinho, hein?... Que tal um chocolate quente depois do expediente?".

— Não estou interessado.

— Mas vai ficar.

O Dr. Levi respira fundo. Sorri. Não é um sorriso de verdade. Está mais para aquela expressão que surge quando estamos irritados com algo que não conseguimos evitar. Impotência, é como chamam.

Pessoas com depressão, transtorno bipolar, esquizofrenia, surtos psicóticos; essa é a sua rotina. Está habituado a lidar com todo tipo de gente. "Seu maluco desgraçado, tenho mais o que fazer", ele quer dizer, mas fica quieto. Adiantaria desligar o telefone e tentar encerrar a conversa? O cara certamente ligaria de volta e continuaria enchendo o saco, não é assim?

Sabe que algumas pessoas se tornam ainda mais enfadonhas quando contrariadas. Então decide simular interesse. Acredita que assim, seja lá quem esteja do outro lado da linha o deixará em paz.

— Tudo bem, onde posso encontrá-lo? — pergunta, naturalmente sem nenhuma intenção de levar aquela história adiante.

— Não se preocupe. Nós o encontraremos.

A ligação é encerrada.

— Nós? — o médico sussurra, enquanto coloca o celular de volta no bolso do casaco. Por algum tempo observa o entardecer através da janela, e quando se dá conta, o tom dourado do crepúsculo começa a se fundir com uma escuridão ameaçadora, que abocanha a cidade e devora gradualmente qualquer resquício deixado pelo sol. Agora, dezenas de postes raquíticos enfileirados ostentam seus pontos luminosos revelando ruas solitárias.

Ele suspira. Está com um mau pressentimento. Algo lhe diz que a partir de agora, sua alma tem um preço, e o sujeito com quem acabara de falar ao telefone sabe disso.

A boa notícia é que a conversa nem foi tão longa assim.

Capítulo 9

DIA DE VISITA

Quando ele acorda, dá de cara com um teto imaculado que o encara de volta. A claridade despejada por uma grande lâmpada fluorescente o faz apertar os olhos. O rapaz leva alguns segundos até perceber que está no mesmo quarto onde acordara no dia anterior, ou teria sido há uma semana?

Inclina-se para frente — numa tentativa desajeitada de se sentar na cama — e sente a cabeça latejar. O estômago também reclama e revira feito uma dançarina de Axé. Terá sorte se conseguir segurar o vômito. É uma sensação desesperadora.

Uma vez, viu num desses programas de TV, que movimentos circulares — com a palma da mão — na altura do estômago podem ajudar. Não é que funciona mesmo?

Apesar da luminosidade, David não consegue identificar se é dia ou noite.

Está distraído tentando se lembrar de trechos da conversa que tivera com o Dr. Levi, quando a chave gira na fechadura. Deixa-se cair para trás novamente. Deita-se e puxa o lençol até a altura da cabeça. Droga, o estômago voltou a revirar!

Fingir estar dormindo, essa é a ideia.

A porta se abre.

— Vamos, levante-se e venha comigo, agora — é o que diz um sujeito forte e mal-encarado. Sua aparência não lembra em nada o Dr. Levi.

Embora o jaleco branco o deixe com um aspecto sisudo, o rapaz deve ter a mesma idade que David. Talvez dois ou três anos mais velho. De perto, David percebe que o cara é mais baixo do que ele supunha. Calcula um metro e setenta, um e setenta e cinco, no máximo. Tem o cabelo cuidadosamente moldado em gel — o que destoa um pouco da imagem séria que ele tenta passar. Seu tom de voz é severo, e isso faz David pensar naquele tipo de sujeito que sempre espanca os mocinhos nos filmes.

— Para onde? — David pergunta. — Posso falar com o Dr. Levi, antes?

Ele franze a testa.

— Sem perguntas. Mexa-se!

— Só quero saber para onde a gente vai — O rapaz insiste. Embora saiba que a sua chance de obter uma resposta é a mesma que ganhar na loteria.

O fortão ignora a pergunta. Não quer responder. Em vez disso, apenas se posiciona ao lado de David e lhe oferece o ombro como apoio.

— Consegue andar?

David faz que sim com a cabeça. Levanta-se, escorado no homem de jaleco.

Não dá nem três passos e já sente os músculos se contraírem. Fisgadas. Uma dor danada. Não está

preparado para isso. Mesmo assim segue apoiado nos ombros do sujeito. Por um instante a expressão de sofrimento se desfaz e David sorri baixinho. O homem fica sem entender que o motivo do sorriso é o camisolão — com uma abertura escandalosa na parte de trás — que deixa a bunda do rapaz à mostra toda vez que ele dá um passo adiante. Uma piada miserável: é isso o que ele é.

Quando atravessam a soleira da porta, David se surpreende com a extensão do corredor. É maior do que ele imaginava. A iluminação — que em sua opinião parece mais intensa do que no interior do quarto — vem de grandes refletores posicionados no teto. Nas paredes, surgem dezenas de portas com vistas cor-de-creme, todas fechadas.

Arrasta-se ao lado do desconhecido. Um homem cuja verdadeira intenção ainda é um mistério. De qualquer forma, agora estão no corredor. Melhor do que preso naquele maldito quarto. Além do mais, talvez ele tenha alguma oportunidade de dar o fora deste lugar. Ao menos é esse o pensamento que David alimenta à medida que avançam corredor adentro. O que também pode ser uma bobagem, considerando que o seu condicionamento físico não é compatível com o que o cérebro planeja. Não há outra opção — pelo menos por hora — senão aceitar o fato de que a ideia de se desvencilhar daquele sujeito e sair correndo dali é simplesmente ridícula.

Seguem em frente; e quando chegam ao fim do corredor encontram uma espécie de bifurcação. David é

conduzido ao corredor da direita, e este se revela menor e mais estreito do que o anterior. Agora, quase todas as portas estão entreabertas. David aproveita um minuto de distração do sujeito ao seu lado e dá uma rápida espiada no interior de um dos quartos. Não há ninguém lá, mas o rapaz vê algo que lhe chama a atenção: a abertura de uma janela. As cortinas estão afastadas da vidraça, o que lhe rende mais duas descobertas. A primeira, é que ainda não anoiteceu. David vê a luz do sol invadindo o ambiente. A segunda, é que não há nenhuma grade de proteção lá. E isso o leva à suposição de que todas as janelas do prédio sejam iguais, inclusive a do quarto onde estava agora há pouco.

øøø

Cruzam os corredores e finalmente chegam a um quarto muito diferente dos anteriores. Este fica do lado direito no fim do corredor e é maior e mais equipado do que os demais. O homem — que até agora serviu de ponto de apoio a David — para diante da porta e assume a postura de um segurança. Ele cruza os braços e acompanha o rapaz com os olhos, indiferente.

Dentro do quarto, David é recebido por outro sujeito. O homem faz um gesto sutil com a cabeça, mas o rapaz não gesticula de volta. Não vê razão para cortesias.

Percorre o ambiente com os olhos e nota que o quarto está tomado por equipamentos hospitalares. É muita coisa, ele pensa. Sente o coração encolher.

Dezenas de cabos, fios, tubos e botões convivem em harmonia com monitores de vários tamanhos. Telas com linhas irregulares e números multicoloridos. Coisa de filmes envolvendo moribundos, onde a máquina sempre termina exibindo uma imagem com um dueto macabro: uma linha — que abruptamente passa a ser contínua — e um "bip" irritante percorrendo a tela do aparelho diante da expressão de perplexidade e desânimo de alguma equipe médica.

David é conduzido a uma cama, que se mantém intacta em meio a toda essa parafernália. Do lado esquerdo, uma máquina — que na opinião de David, mais parece um robô do filme "*Guerra nas Estrelas*" — o encara com seus múltiplos olhinhos de LED, intimidadores. Na parte superior (sobre a cabeceira da cama), tentáculos em forma de tubos brotam aos montes, decididos a convencê-lo de que só estão ali para sua própria segurança. A contragosto, o rapaz se senta na beira da cama.

O homem, que aparentemente não está nem aí para a curiosidade de David, agora demonstra habilidade na manipulação de uma... *caramba, isto é uma seringa?* Exibe seus dentes amarelos num sorriso malicioso ao perceber que David o observava.

— E aí, cara, — ele diz, ao se aproximar —, como você está se sentindo?

Então é isso, David pensa. De repente todo mundo resolveu — sabe Deus porque — fazer a mesma pergunta. Como se o seu bem-estar fosse assunto de interesse nacional, e cada *babaca* que perguntasse isso, quisesse mesmo saber.

David quer responder qualquer coisa que mantenha esse sujeito longe; qualquer coisa que e o faça desistir de fazer o que tem em mente, mas, em vez disso, responde:

— Bem, eu acho.

O homem chacoalha levemente a cabeça. Sua fisionomia continua inalterada.

— Quem é você? — David pergunta.

— Isso não importa.

Tá aí o tipo de resposta que o deixa puto. Se não importasse, por que ele se daria ao trabalho de fazer a porra da pergunta?

— Não importa? — David repete, seu tom é questionador. Espera alguma justificativa para a resposta, mas o homem simplesmente sorri, e dessa vez, David não vê nem dentes, nem espontaneidade no gesto.

— Quer ouvir uma coisa estranha?

David dá de ombros. Sabe que não adiantaria dizer que não.

— Imagine só, um cara que insista em lhe fazer as mesmas perguntas praticamente todo santo dia.

David imagina, e por um instante lhe ocorre que talvez o Dr. Levi tenha razão. Por mais que relute, tudo o

que tem até o momento são suposições desencontradas sobre uma *realidade* que só ele conhece. Uma mente dissimulada, ocultando um passado sinistro e tudo o que lhe é conveniente.

— Anda, deita logo aí — o homem diz.

— E se eu não estiver a fim?

É ignorado. O homem fecha um dos olhos e mira a seringa para um ponto imaginário no vazio. Pressiona o dispositivo injetor, elimina o excesso de ar e provoca um esguicho fino — e quase imperceptível — de um líquido de cor clara, que desaparece no ar. Em seguida, lança um rápido olhar em direção à porta, e isso já é o suficiente para que o enfermeiro se aproxime. David sabe que o homem com a seringa não tem nenhuma intenção de pedir "por favor", então, desiste da ideia de oferecer resistência. Estira-se na cama. E por acaso ele pode fazer alguma coisa?

— Tudo bem... — David diz, enquanto o homem com a seringa o observa, satisfeito.

Só depois de estar completamente deitado, percebe as correias nas laterais da cama. São imediatamente afiveladas aos seus pulsos e tornozelos.

— Por que isso?

— Procedimento padrão.

— O que é que tem aí dentro? — David indica com os olhos a seringa que agora está sobre uma mesinha próxima à cabeceira da cama.

— Chega de perguntas.

O homem se inclina e passa uma mangueirinha de borracha em torno do braço de David fazendo as veias saltarem. Depois desliza um algodão umedecido em álcool no local escolhido. Agora há um silêncio tão intenso que tudo o que David consegue ouvir é o som da própria respiração.

— Fica tranquilo, vai ser só uma picada.

David fecha os olhos e mentalmente antecipa a cena: sua *veia sobressaltada sendo perfurada pela agulha, enquanto o líquido injetado se espelha rapidamente na sua corrente sanguínea fazendo-o apagar como se tivesse sido nocauteado por um pugilista.*

Ele conta os segundos até que a agulha seja enterrada de vez em seu braço. De repente o rapaz tem os pensamentos interrompidos por uma voz feminina. Uma voz que vem de algum ponto no corredor.

Tenta levantar a cabeça — o que não funciona de imediato. É um movimento difícil. Tenta novamente. O pescoço dói, mas agora David consegue olhar na direção da porta; e o que ele vê é uma figura feminina também metida num jaleco branco. Jalecos brancos. Eles fazem parte de sua vida agora. Estão por toda parte, como uma maldição. Uma alucinação. Mas a mulher é real. Suas mãos — parcialmente encobertas pelas mangas do avental — revelam uma pele clara e delicadamente rosada. Uma máscara cirúrgica esconde parte do seu rosto, mas dá para imaginar uma mulher jovem — e aparentemente bonita — ali atrás.

— Por favor, não faça isso! — a garota pede, sem ultrapassar a linha de acesso ao quarto.

O homem se detém e a encara. A seringa na mão, como uma arma altamente letal pronta para ser usada. Ele parece surpreso.

— Mas o que é isso? — ele diz, a agulha apontada para cima. — Quem autorizou a sua entrada aqui?

— Por favor, não faça!

— Quem é você, e o que pensa que está fazendo?

Ele sabe que a sua pergunta não encontrará resposta, então não perde tempo e faz um gesto para que o parceiro *segurança* se livre da intrusa.

— Isso tem que parar — a garota diz, antes de ser arrastada para longe do quarto.

David sente um leve formigamento nas pontas dos dedos das mãos. O desconforto afeta também os dedos dos pés. Avança rapidamente por todo o corpo e tenta nocauteá-lo, mas ele ainda consegue resistir. Quer saber de onde conhece aquela voz. Tem certeza de que já a ouviu antes, mas, onde?

Suas pálpebras começam a pesar e a realidade torna-se cada vez mais desfigurada, distorcida e obscura. Ele abre a boca para dizer alguma coisa. Só que agora já não lembra mais o que. A consciência oscila, como um canal de TV mal sintonizado. A estática aumentando e a imagem sumindo. Até apagar por completo.

Ele nem percebe, mas seu braço já recebeu *"só uma picada"*.

Capítulo 10
O PACTO

Março - 2016

TRÊS MESES ANTES.

Naquela manhã gelada de outono, o sol resistira à tentação de se exibir. Dispensara o espetáculo matinal comum à estação que acabara de se recolher.

Nas primeiras horas da manhã, dentro do Hospital Psiquiátrico São Judas Tadeu, qualquer um que se atrevesse a correr os olhos além das janelas embaçadas, se depararia com uma cidade inerte, coberta por uma névoa fina que só se dissiparia bem mais tarde, após o primeiro suspiro da manhã.

O Dr. Levi ajusta uma das persianas quando seu ramal toca.

É a recepcionista.

— Doutor, tem um homem aqui na recepção. Ele insiste em vê-lo.

— Hum!... — o psiquiatra resmunga, sem dar muita importância ao que acabara de ouvir. — E, por acaso, quem seria este homem?

— Desculpe, mas eu não faço ideia — a mulher diz, contrariada. — Ele se nega a me dizer o nome e insiste que o assunto é importante e do seu interesse — explica.

— Diga que estou ocupado, compreende?... Ele que volte outra hora.

Um segundo antes de devolver o telefone à base, o psiquiatra ainda pôde ouvir a voz da recepcionista transmitindo seu recado ao visitante.

Só para desencargo de consciência, consulta sua agenda e constata que de fato não agendara com ninguém neste horário. *Seja quem for, pode muito bem voltar outro dia,* pensa.

Não, ele não pode.

A recepcionista abre a porta da sala sem bater. Tem o rosto excessivamente corado e pisca de um jeito nervoso, como se temesse uma reação negativa do médico.

— Desculpe incomodá-lo novamente, doutor — ela diz, visivelmente constrangida. — Mas ele se recusa a ir embora, e diz que quer lhe falar sobre uma... — ela faz uma pausa e enfatiza a palavra — PROPOSTA.

Há uma razão pela qual o psiquiatra reluta em atender o homem que o aguarda na recepção. Trabalhou até tarde na noite anterior, mesmo assim dezenas de prontuários médicos repousam sobre sua mesa. Desordenados, aguardando.

Ainda que tenha se esforçado para que a recepcionista não perceba, a simples menção à palavra "*proposta*", o faz estremecer. Lembra-se instintivamente da voz. Aquela. A do homem com quem falara ao telefone três semanas antes. E não é que o cara é maluco mesmo?

— Tudo bem — o psiquiatra diz. — Acompanhe-o até a sala de reuniões e peça para ele esperar.

øøø

Ao entrar na sala, o Dr. Levi espera ver alguém parecido com *William Foster,* personagem de Michael Douglas no filme "*Um Dia de Fúria*" – um sujeito retraído usando óculos de grau, camisa branca com gravata listrada, corte de cabelo ao estilo militar e um rosto de psicopata —, mas, em vez disso, ele se depara com um homem com características diferentes.

O visitante tem o rosto escondido atrás de um exemplar do livro "*Os Irmãos Corsos*" de *Alexandre Dumas*. Sentado em uma das poltronas que não pertencem ao conjunto que compõem a mesa oval — rodeada por cadeiras com assentos almofadados —, o sujeito ostenta a elegante postura de um homem de negócios, as pernas levemente cruzadas e a coluna ereta.

— É, sem dúvida, uma ótima leitura — o psiquiatra diz, já em frente ao estranho.

Numa sequência de movimentos tranquilos, o homem abaixa o livro, fecha-o e o deposita sobre o assento. Sorri.

— Doutor Alberto Levi!... Acredite, é um grande prazer conhecê-lo!

Levanta-se, e sem perder a elegância estende a mão na direção do psiquiatra, que a aperta, ao passo em que discretamente avalia o visitante.

É um homem de meia-idade, cujo sorriso indica alguém que se sente confortável com a própria arrogância. Cheira a perfume importado e usa um terno preto — muito bem cortado — que lhe confere um aspecto sinistro, especialmente pela maneira como dirige o olhar. Seus olhos emitem um brilho intimidador.

— Pensei que já nos conhecêssemos — o psiquiatra diz, agora apontando para uma das cadeiras almofadadas.

Sentam-se um de frente para o outro.

— Não pessoalmente, doutor. Mas, como já lhe disse, o senhor tem feito um ótimo trabalho por aqui.

O psiquiatra enrijece os músculos do rosto. Observa o visitante. Besteira, pensa. Pura besteira. O sujeito é um tremendo cara-de-pau.

— Não me leve a mal, senhor... — ele espera que o homem complete a frase com um nome, o que não acontece, então prossegue — mas, será que poderia me dizer exatamente o que o senhor quer de mim?

O homem estende os braços sobre a mesa e cruza os dedos. Começa a brincar com os polegares. No rosto, ainda há aquela expressão de quem não aceita nada menos do que ser o "cara que dá as cartas".

Só que o psiquiatra não é muito chegado a jogos.

— Conforme conversamos ao telefone, temos uma proposta para o senhor.

Fugiu ao controle. Essa era a grande verdade. Quando aceitou fazer parte daquele "teatrinho imbecil", o psiquiatra não imaginava que a história pudesse ter chegado aonde chegou, e agora ele está cara a cara com o homem a quem julga ser um idiota qualquer, que só para se livrar do tédio comum aos desocupados, dedica-se a passar trotes telefônicos aleatórios sem dar a mínima para quem se disponha a atender a ligação.

Pela primeira vez o psiquiatra se vê tentado saber qual será o misterioso conteúdo da tal proposta.

O Dr. Levi é um homem bem-sucedido e, embora more numa casa discreta e não faça questão alguma de ostentar carros de luxo, desfruta de uma vida paralela, onde (distante dos olhares conservadores) promove festas regadas a bebidas caras e prostitutas baratas. Um homem extremamente ambicioso e dado a todo tipo de extravagância obscura. A questão não é financeira. Não, de jeito nenhum. Reconhecimento profissional: é disso que se trata.

Um dia sonhara ser um grande psiquiatra. Não foi difícil conseguir. Nos últimos anos, passara a alimentar um delírio secreto: ter seu nome escrito na história da Psiquiatria.

— O que o faz pensar que eu esteja interessado em sua proposta? Além do mais...

Além do mais, o quê? Ele não sabe. Não sabe o que dizer. Está tentando encontrar uma maneira convincente de dizer que é um homem indiferente à ambição. Não

consegue. Então repete a pergunta, só que agora economiza nas palavras.

— Por que eu estaria interessado?

— Me diga o senhor, doutor.

Ele não responde.

O silêncio se estende por mais alguns segundos.

Os dois homens se encaram.

— Miguel — o visitante diz. — O meu nome é Miguel.

Finalmente o psiquiatra faz um gesto com uma das mãos indicando que o homem o acompanhe até o seu consultório.

— Por aqui, por favor!

Capítulo 11
SESSÃO CORUJA

Um estrondo faz David despertar num solavanco, o coração aos pulos.

Por um instante, tem a sensação de estar *metido* numa dessas experiências de *quase morte*, onde o sujeito decide cruzar a fronteira sombria entre a vida e a morte, e então — por alguma razão inexplicável — acaba fazendo o caminho de volta, como se Deus ou os anjos, ou seja lá o que exista do outro lado, se recusasse a recebê-lo. É assim que ele se sente agora.

Seu corpo está inerte, mas sua mente dá sinais de vida.

Há trovões escandalosos e relâmpagos riscando o céu como raízes flamejantes, projetando clarões intimidadores por todo o ambiente. Entre um brilho e outro, David consegue reconhecer o lugar. É o mesmo quarto onde tivera aquela conversa perturbadora com o Dr. Levi. Um doido varrido, foi isso o que o psiquiatra disse. Não chegou a usar essas palavras, nem precisava. Tentou convencer o rapaz de que ele havia perdido o juízo.

David não consegue se mover, mas pode ouvir o barulho do vento varrendo o telhado e as janelas. A chuva desaba da escuridão com a mesma fúria dos injustiçados.

Ele só quer dar o fora dali, mas compreende que isso não será tão simples assim. À medida que recupera os movimentos, a tempestade piora, e por mais que ele seja otimista, não há outra maneira de dizer isso: *está ferrado!*

Segura a tua onda, logo você vai se mandar daqui, é a sua voz interior o encorajando.

Com todo esse aguaceiro?... Quero ver como.

Pare de reclamar e pense.

Como raciocinar direito, se ele mal consegue sentir as próprias *bolas* dentro da calça? Ainda está muito fraco, e tem a péssima sensação de que a sua cabeça é uma bomba-relógio e vai explodir a qualquer momento. A essa altura, falar de raciocínio lógico é o mesmo que imaginar um ateu fazendo o "sinal da cruz".

Pense, sua voz interior insiste.

Um estalo.

David controla a excitação inicial e pensa na chuva lá fora. Visualiza os pingos atingindo o asfalto, o vento pulverizando as calçadas, as árvores dançando e as bocas-de-lobo transbordando. Um caos.

É isso!

Vai usar a tempestade a seu favor. Por que não?

Estende o braço e percorre a superfície do criado-mudo com as pontas dos dedos até esbarrar em um relógio digital cujo visor luminoso exibe quatro dígitos vermelhos e enormes: 02h27 da madrugada. Senta-se na cama e observa o brilho dos relâmpagos realçando o retângulo da janela.

Ensaia algumas vezes até tomar um impulso e ficar de pé. Segue deslizando as mãos pelas paredes à procura de um interruptor. Tem que estar em algum lugar. Encontra-o, mas imediatamente muda de ideia sobre querer apertá-lo. Alguém pode perceber a luz do quarto acesa, e isso não é bom. Ele não quer é chamar a atenção. Então faz o mesmo trajeto de volta e se posiciona em frente ao vão da janela. Afasta as cortinas com cuidado e vê o mundo desabando lá fora. O vento chacoalha as copas das árvores, como se as odiasse. O rapaz observa a água deslizando no vidro e sorri. Lembra-se de quando esteve nos corredores e confirma sua teoria: não há mesmo nenhuma grade que possa impedi-lo de passar por aquela janela.

Do lado de dentro, a vidraça está embaçada, mas David consegue identificar lá fora, um gramado que se estende por todo o perímetro até alcançar um muro. Calcula uns quinze ou vinte metros até lá, mas é difícil saber. Espalhados pelo gramado, há pequenos postes ornamentais cuja iluminação fica ainda mais comprometida com o temporal.

Depois de algum tempo na escuridão, os olhos se acostumam. Agora, David não tem dificuldade em localizar os móveis do quarto. O vulto maior — perto da porta — é o guarda-roupa, de onde ele retira uma calça *jeans* e uma camiseta. Dá alguns passos em direção ao que ele supõe ser a cômoda e, antes de alcançá-la, ele esbarra na *perna* da cama. *Puta que pariu!...* A canela lateja e ele

quer xingar, gritar uns dois ou três palavrões, mas sabe que isso está fora de cogitação. Ele está num plano de fuga, então ele respira fundo e tenta se controlar. É só uma dor... Dá para segurar.

Vasculha cada uma das gavetas, mas não tem ideia do que está procurando. Um celular?... Besteira. Quem deixaria um telefone no mesmo ambiente que um prisioneiro? Ainda por cima, um louco. Continua procurando por mais alguns segundos e depois para abruptamente. Ele se dá conta de que aquilo o que está procurando não pode ser encontrado numa gaveta. Um par de tênis, é o que ele precisa. Enfia uma das mãos embaixo da cama e encontra algo que ele acredita ser... um urso de pelúcia? Não. Ele chacoalha a cabeça de um lado para o outro ao perceber que o que tem nas mãos é só uma pantufa. *Pelo amor de Deus!*

Ele sabe que se quiser escapar dali, não pode mais perder tempo. Então abandona a ideia de encontrar qualquer calçado que não tenha um formato idiota e engraçado. Vai fugir descalço mesmo. Nada de pantufas. *Só faltava essa!*

Volta para o clarão do retângulo e abre a janela. Uma lufada de ar frio e molhado vai ao encontro do seu rosto. As cortinas são arremessadas para longe, e os pingos de chuva invadem o ambiente, deixando o rapaz todo encharcado antes mesmo de pôr um único dedo para fora. Ele sobe no parapeito da janela e começa a tremer. O frio tá muito foda! Observa o gramado mais uma vez, e

agora, além dos postes ornamentais, ele vê também uma árvore próxima ao muro.

Uma guarita ergue-se em uma das extremidades do complexo. É possível ver uma silhueta recortada pela luz do ambiente. *E agora?...Será que conseguirá alcançar o muro antes que o sujeito na guarita o veja*, David se pergunta.

Só vai saber se tentar, é a sua voz interior enchendo o saco de novo.

Que belo incentivo, uma porcaria de clichê.

Está perdendo tempo.

Cala a boca!

Continua perdendo tempo.

Ele volta a encarar o sujeito na guarita. O homem não parece preocupado com o que acontece do lado de fora. A distância e a chuva o impedem de ver com clareza, mas David tem a impressão de que o vigia está assistindo TV.

É, deve estar gostando da *Sessão Coruja.*

Antes de arriscar o primeiro passo, David revisa mentalmente o trajeto que o tornará um homem livre. Não é tão difícil. Repassa o plano mais uma vez e tenta se convencer de que suas chances são boas. Vai dar tudo certo!

Ele só tem que saltar pela janela, correr o mais rápido que puder até o muro, escalá-lo e alcançar a rua. Tudo isso debaixo de um temporal e sem despertar a atenção do homem na guarita. Tranquilo!

Como um atleta, disposto a quebrar o próprio recorde, David dá uma última olhada na direção do muro antes de se atirar pela janela.

Aterrissa sobre os caules espinhosos de uma dessas plantas rasteiras que as pessoas teimam em plantar próximo às paredes. *Coroa de Cristo*, ele acha que esse é o nome, mas isso não importa. A dor causada por esse espinho pode fazer qualquer um urrar. Ele pensa em pelo menos dez palavrões, mas não diz nenhum. Retira-os rapidamente das solas dos pés. Sente um líquido morno escorrendo, e se lembra das malditas pantufas.

Tenta ignorar a dor e sai em disparada na direção do muro, num ziguezaguear quase cômico. Ninguém o viu, ele supõe. Percebe que desprezar a dor é mais difícil do que ele imaginava. Os pés ardem, latejam e incomodam.

Quando já está próximo ao muro, ele observa o paredão — que agora se revela muito mais alto do que ele supunha — e se pergunta se conseguirá mesmo chegar ao outro lado. Dirige novamente o olhar na direção da guarita, e vê que o homem continua lá, com os olhos grudados na TV.

Procura em volta, precisa encontrar algo que sirva como ponto de apoio para escalar o *bendito* muro. Encontrar o quê? Ele não sabe. Só há grama por toda a parte.

Uma nova lufada de vento chacoalha os galhos da árvore à sua frente, e uma ideia maluca lhe vem à cabeça.

É idiotice, ele sabe, mas é tudo o que tem no momento. Então decide que vai encarar, com certeza!

Toma um impulso e tenta alcançar um dos galhos. Foi por pouco, muito pouco. Tenta de novo. Nada. Se continuar saltando feito um canguru, corre o risco de ser visto pelo sujeito na guarita. Mais uma tentativa, e dessa vez dá certo.

Por algum tempo fica apenas agarrado ao tronco, e só depois começa a escalar a árvore, devagar. Os pingos de chuva passeiam por sua testa em direção ao queixo. Sugam sua concentração, desafiam sua paciência, mas ele não para, quer alcançar a altura certa, o mesmo nível do topo do muro. Sobe. Escorrega. Tentar apoiar um dos pés em outro galho, escorrega de novo. Uma nova lista de palavrões surge em sua cabeça, e dessa vez ele não hesita em dizer um, baixinho. É só um sussurro. Soa como um pensamento afoito que escapa sem querer. Ele sobe mais um pouco e enxerga o nível do muro. Desvia o olhar para a guarita, só por segurança, e se surpreende ao perceber que o homem agora está com o olhar fixo em sua direção. Fica imóvel e tenta se camuflar entre as folhas, como se isso fosse possível.

O sujeito na guarita se levanta e parece procurar algo.

Uma lanterna. Só pode ser isso.

David sabe que não pode mais perder tempo, então não quer saber de ponderar se essa ideia estúpida vai dar certo ou não, apenas fecha os olhos e salta.

Voa do galho da árvore, direto sobre o muro. Rala um dos cotovelos e tem a incômoda sensação de que acabou de lixar involuntariamente as unhas dos pés. Fica pendurado, mas aguenta firme e aceita a dor. Ignorá-la é inútil.

Quando o foco de luz da lanterna começa a percorrer a copa da árvore, David já está do outro lado, na rua. Conseguiu. Está finalmente livre. Agora ele pode dar adeus àquele lugar, pode ir embora. Só não sabe para onde.

Capítulo 12
O CAMINHO DE VOLTA

À medida que se distancia do hospital, ele entende que uma parte de si — uma parte sombria e desconhecida — fica para trás, encravada naquelas paredes e corredores brancos.

A tempestade segue castigando o asfalto e, de certo modo, ele já está acostumado. Em Foz do Iguaçu é assim mesmo: quando chove parece que o mundo vai acabar. Agora as ruas são só labirintos fúnebres se esvaindo pela água e o lodo que jorram de galerias submersas. David sente que o frio vai congelar seus ossos, e os seus pés estão dormentes.

Enquanto caminha, um veículo surge — ele não sabe de onde —, acende os faróis e avança devagar em sua direção. Ele aperta o passo, e a pessoa ao volante pisa com mais vontade no acelerador. Não chega a *arrancar* com o carro, mas o motor urra. Será que o carro está vindo mesmo em sua direção ou é só impressão? Resultado do medo de ser apanhado e levado de volta?

Ele não tem tempo nem disposição para pensar nisso agora. Melhor cair fora.

Aumenta a intensidade dos passos e corre. Corre muito. Sem olhar para trás. Sem parar. Entra na contramão e corre ainda mais. Ninguém vai pegá-lo. De

jeito nenhum. Segue por calçadas e becos alagadiços até ter certeza de que não está sendo seguido. Decide olhar para trás. Sua respiração está ofegante, mas que se dane, ele conseguiu escapar, não há mais nenhum do carro.

Quarenta minutos andando sem rumo sob um céu impiedoso. Ele perambula por uma Foz do Iguaçu adormecida, cruza a *BR 277*, atravessa o *Jardim Alice I*, mas não sabe onde está. Também não sabe para onde está indo, apenas segue seu caminho, no instinto. Deixa também o *Campos do Iguaçu* para trás e dá de cara com uma rua cujo nome o faz lembrar da casa onde vivera com os pais.

Segue pela rua Piquiri em busca de um passado macabro. Lembra-se do Dr. Levi. E aquela história de que ele, David, teria matado os próprios pais? Isso não pode ser verdade. Ele suspira, os pés estão machucados. Desvia o pensamento. Quer parar em algum lugar, descansar. Já não aguenta mais.

Ele se arrasta por mais um quarteirão, e para logo em seguida. É ali. Ele não sabe como, mas tem certeza disso. A calçada toda esburacada, o pé de manga no meio do jardim, ele está sim na casa onde morava. Se detém por um segundo e observa o lugar, como se o gesto pudesse absolvê-lo de todos os seus pecados, especialmente os que ele ainda não tinha certeza de ter cometido.

Agora a chuva e o vento diminuem, mas os raios ainda dançam na escuridão do céu. David dá mais alguns

passos em direção da casa. O portão grande — de correr — ainda ostenta um velho cadeado pendurado, mas o portãozinho está aberto. Foi arrombado. Vândalos!

Ele adentra o quintal e caminha sobre o piso molhado que conduz a uma garagem. Do outro lado da rua, o poste de iluminação pública tem sua lâmpada queimada, então David supõe que ninguém o viu entrar. Além do mais, já é tarde da noite.

A casa parece abandonada, e a escuridão a deixa com um aspecto um tanto sombrio. Ele para a um passo da porta de entrada, e a imagem do rosto da mãe lhe vem à cabeça. Tem a sensação de que a qualquer momento ela vai surgir à sua frente e soltar uma daquelas frases que compõem o cardápio de toda boa mãe: "*Vai ficar aí parado, é?... Entra logo, antes que você pegue um resfriado, menino*".

David leva a mão à maçaneta.

A porta está entreaberta.

Capítulo 13
UM PECADO CAPITAL

Março - 2016
TRÊS MESES ANTES.

— Bem, vou direto ao ponto, doutor — o homem diz, acomodado na confortável cadeira indicada pelo psiquiatra. — Recentemente, um neurocientista que vive num desses países miseráveis espalhados pelo mundo, fez uma descoberta que certamente deixaria qualquer gênio da comunidade científica internacional boquiaberto.

Não se sabe se a coisa toda foi uma tacada de sorte ou se o Dr. Raul Diaz — nome desconhecido à maioria dos mortais até então — tinha noção do que estava fazendo, mas o fato é que, acredite o senhor ou não, o tal Dr. Diaz acabou descobrindo um método curioso e revolucionário de reprogramação da mente humana. O próprio neurocientista afirma que sua descoberta envolve um processo alicerçado em três pilares básicos: o primeiro é o da Programação Neurolinguística; o segundo é relacionado a sessões de hipnose; e o terceiro e mais sigiloso, diz respeito a um misterioso coquetel de medicamentos.

De acordo com fontes ligadas ao serviço secreto americano, há cerca de oito meses, sob um sigilo mortal, o

Dr. Diaz vinha testando sua descoberta em cobaias humanas, o que vai absolutamente contra os princípios da comunidade científica do resto do mundo. É claro que nem a Organização Mundial de Saúde, nem o pessoal ligado aos Direitos Humanos tinham conhecimento desses experimentos. De qualquer forma, um desses pacientes do Dr. Diaz, um indigente alcoólatra de 38 anos e sem nenhuma perspectiva na vida, foi submetido a um estranho processo envolvendo sessões de hipnose, indução neurolinguística e o tal coquetel de medicamentos. Tudo isso alheio à fiscalização nada eficiente daquele país, cujo nome é mantido sob sigilo por questões de segurança.

Durante o tempo em que esteve sob a tutela do neurocientista, o paciente apresentou uma evolução, digamos, perturbadora. Sua mente foi bombardeada com informações que sugeriam uma realidade completamente distinta à dele. Após o tal *procedimento*, o sujeito assumiu a postura de um homem bem-sucedido, um executivo com uma família adorável e uma posição invejável numa multinacional.

O mais genial de tudo isso, é que as informações implantadas na mente do homem, foram rapidamente assimiladas por ele, embora tenham sido criadas a partir de um passado que nunca existiu.

Perguntado sobre sua história de vida, o homem forneceu informações detalhadas sobre os pais; a cidade onde nasceu; a primeira professora; o baile de formatura; a

faculdade e até a data do próprio casamento. Essa seria uma trajetória tão comum quanto uma chuva calma numa tarde de verão, não fosse o fato que todos esses elementos haviam sido deliberadamente implantados na mente do paciente.

Bem, sou capaz de apostar que neste exato momento, dezenas de questionamentos devem estar disputando um lugar de destaque entre a razão e a sua erudição, não é mesmo, doutor? Mas peço que tenha um pouco de paciência e que entenda que no momento certo o senhor terá acesso a todos os fatos que lhe forem pertinentes. Aliás, devo lembrá-lo que este é um assunto de segurança nacional e que, naturalmente, cada pessoa envolvida na operação detém apenas as informações intrínsecas às suas respectivas participações. Assim, o arquivo com a pasta que levará o seu nome contém informações privilegiadas e que são restritas inclusive a mim.

O que posso lhe assegurar é que somos uma organização cuja proporção certamente foge à sua imaginação. Compartilhamos somente a informação central, e a partir daí cada membro da operação tem seus objetivos pré-estabelecidos de forma independente, que no fim das contas convergem para um único ideal: A SEGURANÇA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA.

Dito isso, o homem limpou a garganta, como se quisesse se redimir da besteira que acabara de cometer. Reformulou a frase, agora com uma dose menor de

empolgação: “É uma questão de SEGURANÇA MUNDIAL”.

“Estados Unidos?”, pergunta-se o Dr. Levi, após ouvir a história. É isso mesmo? Um brasileiro falando sobre SEGURANÇA DOS ESTADOS UNIDOS? E ainda por cima, em pleno território nacional? Que maluquice é essa?

O psiquiatra fica em silêncio por um tempo. É o ceticismo em pessoa. Têm os lábios contraídos, os cotovelos apoiados sobre a mesa, suas mãos entrecruzadas na altura do queixo e os olhos fixos no homem à sua frente. Ainda não sabe onde o estranho quer chegar.

— A proposta, doutor... — ele diz, como se ouvisse os pensamentos do psiquiatra — vamos a ela.

Leva quase quarenta minutos para explicar — com detalhes — o que ele mesmo considera uma proposta irrecusável.

Se tem uma coisa que o Dr. Levi não pode negar é que a história que acabara de ouvir é fascinante. Algo que — de acordo com suas próprias convicções — é assustadoramente fantástico, capaz de lhe causar o mesmo torpor dos primeiros anos de faculdade, quando começara a navegar o mar revolto e obscuro da mente humana. A luta diária a fim de expulsar os demônios da insanidade, sempre lhe soou como algo atraente e desafiador, mas isso é completamente diferente!

— E então, doutor, o que me diz? — o homem quer saber, satisfeito com o impacto que a sua narrativa causara ao psiquiatra.

— Isso é sério?

— Até as vírgulas — garante, erguendo a mão direita, simulando um gesto solene.

— Mas como isso pode ser possível?

— Particularmente, não faço ideia. Afinal, o especialista em mente humana aqui é o senhor, doutor. Contudo, posso lhe garantir que um grupo reunindo os mais importantes cientistas ligados a essa área nos Estados Unidos está envolvido neste projeto. O senhor nem imagina a quantidade de pessoas que seriam capazes de qualquer coisa para estar no seu lugar agora. Estamos falando de um projeto complexo e grandioso. Só para a sua informação, existe alguém especialmente interessado na sua contribuição.

— Washington? — o psiquiatra pergunta, não há outra intenção senão a de ironizar. Até parece que o presidente dos Estados Unidos ia saber da sua existência.

— Sim senhor!

Ele não consegue evitar o choque, está boquiaberto, mas não permite que o visitante perceba. Deixa escapar um discreto suspiro de satisfação. Tá brincando que o presidente já ouviu falar dele? Isso é... surreal, compreende?

Surreal, ouviu essa palavra da boca de uma adolescente com quem cruzara por acaso no

supermercado. Isso foi anteontem, se não lhe falha a memória. Pendurada no celular, a garota repetia a palavra a cada dez segundos.

Surreal, ele repete baixinho, como quem ainda não se sente muito à vontade com o termo. Então o psiquiatra se perde em meio a pensamentos irrelevantes. Diz a primeira coisa que lhe vem à cabeça.

— E o Brasil, onde entra nessa história?

— O senhor vai ver.

— Hum!

— Se aceitar a nossa proposta, claro.

O psiquiatra retira os óculos e massageia os olhos. Em seguida, recoloca o objeto de volta no rosto. Sente-se, ao mesmo tempo, excitado e temeroso com a decisão que está prestes a tomar. Alguém lá em Brasília pode não gostar dessa história, ele chacoalha a cabeça em negativa. O mistério em torno do assunto o atrai, isso ele não pode negar. Por outro lado, quem garante que isso tudo tem algum fundamento? Só há um jeito de saber.

— Gostaríamos muito de incluir o seu nome na equipe.

— Devo admitir que é uma proposta tentadora.

Os olhos do psiquiatra exibem um brilho astuto, o mesmo que se vê em um animal selvagem e faminto enquanto observa sua presa indefesa.

— Está tendo a sua oportunidade de *fazer história,* meu amigo.

O psiquiatra sorri e estende a mão na direção do sujeito, que imediatamente a aperta com a firmeza de um gladiador.

— Quando começamos?

— Vamos ajustar os detalhes.

— Algum voluntário?

— Acalme-se, logo terá o seu paciente, doutor.

O psiquiatra assente.

O sujeito se reclina na direção do Dr. Levi, e faz um gesto para que ele se aproxime, como quem tem a intenção de compartilhar um segredo.

— Creio que não é necessário, mas, ainda assim vou lembrá-lo mais uma vez: este é um assunto EXTREMAMENTE CONFIDENCIAL, entendeu?

O tom grave e sério adotado pelo estranho faz o médico se perguntar com que tipo de gente está lidando. Até o momento, tudo o que sabe sobre esse sujeito se resume a uma história mirabolante que mais parece coisa de filme sobre teoria da conspiração.

Considerando a possibilidade de haver algum fundo de verdade nas palavras do sujeito, na opinião do psiquiatra o alto risco da operação é algo ponderável. Entretanto, suas aspirações o distanciam de uma análise mais racional da situação.

— Sim senhor! — responde, simulando um movimento de continência militar.

Capítulo 14
LAR, DOCE LAR?

David mal encosta na porta e ela cede. Não chega a fazer ruído, apenas se abre devagar, como se já esperasse por ele.

Um cheiro forte e desagradável vai ao encontro do seu nariz. Urina, ele supõe. Talvez haja algo mais, mas é melhor nem pensar nisso. A escuridão no interior da casa o faz hesitar por um instante. A chuva volta a apertar. Então ele vai ter que encarar, tem outro jeito? Está todo encharcado e precisa se proteger do frio, e aquela é a sua casa, não é? Está voltando para casa, só isso.

Ele entra.

A porta ligeiramente aberta permite também a passagem da claridade anêmica que vem da rua, mas ela se desfaz a menos de dois passos dali.

A mãe esperando a novela das oito após responder ao "boa noite" do âncora do *Jornal Nacional*; o velho Agenor com os pés em cima do sofá e uma latinha de cerveja na mão; a mãe reclamando; as desculpas esfarrapadas no fim de mais uma noitada; as discussões e, por fim, as agressões.

É isso o que ele vê na escuridão.

Agora seus olhos já estão se habituando ao breu do ambiente, então, com a ajuda dos relâmpagos — que voltam a reluzir através das janelas sem cortinas —, aos

poucos ele passa a ter contato com uma realidade desoladora. Abandono. As imagens ganham traços mais detalhados. As manchas provocadas por infiltrações no reboco das paredes, a pintura descascada e todos aqueles pontinhos escuros que, em sua opinião, só podem ser o mofo se escondendo pelos cantos.

Ele não tem certeza, mas as janelas parecem em boas condições. Alguns vidros quebrados, talvez, mas a estrutura se mantém firme. Ergue os olhos e constata que uma parte do forro já era. Despencou. A verdade é que não sobrou muita coisa. A casa onde vivera com os pais, agora não passa de um amontoado de paredes encardidas. Mas quando isso aconteceu? Em que momento este lugar deixou de ser um lar para se transformar numa mera estrutura sem vida, num corpo sem alma? Ele não tem ideia.

Esperava que a circunstância lhe dissesse, mas ela não o fez. Nenhuma lembrança. Nada que confirmasse o discurso do Dr. Levi. Para dizer a verdade, ele está aliviado. Está todo ferrado, com dor, encharcado, mas ainda assim, se sente aliviado.

Um novo estrondo o faz lembrar de que a chuva continua escorrendo lá fora.

O lugar está um "nojo", mas a falta de perspectiva e o cansaço o convencem de que passar a noite ali também não é o *fim do mundo*. Quais são suas opções? O cenário parece ter saltado de um dos livros de Peter Straub. Tudo bem, ele só precisa de um lugar onde possa se proteger da

chuva, fechar os olhos e descansar um pouco. Se bem que, dormir é algo fora de questão. Não quer correr o risco de ser surpreendido por algum babaca viciado, desses que passam a noite vagando por aí.

Os relâmpagos continuam sendo sua única fonte de luz. Ele os utiliza na tentativa de encontrar um espaço qualquer — que não esteja todo emporcalhado — onde possa se recostar. Não encontra nada além de sujeira por todo lado. Pensa nos outros cômodos da casa, mas logo desiste. Sabe-se lá o que vai encontrar?

Decide ficar por ali mesmo. Então se apoia numa das paredes imundas e desliza até o chão. O corpo vacila, pede descanso, mas ele não vai dormir. De jeito nenhum.

Menos de dez minutos depois, seus olhos se fecham. Ele os abre, e quando menos percebe já está com os olhos fechados novamente. Ele os abre de novo. Saco!

Não posso dormir!... Não posso dormir!...

Ele repete baixinho, como se a frase fosse o refrão de uma música, e o som da própria voz pudesse mantê-lo acordado. O sono é traiçoeiro.

Não posso dormir!

Suas pálpebras não obedecem, os olhos ardem e seu corpo parece anestesiado.

Não posso...

Bocejo.

Está todo encolhido. O sangue das mãos circula com dificuldade, e os pés continuam congelados. Está exausto. A mente está cada vez mais desconexa. Do lado

de fora a chuva e o vento seguem produzindo um som agonizante.

Não posso...

Outro bocejo.

Não...

Abre a boca mais uma vez.

Seus olhos se fecham.

øøø

David acorda cercado por pontos luminosos projetados no chão. Mal consegue se mover. O sol resolveu dar as caras, e agora — sob a luz do dia — ele percebe que sua avaliação inicial do estado de conservação da casa foi bem modesta.

A tempestade da noite anterior se dissipara, e junto com ela também uma parcela do seu otimismo. Ele está ali, perdido numa casa caindo aos pedaços e não tem ideia do que fazer a seguir. Qual será o seu próximo passo? Ele está justamente pensando nisso, quando ergue os olhos e vê algo se movendo à sua frente. Há mais alguém na casa.

Reconstrói mentalmente o trajeto da noite anterior e não se lembra de ter encostado a porta. Acha que não. Não faria diferença, faria? Não havia chave para trancá-la, mesmo. Adianta pensar nisso agora?

Aperta os olhos contra a claridade e vê uma silhueta se formando na penumbra. Isso o faz supor que logo o lugar estará tomado por enfermeiros estressados,

armados com suas seringas *do mal* e dispostos a usar a força, se for necessário (e no que depender dele, será), para levá-lo de volta ao hospital.

Ele não se entregará facilmente.

Uma sequência de piscadas rápidas permite que sua visão se recomponha. Agora ele contempla uma figura parada a poucos metros dali. É uma imagem agradável, composta por formas e contornos delicados. Ele percorre aquele corpo com os olhos até alcançar o rosto, uma composição harmoniosa, onde um discreto sorriso se encaixa com perfeição.

É um rosto bonito, feminino, e quanto mais olha para ele, mais tem a sensação de já tê-lo visto antes.

— Eu nunca deixei — a garota diz — de acreditar que você estivesse vivo.

Sua voz soa sufocada, mas parece sincera.

David tenta se levantar, as pernas vacilam. Tem que ser devagar, com jeito. Ele tenta novamente e agora está de pé, mas ainda não sabe o que responder. "*Ah, legal, que bom*", talvez fosse o mais apropriado, ele pensa. Uma postura casual. Embora a tal casualidade não combine com a sua aparência. Ainda tem o corpo coberto por roupas úmidas e imundas, e seus pés ostentam uma crosta de sujeira e sangue coagulado.

— Tô tentando imaginar — ele diz — o que uma garota como você pode querer num lugar como esse. Aliás, quem é você?

Diz isso com cada vez mais convicção de já tê-la visto antes, mas onde? Uma enfermeira do hospital, talvez, ou seria uma dessas garotas que estampam a propaganda de TV de um supermercado local?

— Isso é sério? — Ela parece surpresa com a resposta

— Olha só, não tô a fim de papo, só quero sair daqui.

Caminha em direção à porta e passa pela garota, que o agarra pelo braço.

— David, sou eu.

— Como sabe o meu nome?

Ela não responde, mas seus olhos continuam no rapaz. O fato de ela se dirigir a ele, pelo nome, reforça sua suspeita de já tê-la visto antes. Ele a conhece. Só não sabe de onde.

David se livra das mãos dela e alcança a porta. Não quer perder tempo. No momento, a resposta para a sua pergunta não é a coisa mais importante do mundo. Ele sabe que se ficar ali com essa "conversa fiada" vai se ferrar. Vai ser pego. Então ele tem que dar um jeito de sumir dali quanto antes.

— Sério que você não tá me reconhecendo? — a garota pergunta, antes que David possa passar pela porta. A frase soa como uma súplica. Dolorosa.

Ele não tem mais tempo, mas... volta a encará-la.

— Sou eu — ela sussurra.

David a observa. Tem vontade de dizer: *"Ah, sim!... Eu quem?"*.

Às vezes, ele pensa, por pior que seja a verdade, não há outro caminho senão encará-la. Não está tudo bem, e ele não vai fazer de conta que está. A garota o conhece. Acha isso tudo muito esquisito, mas não pode negar que haja sinceridade no semblante dela.

Ele a acompanha com os olhos.

Agora a moça está a menos de um metro de distância dele. Respira de um jeito nervoso e quer dizer qualquer coisa que possa impedi-lo de sair por aquela porta, mas as palavras não vêm. David está decidido a ir embora. Chega de papo. De repente a sua expressão começa a mudar. Agora é ele quem respira com dificuldade, parece não acreditar no que acabara de perceber. Não pode ser!... O jeito como a garota contrai os lábios ao falar, o faz lembrar de alguém, mas isso é... perturbador.

Ele aproxima seu rosto do dela. Em seguida se afasta rapidamente, como um cão no cio ao ser atingido por um balde de água gelada. Ele esfrega as mãos no rosto, mas o ceticismo continua lá. Não acredita no que vê. Isso não pode ser possível. Aquela ali na sua frente é a mesma garota com quem ele e a mãe tiveram um encontro dez anos atrás. Ela é... Deus do céu!... Ela é A AMANTE DO SEU PAI.

Capítulo 15

O MÉDICO, O FUGITIVO E O MONSTRO

Naquele momento, quem passasse pela avenida Florianópolis, no Jardim Residencial Karla, talvez nem imaginasse que por trás de uma das janelas daquele sobrado, uma figura solitária observava a rua. É uma construção luxuosa, toda trabalhada em madeira.

O homem pousa um copo sobre a mesa. Em seguida, recoloca a tampa na garrafa de uísque e se volta para o celular posicionado ao lado de um cinzeiro, onde metade de um cigarro queima lentamente. Hesita, mas logo agarra o aparelho, digita alguns números e alguns segundos depois, ouve o protesto de alguém do outro lado da linha.

— Já disse para não me ligar neste número, doutor.

Uma frase quase sem importância, mas que acaba causando um efeito maior do que usualmente causaria ao Dr. Levi. Em sua opinião, o problema estava no tom de voz arrogante de seu interlocutor. Bastou pôr os olhos no sujeito, para saber que a convivência entre os dois seria como água para azeite, mas como dizem por aí: "Negócios são negócios".

Pensa em desligar o telefone na cara do homem, mas tem a consciência de que isso só complicaria ainda

mais as coisas. Então ele respira fundo e se concentra. Vai ter que encarar mais essa, fazer o quê?

— Desculpe incomodá-lo, Miguel, mas temos um problema, compreende?

— Todos nós temos problemas, doutor. Vá direto ao ponto.

— É sobre o paciente... — o psiquiatra faz uma pausa, pigarreia, esfrega a testa com as pontas dos dedos, mas não encontra outra maneira de dar a notícia. — Nós o perdemos.

— O que quer dizer com "NÓS O PERDEMOS"?

No mesmo instante o tom de voz do sujeito do outro lado da linha migra do confortável terreno da ironia para o delicado campo da preocupação.

— Ele fugiu — o médico confirma. Imediatamente tem a sensação de que acabara de pronunciar duas palavras amaldiçoadas, sua passagem direto para o inferno, e não dá para fazer nada a respeito. Que culpa tem ele? Às vezes as pessoas fogem mesmo. Normal.

Por alguns segundos, o silêncio precedido de um suspiro é tudo o que o psiquiatra tem acesso. O momento explosivo vem em seguida.

— Pelo amor de Deus, doutor, como pôde deixar que isso acontecesse?

— Foi a tempestade de ontem à noite — o psiquiatra diz, compreendendo em seguida que essa explicação lhe reduz, de forma significativa, o grau de

credibilidade. — Aproveitou o mau tempo, escalou o muro e fugiu de madrugada — completa.

— Mas que droga!... — Miguel está descontrolado. — Juro por tudo o quanto é mais *sagrado* que estou me esforçando para tentar entender como é possível que um sujeito sedado possa ter escalado um muro de três metros de altura. — Ah, tenha a santa paciência!

"*Que se foda,* o médico pensa em dizer. Mas a sensatez o conduz à outra resposta.

— Sinto muito.

— Então não sinta. Encontre-o!

— Não se preocupe, vamos encontrá-lo.

— Faça isso, doutor. Caso contrário, teremos um *problemão* — Miguel faz uma pausa quase imperceptível — , e o senhor sabe bem o que eu quero dizer, não é?

— Vamos dar um jeito.

— Isso, dê o seu jeito. Faça o que tiver que ser feito, mas resolva!

O psiquiatra espreme o cérebro, concentra-se nas poucas possibilidades que lhe vêm à mente. Onde será que esse sujeito se enfiou?

Ainda está com o celular junto ao ouvido quando o homem do outro lado encerra a ligação.

Idiota arrogante!

Capítulo 16
ENGANANDO A MORTE

Não seria nenhum exagero dizer que o Dr. Alberto Levi é um homem prático. A vida o induzira a isso. Ao longo dos anos, dedicou-se a desenvolver e uma notável habilidade de se desvencilhar de situações adversas.

A bênção, ou maldição dependendo do ponto de vista, passou a acompanhá-lo ainda quando o jovem Alberto tinha nove anos. Foi nessa época que o garoto teve o seu primeiro confronto com a morte e a sua primeira vitória sobre ela.

Voltava de uma viagem de férias de *Bombinhas* — cidade litorânea no estado de Santa Catarina —, com a família, quando um acidente de carro mudou a sua vida. O asfalto sinuoso contribuiu. Todo mundo já tinha alertado: "É perigoso, tem que tomar muito cuidado". Os morros, a poucos quilômetros de Curitiba. A viagem de volta mal tinha começado e a serra fez o trabalho dela. Fez o que tinha que fazer: estragou tudo. Não é para isso que elas servem? Intimidar. Impor respeito. Engolir motoristas desatentos. "Vai viajar? Então cuidado com o trecho de serra!", é isso o que dizem.

Desde o acidente, Alberto Levi passou a fazer parte de um seleto grupo. São aquelas pessoas que, às vezes, a gente brinca dizendo: "Deveriam ser estudados pela

NASA". Gente que em algum momento acaba pisando num terreno até hoje nebuloso para a medicina e para a ciência, a *probabilidade invertida.* É quando o sujeito vai contra qualquer possibilidade lógica do ponto de vista médico ou científico. Algumas religiões chamam a isso de *milagre*.

Naquela tarde, o jovem Alberto perdeu a mãe e dois irmãos. O pai, que viajava no banco do carona, curiosamente escapou ileso da tragédia.

Imperícia, foi o que disse a polícia. Inexperiência da mãe do garoto. Era ela quem estava ao volante. O asfalto molhado pode ter contribuído, mas foi a falta de malícia que a impediu de manter o controle do carro, que rodopiou na pista antes de mergulhar ribanceira abaixo.

Alberto só soube que havia perdido metade da família, cerca de uma semana após o ocorrido, quando abriu os olhos e se deparou com um emaranhado de fios e eletrodos espalhados pelo corpo. Eram tantos aparelhos, que ele teve a sensação de estar metido em algum episódio de uma dessas séries de TV sobre abdução. Era só uma questão de tempo, até que seres esqueléticos e cabeçudos aparecessem com o intuito de desvendar os segredos da anatomia humana. Em vez disso, ele se deu conta de que estava em um hospital. Alameda Augusto Stellfeld, bairro do Bigorrilho. Era ali que ele ocupava um dos trinta e nove leitos de UTI do Hospital Universitário Evangélico de Curitiba. Se fosse atualmente, ele certamente teria visto a fila de táxis alaranjados estacionados no ponto em frente

ao hospital. Talvez tivesse prestado atenção nas pessoas sentadas na mureta diante do letreiro cromado na fachada. Teria percebido o caminhão da Coca-Cola estacionado em frente à lojinha de esfirra na esquina, mas eram outros tempos. Além do mais, o garoto chegou desacordado. Em coma. Continuaria assim, de acordo com os médicos. Não havia nada o que se pudesse fazer.

Oito dias após o acidente, uma das enfermeiras do turno da manhã ficou atordoada ao ver que o paciente tinha *despertado*. Ela, a enfermeira, encontrou o garoto com o corpo projetado para frente, a cabeça erguida e olhos esquadrinhando o ambiente em busca de um rosto conhecido. Chamou pela família, depois se calou.

Um grande alvoroço, foi o que se viu em torno da cama do paciente que retornara do coma. Contrariando qualquer prognóstico médico, o pequeno Alberto *acordou* e — exceto pela perda da visão do olho esquerdo e algumas escoriações — estava tão saudável quanto qualquer um naquela sala.

øøø

Mesmo com o passar dos anos, Alberto Levi nunca se animou a conversar com o pai sobre as circunstâncias envolvendo o acidente. Recusava-se a pronunciar o nome da mãe ou dos irmãos. Foi a partir daquele dia que o jovem desenvolveu uma espécie de armadura que o

manteria imune às decepções. Tornou-se uma criatura fria e incapaz de sentir compaixão por quem quer que seja.

Até hoje, muitos anos após aquela tarde, ele se mantém fiel às suas convicções: ignorar o medo, a dor, o sofrimento ou qualquer outro sentimento inútil.

Tornou-se um dos médicos psiquiatras mais respeitados do país e aprendeu a lidar com os seus demônios e a ocultá-los quando lhe é conveniente.

Avesso ao *matrimônio,* o psiquiatra optou pela solidão dos solteirões. Casamento é pura dor de cabeça!... Mulher reclamando, filho choramingando, contas chegando. É preciso ter o dom.

Convicto de que a sua satisfação pessoal não ultrapassa o âmbito da profissão, hoje o psiquiatra dedica-se ao tratamento dos diversos transtornos psicóticos que, pelo menos seis a cada dez pessoas desenvolvem ao longo da vida.

Dezoito anos antes, sua competência notória o levaria a ocupar o cargo de diretor do *Hospital Psiquiátrico São Judas Tadeu* em Foz do Iguaçu no Paraná.

Capítulo 17
O REENCONTRO (AMORZINHO)

Maluco ou não, David sabe que é impossível alguém passar dez anos sem envelhecer um único fio de cabelo. Tudo bem que elas, as mulheres, têm lá seus segredos e recursos para trapacear as rugas e retardar a velhice, mas isso já é demais; e não faz nenhum sentido. Ela continua exatamente com a mesma aparência.

David a observa. Ainda não acredita no que vê.

— Não pode ser — ele diz, enquanto tenta tocá-la no rosto.

Ela permite, mas logo se afasta.

— Meu Deus, o que fizeram com você? — ela quer saber. Parece estar tão surpresa quanto ele.

— Engraçado, eu estava pensando em fazer a mesma pergunta.

— Olhe para mim — ela sugere, seus olhos apreensivos —, quem você vê?

— Vejo uma assombração.

Ela se afasta um pouco mais. Como se o homem à sua frente, aquele sujeito descalço e com os cabelos desgrenhados, pudesse mesmo lhe oferecer algum risco.

— Para com isso, você está me assustando.

Ele acha que não. Em sua opinião, ela está fingindo. É uma fingida, é isso o que ela é. Tá de

brincadeira. É claro que ele não acredita em assombração, mas a garota é a mesma de anos atrás. Ele olha através dos vidros encardidos da janela e vê o pé de manga lá fora, no jardim. Ontem à noite parecia maior, e agora ele se lembra de mais uma coisa.

— Então era você? — pergunta.

— Tá falando do quê?

— No hospital, era você?

Ela hesita, mas responde.

— Sim.

— Por que esteve lá?

Ela o encara novamente. David descarta a ideia de tentar se aproximar da moça. Só quer as respostas. Repara nas paredes, e só agora percebe que boa parte das manchas que estão ali não foram provocadas por nenhuma infiltração, são pichações. Borrões, na verdade. Um amontoado de rabiscos sem sentido, exceto por uma frase beirando o rodapé. Um conjunto de letras de fôrma em grafite vermelho que dizem: "Só peixe morto vai a favor da correnteza". É assim que ele se sente: um peixe morto arrastado pela correnteza. Um peixe sem passado. Só uma droga de um peixe!

— Eu estava lá por você, David — ela diz. — Por favor, é muito importante — insiste. — Preciso saber se você se lembra de mim.

David faz que sim com a cabeça. Ela quer ouvir, então ele fala:

— Como eu poderia esquecer... *"amorzinho"*?

A expressão no rosto da garota indica que ela não entendeu nada, está *boiando*. É como se David tivesse acabado de dizer algo sem noção. Uma pergunta imbecil demais para ser levada a sério. Para ele, está tudo muito claro agora. Está diante da mesma garota que havia sido amante de seu pai. A pessoa que insultara sua mãe no passado.

Tá querendo o que de mim? — David quer saber.

Ela baixa os olhos e parece refletir antes de responder.

— Preciso que você confie em mim.

Confiar na garota que vivia "trepando" com o seu pai?... Ela só podia estar brincando.

— É melhor ficar longe de mim.

— Só vou poder ajudá-lo se confiar em mim e me contar tudo.

Afinal, o que ela quer saber?... Seu ele está feliz em reencontrá-la?... Se a sua mãe a perdoou antes de morrer?... Se ele ainda está encantado com os peitos dela?

— Quero que me conte o que aconteceu naquele hospital — ela diz.

"*Ah, nada demais!... Só tentaram me convencer de que sou um psicopata miserável que assassinou friamente os próprios pais*", ele pensa em dizer. Acaba respondendo outra coisa.

— Olha — ele gesticula, tenso —, na boa, sem ofensa. Não somos amigos. Então é melhor parar por aqui, beleza?

— Escuta só, talvez eu seja a única pessoa capaz de te ajudar nesse momento, mas você tem que confiar em mim e, acredite, nem tudo é o que você imagina... Aliás, nada é exatamente o que parece. Por isso, vou te perguntar mais uma vez, só que de uma forma diferente:

— Qual é a sua percepção da realidade?

Agora é David quem está *boiando,* e que pergunta é essa, afinal?

— Como assim, *percepção da realidade?*

— Quero que me fale um pouco sobre você.

— Tudo bem se eu te fizer uma pergunta antes?

Ela balança a cabeça.

— Como se conheceram?

— Conheceram?

— Tipo, o primeiro encontro... Como rolou?

— Primeiro encontro? — ela repete, encolhendo os ombros e gesticulando com as mãos, como quem diz: *que porra de pergunta é essa?*

— O velho Agenor — David insiste.

— Mas quem é Agenor?

A moça fala com naturalidade, como se o fato de ter dormido com o velho durante três anos não significasse nada. Nem parece a mesma garota que adorava ser chamada de *amorzinho.* David não entende como isso pode ser possível, mas não tem dúvida, é ela.

— Como pode esperar que eu confie em você, se não consegue nem responder a uma simples pergunta?

— Pelo amor de Deus, David. Não tenho ideia do que você está falando. Será que dá pra você me ouvir, por favor?

Ele continua não vendo nenhuma razão para isso, mas permite que ela continue.

— Tudo bem, o que você quer?

— Quero que me conte tudo o que sabe, ou melhor, o que pensa que sabe.

— Não sei muito.

— Sabe por que estava naquele hospital?

David ouve o barulho de carros passando em frente da casa e pensa na pergunta. A essa altura já deve ter várias pessoas transitando pelas ruas. Ele sabe que vai ficar cada vez mais difícil sair dali sem ser notado, e sobre a pergunta: não, ele não tem certeza de como foi parar naquele hospital. Tudo o que tem é a versão do Dr. Levi.

— Não entendo qual o seu interesse num assassino — ele diz.

— Assassino?

— É — David confirma. — Assassino.

— Assassino — ela repete, como se a palavra fizesse parte do refrão de uma música em Aramaico e ninguém fosse capaz de compreender seu significado. Ela compreende, só não consegue encontrar um contexto para o termo.

Ele hesita. Fica em silêncio. Talvez não seja uma boa ideia contar a verdade. Talvez, ele acha, seja melhor

nem conversar com essa mulher. Quem disse que ele pode confiar nela? Mesmo assim, vai em frente.

— Tudo bem, você quer a verdade? — ele não espera a resposta. — Então escuta só isso: de acordo com a justiça, eu sou um doente mental, sabia?... Um psicopata. — Quer saber mais? — também sem tempo para respostas. — O psiquiatra daquele hospital jura que acabei com a vida dos meus pais. Tipo, na covardia, entende?...

Ela franze a testa.

— Você os matou?

— O quê?

— Os seus pais. Você os matou?

Ele balança a cabeça em silêncio. Mais para si mesmo do que para a garota. Não percebe, mas deixa escapar uma expressão de pânico.

— Gostaria mesmo de poder dizer que não, mas... — ele suspira — não há nada que garanta que ele não tenha razão.

— Você não é assim, David.

— Quem disse que não?... Você nem me conhece. Então é melhor nem perder seu tempo com esse papo furado, Andreia. — Se me lembro bem, esse é o seu nome, certo?

De início ela não responde. Só o observa. Então sorri de um jeito debochado.

— Andreia?... De onde você tirou esse nome?

David dá de ombros, como se quisesse dizer: "Perguntei primeiro".

— Então — ela continua —, na boa, sem querer ser chata, mas não temos o dia todo. Então se vai confiar em mim, é melhor me contar tudo agora. Desde o começo.

øøø

David nunca foi bom em resumos, mas se saiu bem. Conseguiu relatar tudo o que aconteceu naquele hospital — pelo menos os trechos em que esteve lúcido — em menos de dez minutos. Andreia mantinha os olhos fixos nos dele. Parecia pensativa, mas não surpresa.

David, sim, estava surpreso. Especialmente com o encantamento que aquela criatura exercia sobre ele. O que o intrigava mesmo era perceber nos olhos da garota que aquele encantamento bizarro era recíproco.

— Olha só — ela começa —, antes de qualquer coisa, quero que saiba que essa história de eu ser amante do seu pai é a coisa mais nojenta que eu já ouvi na vida.

David faz um movimento com a cabeça. É só um gesto que, na verdade, não significa nada, mas ele não quer contrariá-la. Não está convencido de nada, só não quer contrariá-la.

— Você deve estar pensando que sou um maluco mesmo, né? — ele pergunta.

Andreia desvia o olhar. Olha para o chão, para as paredes imundas, para o teto todo arrebentado, depois volta a encará-lo.

— Quero te mostrar uma coisa, posso?

David faz que sim com a cabeça.

Ela se inclina na direção do rapaz e o acaricia no rosto. Depois encosta delicadamente os seus lábios nos dele. David estremece. Deus do céu, isso foi incrível! Ele a segura com firmeza e repete o gesto dela, só que com mais intensidade. Um beijo de verdade. Ele sabe que isso não faz sentido, mas não quer pensar nisso agora. Sente o calor do corpo delicado e trêmulo de Andréia preso ao dele. Tem a sensação de que não devia estar fazendo isso.

— Se não for perguntar demais — ele sorri, enquanto afrouxa o abraço —, qual é o segredo para você se manter tão jovem assim?

Ela sorri de volta e chacoalha a cabeça negativamente.

— Temos que sair daqui.

Agora, a luz do dia já preencheu todo o ambiente, e David sabe que o risco de ser apanhado só aumenta.

— Como soube que eu estava aqui? — ele quer saber.

— Advinha quem estava dentro daquele carro na frente ao hospital?

— Pensei que tinha despistado.

— Nada que os faróis apagados não resolvessem. Venha, quero te mostrar um lugar — ela diz, arrastando-o pela mão.

Capítulo 18
A BUSCA

Ainda faltavam alguns minutos para que os ponteiros do relógio na parede marcassem nove horas da manhã, quando Miguel atravessou a recepção do hospital. Ignorou a presença da mulher sentada atrás do balcão e seguiu direto para a sala do Dr. Levi.

Ao vê-lo marchando feito um touro descontrolado em direção à sala do psiquiatra, a recepcionista ficou tão desconcertada que chegou a ameaçar usar o telefone para tentar avisar o chefe, mas desistiu antes mesmo que os seus dedinhos roliços alcançassem as teclas do aparelho. Tarde demais! O intruso já batia à porta, emitindo um ruído insistente.

A mão do psiquiatra ainda não havia tocado a maçaneta quando a porta se abriu e as bochechas da dona Mercedes adotaram um tom mais rosado do que o habitual, o que a fez se destacar ao lado do sujeito estacionado a poucos centímetros da soleira.

Ela arrisca uma explicação:

— Desculpe, doutor, não pude evitar — o movimento acelerado em seu casaquinho preto denuncia uma respiração ofegante.

— Deixe-o entrar — o psiquiatra diz.

Miguel avança, e dona Mercedes fecha a porta com o mesmo cuidado de quem *rouba* doces à noite na geladeira.

— Suponho que saiba que não podemos admitir falhas, certo? — ele diz, suas mãos espalmadas sobre a mesa do psiquiatra, o olhar intimidador.

Na opinião do psiquiatra, não é segredo para ninguém que algumas coisas têm uma tendência natural a piorar, e ele via seu relacionamento com o homem plantando à sua frente como uma delas. A verdade era que desde que David fugira do hospital, a linha tênue que sustentava uma estrutura de convivência minimamente civilizada entre ele e seu *contratante* se rompeu. Desde então, a maioria das conversas entre os dois saltara de um timbre levemente hostil para algo absolutamente ameaçador. A ambição do Dr. Levi o fez apostar numa jogada arriscada e sem volta. Agora, da maneira mais difícil, ele começava a se dar conta de que o diabo é persuasivo e sedutor, e que a vaidade é uma *merda.*

— O meu pessoal já está nas ruas à procura do paciente — o psiquiatra explica. — Estamos fazendo o possível, compreende?

— Então faça o impossível, doutor. Encontre-o.

O visitante continua de pé.

— Há pouco, recebemos a informação de que alguém com as mesmas características dele, foi visto saindo de uma casa na rua Piquiri, no Jardim Libra.

— É isso! — Miguel exclama, sentando-se em uma das cadeiras dispostas em frente à mesa do psiquiatra, enquanto vibra, como se tivesse acabado de descobrir a fórmula da Coca-Cola. — Para onde mais, ele poderia ter ido?

O psiquiatra também se senta. O desconforto continua.

— O endereço implantado?

— Exatamente, doutor. Já deveríamos saber disso.

Miguel fita um horizonte imaginário, instigado pela possibilidade de recapturar seu paciente.

— E, até onde sabemos, ele não está sozinho — o psiquiatra diz. — Há uma mulher com ele.

O visitante empalidece. Arregala os olhos e desfere um soco na mesa.

— Só pode ser ela!

— É provável, senhor.

— Mas como ela sabia que David estaria lá? — Miguel se pergunta, inicialmente sem dar indícios de que espera uma resposta, mas logo dirige o olhar ao psiquiatra, que se encolhe como um cachorro vira-lata.

— Ela esteve no hospital há alguns dias — o Dr. Levi murmura.

— E só agora o senhor me diz isso?

— Essa informação ainda não havia chegado até mim. Só tive acesso a ela hoje de manhã, após a fuga do paciente, compreende?

Não, ele não compreendia.

— Foi um erro, doutor. Confiar no senhor foi um erro terrível.

Embora a contragosto, pois, sabia que o filho da mãe não ia dar a mínima para nada do que dissesse, o Dr. Levi explica que a mulher havia driblado a segurança do hospital e acabara tendo um breve acesso ao paciente.

— Breve?

— Sim, mas logo foi retirada do local.

— Quanto tempo, doutor?

— Com o paciente — ele suspira —, suponho que não mais que dois ou três minutos.

— Está me dizendo que ela ficou zanzando por aí antes que alguém a encontrasse?

— É possível.

O psiquiatra tosse. Está desconfortável com essa conversa. Segue tropeçando nas palavras, tentando encontrar alguma que sustente a sua isenção em relação à falha da segurança. Enquanto fala, vê crescer nos olhos do homem à sua frente um brilho aniquilador. *Cretino!*

— Por favor, doutor, diga-me que ela não teve acesso aos arquivos do paciente?

Inicialmente o psiquiatra não diz nada, mas vai ter que dizer. Não tem jeito, ele tem que encarar as consequências da sua omissão. Tudo bem que ele não estava lá no momento da fuga, mas não se pode negar que seja dele a responsabilidade pelo hospital. Afinal, não é para isso que servem os diretores? Para assumir as *cagadas* feitas por algum funcionário distraído?

— Receio que sim.

— Pelo amor de Deus, doutor, como pôde permitir isso?... Onde está a sua ética?

— Ora, não me venha falar em ética. Até parece que o senhor tem alguma noção do significado dessa palavra.

De um só movimento o visitante se levanta, inclina-se na direção do psiquiatra e lhe aponta o dedo indicador, numa clara atitude de ameaça.

— É melhor resolver isso, doutor. Senão, é o senhor quem vai ficar muito confuso, *compreende*? — ele usa um tom debochado na última palavra. Ridiculariza o hábito que o psiquiatra tem de colocar um "compreende" em praticamente todo fim de frase.

Em seguida abandona a sala, deixando a porta aberta.

Ao ver o sujeito atravessar a recepção com a mesma *cordialidade* com que chegou, dona Mercedes corre com seus passinhos curtos até a porta da sala do psiquiatra. Ela se detém por alguns segundos, quer conferir se está tudo bem.

O psiquiatra faz um gesto com a cabeça, pedindo que ela o deixe em paz.

Capítulo 19
AMOR PROIBIDO

Um céu azul e quase sem nuvens se estende por todo o horizonte, e o sol começa a dar sinais de que o dia será de temperaturas elevadas. Andreia se detém em frente a uma casa de aparência simpática na rua Marta Freiertag, no Jardim Panorama. David acha que aquela fachada lhe é familiar.

Seus olhos passeiam pelo cercado de grades brancas, as duas arvorezinhas gêmeas na calçada, o verde-claro das paredes frontais, o coqueirinho no jardim, os paralelepípedos da rua... Sim, ele já esteve ali antes.

Exceto pelas duas garotinhas que caminham na calçada de cima com suas mochilas escolares multicoloridas e o veículo Santana estacionado em frente à casa ao lado, a rua está deserta. O Jardim Panorama é assim mesmo, as pessoas são reservadas e não gostam muito de sair à rua.

Uma lufada de vento. O ar está ficando cada vez mais seco e abafado, e nem parece que ontem à noite o mundo desabava em água.

David sente a mão doer, Andreia a está apertando com mais força do que supõe. Ele tem a sensação de que a garota espera por uma iniciativa. Andreia espera que ele caminhe em direção a porta, como se já estivesse habituado a fazer aquele trajeto, mas isso não acontece,

David parece confuso. Então ela o puxa pelo braço, e cinco segundos depois os dois estão diante da porta principal. Entram.

David ergue os olhos e encontra um ambiente aconchegante e bem cuidado. A cor das paredes, os objetos decorativos, o estilo dos móveis, tudo pertence ao universo feminino. Por alguma razão — que ele ainda não sabe explicar — nada ali o surpreende.

Andreia o conduz pela casa. Um balcão de granito divide os ambientes entre a sala e a cozinha. No corredor, antes de chegar à área de serviço, há dois quartos e um deles está com a porta entreaberta. Eles entram, e David tem a mesma sensação de quem visita um velho conhecido. A garota lhe oferece uma toalha (nada, além disso) e sugere um banho. Ele aceita. Em seguida ela faz o mesmo.

Quando sai do chuveiro, ela está dentro de uma camiseta branca, enorme. David tenta evitar, mas seus olhos procuram o ventre da moça, e ele fica se perguntando se há uma calcinha ali embaixo.

— Que lugar é este, Andreia? — pergunta, abandonando os pensamentos maliciosos. Embora saiba que essa convicção não vai durar muito. Os trajes não ajudam. Ele está só com uma toalha presa à cintura e ela só com uma camiseta.

— Achei que você pudesse me dizer — ela sorri. — Ah, e será que dá pra parar de me chamar de Andreia?

— O quê?

— Relaxa, você passou muito tempo dentro daquele hospital, e muita coisa ainda tem de ser explicada.

Ele quer mesmo saber o que é que tem de ser explicado. Aliás, desde que acordou naquele hospital, nada mais fez sentido. E que história é essa de ela não se chamar Andreia?

Enquanto se pergunta se deve ignorá-la e sair logo daquela casa, ele não percebe a aproximação da garota, o que teoricamente não o dá nenhuma chance de fuga. A boca da moça agora está a um palmo da boca dele, e isso o perturba. Não há nenhuma reação da parte de David. Então ela o beija novamente.

Por mais que a ideia de beijar a moça pareça estúpida, David sabe que não há como negar, ela o fascina. O gosto da boca da moça o faz esquecer de quem ela é. Agora ela não é mais a mulher com quem seu pai se relacionara por três anos. Não é mais aquela figura arrogante que insultara a sua mãe. Agora, aquela garota é só um aumento no ritmo cardíaco, uma tensão muscular. Uma ereção.

Enquanto se beijam, Andreia o inclina na direção da cama. David tem a sensação de estar fazendo tudo errado, mas admite que a ideia de oferecer resistência também está longe da sua cabeça, ele a deseja. Então ele fecha os olhos e deixa rolar, permite que a garota revele suas intenções. Ela também o quer.

David está largado sobre a cama, enquanto a moça recua alguns passos. Ele ergue os olhos e a vê se despindo.

Ela começa a levantar a camiseta, bem devagar. Faz isso sem tirar os olhos de sua presa. David suspira, e agora pode constatar: há sim uma calcinha lá.

A moça se livra da camiseta e deixa os seios à mostra. Na opinião de David são peitos perfeitos, e ele sente uma vontade incontrolável de tocá-los. Ela sabe disso, então não tem pressa, quer prolongar a sensação de ser desejada.

David toma um impulso e se senta na cama. Ele não pretende esperar mais. Inclina-se, segura a garota pela mão e a puxa para si. Ela também acha que já está na hora. Então ele percorre aquele corpo delicado com os olhos, e quando alcança o rosto da moça, se depara com um sorriso malicioso. Ela lê seus pensamentos, cada um deles. São placas ao longo de uma estrada deserta. David desvia o olhar. Está fora de controle. Ele quer essa garota. Precisa beijar seu corpo, sentir sua pele. Então começa pelo umbigo. Beija. Acaricia com os lábios. Brinca com a língua, que percorre todo o ventre da moça, e agora ele não consegue pensar em mais nada. Nada mais tem importância. É como se sua existência se resumisse a isso: o desejo irresistível de possuí-la.

A garota empurra David de volta e o faz cair de costas sobre a cama. Sustenta seu olhar. Umedece os lábios com a língua, sorri e arranca a única peça de roupa que cobre o corpo do rapaz, uma toalha. Ele abre a boca para falar algo (embora não tenha ideia do que dizer) e ela o impede.

— Shhhh.

Agora é a vez de Andreia. É ela quem está no comando. David estremece. Ela sabe o que fazer. A luz que entra pela janela cria nuances de tonalidade sobre a cama e os corpos nus; o que faz com que David pense na morte. Não é isso? Morrer não é deixar de existir? É isso o que ele é agora: uma sensação. Não há mais carne, nem cérebro, nem razão. O que existe é só esse sentimento. Uma sensação fundida no que antes eram dois corpos.

Os olhos fechados de David são observados pela garota, que agora segue beijando o corpo do rapaz. Beija seus mamilos, passa pelo pescoço até alcançar os lábios. Simula mordidinhas inocentes. Ela está pronta para ele. Então, aproxima sua boca ao ouvido de David e sussurra:

— Quero você — ela faz uma pausa — dentro de mim. Sua voz vem carregada de desejo, e sua respiração se confunde com um gemido.

David também a quer, mas está paralisado. Aquela sensação de que não deve fazer isso, volta a confrontá-lo. David a ignora. Não quer saber. Ele sente a respiração acelerada da garota, quer abraçá-la, quer transar com ela. Ainda está tomando coragem quando ela se antecipa. Deliberadamente faz com que as mãos de David alcancem suas nádegas. Agora ele não vacila, agarra-as com firmeza e as comprime contra si. Ela solta um gemido. Depois outro. Agora, David vê um brilho de prazer nos olhos da garota.

øøø

Andreia está com a cabeça apoiada no peito de David, e ele ainda pode sentir o perfume que vem do corpo dela, quando alguém bate à porta. São batidas insistentes. A garota franze a testa. David também está preocupado. Ele está nu, e agora? Não vai ter tempo de fugir. Se ele não está enganado, a única porta que dá para a rua é a mesma que agora está sendo *espancada*.

Andreia aponta para um *montinho* no chão ao lado da cama (são as roupas de David) indicando que ele deve se vestir, enquanto ela se apressa em fazer o mesmo. As batidas na porta continuam. Ela hesita por um instante, mas decide atender. Faz um sinal com o dedo indicador para que David fique em silêncio. Como se isso fosse necessário.

— É bom vê-la novamente, Emily — a pessoa na porta diz.

A voz que David ouve é masculina e tem um tom levemente grave. Ele se apressa em se vestir. Droga, a calça ainda está úmida! Ele tem a sensação de já ter ouvido aquela voz antes, mas não se lembra de onde, o que não significa muita coisa. Tem tido essa impressão com bastante frequência. Ele não consegue ouvir a resposta de Andreia, mas fica intrigado com o nome pelo qual o visitante a chamara. *Emily?*

— E então, como vão as coisas? — o sujeito pergunta.

— Tudo certo.

— Parece que você tem andado bem ocupada.

— Qual é?... Tá querendo o quê comigo?

— Calma, só quero conversar.

— Então fala.

Que os dois se conhecem, David não tem dúvida, mas percebe também que o tom de voz de Andreia — ou Emily; ou "Amorzinho"; ou, seja lá quem for essa garota — não chega a ser cordial. Considerando as pausas entre uma fala e outra, David supõe que o homem esteja avaliando o local enquanto conversa. A boa notícia é que o visitante não parece ser ninguém do hospital.

— Está sozinha?

— Por que não me diz logo o que quer?

— Posso entrar?

David ouve um ruído e imagina o sujeito forçando a porta, mas a corrente da tranca de segurança cumpre bem o seu papel. David fica se perguntando qual será a ligação entre o homem na porta e a garota com quem acabara de transar. Um carro buzina na rua. A mesma que agora há pouco estava vazia. Seria algum comparsa? Não, ele acha que não. Está paranoico e com medo. Receio de voltar para o hospital e novamente perder o contato com a realidade.

— Não é uma boa hora — ela se esquiva —, eu já estava de saída.

Silêncio. É o que vem a seguir. Um silêncio desconfortável que logo é quebrado pelo tom ameaçador do homem.

— Você não tem ideia de onde está se metendo.

— É mesmo? — ela ironiza. — Então por que não me diz?

A resposta desafiadora não agrada o visitante. Ele balança a cabeça e respira fundo. Funga, como quem conta até dez antes de fazer uma *besteira*. Está claramente se contendo. Desiste de levar a conversa adiante e sai sem dizer nada. Simplesmente vai embora.

David ouve a fechadura sendo acionada. Pouco depois, Andreia — que acabara de se transformar em Emily — está de volta ao quarto, e ainda traz no rosto a mesma expressão de preocupação.

— Tô esperando — David diz.

Ela suspira. Deve sim uma explicação.

— Não sei bem o que dizer. Na verdade, acho que estou tão surpresa quanto você.

— Emily?

Ela confirma com um movimento de cabeça.

— Dá pra me contar o que é que tá acontecendo? — ele quer saber.

Ela se aproxima e o abraça. Um abraço tenso, angustiante. Está assustada. Quer sim explicar tudo, mas não agora. Não há tempo para isso. Ela abre as portas do guarda-roupa e pega uma calça jeans e uma camiseta. Em

seguida vai até uma sapateira e encontra um par de tênis. David a acompanha com os olhos.

— Puxa, que vacilo — ela sorri. — Esqueci de pegar roupas limpas pra você.

Essa não é a resposta que ele quer.

— Vamos sair logo daqui. Prometo que depois eu te conto tudo. Ela indica que o rapaz deve se trocar novamente, pôr as roupas limpas que ela pegou. Ele o faz, embora acredite que precisará de uma dose de sorte para caber nesses trajes.

— Pertencem a quem?

— O quê?

— As roupas, são de quem?

— De alguém muito especial.

— Algum namorado?

Ela sorri.

— Vista-se. Bora sair daqui.

Todas as peças serviram direitinho, inclusive os tênis.

Capítulo 20
NADA PESSOAL

Miguel atravessa a sala acompanhado de dois grandalhões, um de cada lado. É um ambiente amplo, todo ornamentado por objetos exóticos e pequenas estatuetas de anjos. As cortinas ocupam paredes inteiras e contribuem para que a luz do dia seja substituída pela claridade que brota de um lustre gigantesco posicionado no centro da sala.

Espalhados pelas paredes há quadros que retratam obras de pintores renascentistas, uma tentativa de deixar o ambiente menos sombrio.

Os três homens avançam, e a figura de outro sujeito ganha contornos atrás de uma mesa. De perto, o que se vê é um homem sentado de costas para os visitantes. Apesar da pouca luminosidade e da imponente poltrona que o envolve, é possível identificar alguém com uma estrutura corporal avantajada, de contornos arredondados.

— É impressionante como alguns imbecis não conseguem executar uma tarefa, por mais simples que seja — ele diz, seu tom calmo não combina com o conteúdo da frase. Ele gira a poltrona e revela um rosto de feições congeladas.

É um sujeito corpulento, metido num terno escuro com listras na vertical. Sua camisa preta, acompanhada de uma gravata da mesma cor, o aproxima do clichê "*vilão de novela*". Um broche com a inscrição "ALMA" em letras douradas repousa sobre a lapela de seu paletó.

— Estamos cuidando de tudo, senhor — é o que Miguel diz, está posicionado em frente à mesa. — O psiquiatra, digo, o Dr. Levi garantiu que o problema será resolvido ainda hoje. Vamos encontrá-lo.

Os dois grandalhões se afastam, e agora, como cães de guarda, estão perfilados junto a uma das paredes. Devem ter visto isso em algum filme de gangster. Pose de "capanga".

— Não está entendendo a gravidade da situação — diz o anfitrião, está esparramado em sua poltrona. Não fosse pelo som anasalado produzido por sua respiração, os próximos dez segundos pertenceriam ao silêncio.

Ele se esforça, levanta-se e contorna a mesa. Seus passos são lentos, e o trajeto até Miguel é auxiliado por uma bengala. Arrasta-se com o seu bastão negro até se posicionar ao lado do visitante, que o observa em silêncio. Pousa a mão sobre o ombro de Miguel e dá três tapinhas, enquanto suspira longamente. Em seguida, faz um gesto com a cabeça. Um dos grandalhões entende o sinal, dirige-se até uma saleta e desparece na penumbra.

Menos de um minuto depois, ele retorna na companhia de um homem encapuzado. O prisioneiro é posicionado em frente ao sujeito com a bengala. O

visitante observa a cena, apreensivo. Não há cerimônia, o grandalhão arranca o capuz do encarcerado.

O que se revela a seguir é um rosto confuso e aterrorizado. Há minúsculas gotas de suor brotando na testa do vigia que estivera em serviço na noite em que David desapareceu do hospital. O homem tem os lábios cobertos por uma fita adesiva e respira com dificuldade. Seus olhos exibem um ar de súplica e suas bochechas queimam num rubor que se espalha rapidamente por todo o rosto.

O capuz é colocado de volta.

øøø

Um ano e meio atrás, quando Lorenzo decidiu trabalhar no Hospital Psiquiátrico São Judas Tadeu, o fez por uma única razão: o anúncio de uma paternidade não planejada. A namorada Jade, com quem tinha um relacionamento havia pouco mais de cinco meses, anunciou, aos prantos, a vinda de mais um "anjinho" a este mundo perverso. O pai da moça — um pastor ultraconservador aposentado — ameaçava expulsá-la de casa por, segundo ele próprio, questões ligadas às "leis de Deus" e a moral. A verdade era que a garota tinha desprezo pela vida simples que levava com os pais, sobretudo pela falta de perspectiva a que era submetida todo santo dia. Ao contrário deles, a vocação religiosa não lhe exercia nenhum encanto, e os desapegos e limites impostos pela doutrina, muito menos.

Lorenzo e a namorada partiram de Ponta Porã de madrugada. Mato Grosso ficou para trás, e os pais também. Os dois jovens amavam aquela cidade. Nasceram e cresceram ali, mas agora era preciso seguir em frente.

Contrariando uma parcela considerável das expectativas do jovem de Ponta Porã, a função de vigia noturno em um hospital psiquiátrico era tudo o que Foz do Iguaçu estava disposta a lhe oferecer.

Lorenzo aceitou.

øøø

O homem de terno caro e bengala na mão se aproxima do encapuzado e o observa. Miguel está tenso e acompanha a cena sem dizer nada.

O dono da casa acende um cigarro e inala a fumaça, sem pressa. Uma cortina branca percorre lentamente o ambiente. Ele suspira, desabotoa o paletó e alcança na cintura uma pistola automática. Apalpa quase todos os bolsos até encontrar um silenciador. Gira-o com cuidado. Ajusta-o. Aponta a arma para a cabeça do prisioneiro.

Mesmo com a visão bloqueada o encapuzado parece prever o pior. Ele sabe que algo ruim está para acontecer. Também sabe que seja o que for, ele não pode evitar. Há algo de lamurioso no som emitido por sua respiração. O coração está disparado e as mãos, unidas

por algemas, tremem sem parar. *Está perdido*, ele sabe disso.

— Entenda que não podemos admitir falhas — o homem apoiado em sua bengala diz, seu tom é o mesmo de quem conta uma história infantil. Ele olha para o prisioneiro; depois para Miguel. Volta a encarar o prisioneiro. Parece refletir sobre algo. O silêncio é perturbador. Uma maldição.

Então ele puxa o gatilho.

Capítulo 21
NADA ALÉM DA VERDADE

Quando Andreia (ou a recente Emily) abriu a boca para contar — segundo suas próprias palavras — *toda a verdade* sobre David, ele sabia que sua vida estava prestes a se tornar uma bomba-relógio. Então, quando Emily disse que os dois tinham que dar o fora dali; a lógica, na opinião de David, dizia que eles deveriam ir a algum lugar discreto e longe dos olhos de todos. Em vez disso, a garota o levou a um bar na Vila Yolanda. Um bar. Ele, sinceramente, não esperava por isso.

— A gente vai tá mais seguro em público — Emily diz, como se tivesse copiado a frase de algum filme exibido na "Tela Quente". Em outras palavras: *foda-se a lógica!*

Seguem direto para o *Chaplin Old Bar* e, ao contrário do que Emily tinha imaginado, o lugar está quase vazio. O bar é famoso por seus petiscos, drinques e cervejas, sem contar o ambiente decorado ao estilo *vintage* com *pin-up's* e bandas de rock. David sugere uma mesa mais ao fundo; não se sente seguro. De onde estão, conseguem ver o balcão feito de tijolos aparentes e, o mais importante, quem entra e quem sai do estabelecimento.

Enquanto se acomodam, David vasculha o lugar com os olhos, impaciente, numa atitude típica de um

fugitivo. Espera encontrar todos os olhares voltados para si, o que não acontece. Ele sorri. Tenta disfarçar o nervosismo.

O casal pede dois refrigerantes. David continua preocupado. Não está convencido dessa história de "estar seguro num lugar público".

— Sabe — Emily começa —, ainda não tenho provas do que vou dizer agora, e sei que corro o risco de ser chamada de maluca, mas peço que tente confiar em mim.

Ela meio que sussurra para não chamar a atenção das pessoas mais próximas.

— Você sabe o que está acontecendo comigo? — David quer saber. Sua intenção é acompanhar o mesmo tom de voz de Emily, mas acaba falando mais alto do que gostaria.

— Tem ideia de porque você foi parar naquele hospital?

— Um convite V.I.P, talvez? — ironiza.

— Tô falando sério, David — ela se inclina na direção do rapaz e reduz ainda mais o tom de voz. — Responda à pergunta, por favor.

Um homem de uns trinta e poucos anos, sentado a duas mesas de onde David e Emily estão, toma sua cerveja tranquilamente. Tira um maço de cigarros do bolso, mas não chega a acender nenhum. Fica apenas brincando de abrir e fechar um desses isqueiros retros.

Do outro lado — numa mesa próxima ao balcão —, duas garotas devoram uma porção de batata frita. Também tomam cerveja e trocam poucas palavras.

— Eu já disse — David balbucia —, sou um assassino, lembra?

Emily o encara. Seu olhar não é de reprovação e sim de curiosidade. Espera uma resposta mais conclusiva.

— Tá, você já me contou essa parte, lembra? — ela insiste. — O que eu quero saber é como chegou a essa conclusão?... Quer dizer, por que você mataria os seus pais?

— Como é que eu vou saber? Malucos não precisam de motivos pra nada.

— Para com isso, David. Você não é maluco.

— Quem pode garantir que não?

Ela pensa por um segundo. Talvez esteja considerando essa possibilidade, mas logo continua:

— Não se lembra de nada?... Tipo, o momento de ter cometido esses crimes?

— Nada. Na verdade, minha cabeça parece um caderno escrito a lápis, que alguém (só por sacanagem) decidiu passar uma borracha em tudo.

— Então como se convenceu de que fez isso?

— Pois é... No começo eu até duvidava, mas agora... tá tudo bagunçado na minha cabeça, sabe? Talvez o cara esteja certo.

Emily acompanha a explicação do rapaz, mas ele não sabe o que dizer. Tudo o que se lembra é de ter

acordado naquele hospital acreditando que ainda tinha treze anos. Antes disso, todas as suas lembranças remetem às fantasias da cabeça de uma criança perturbada, capaz de coisas inimagináveis, como matar os próprios pais, por exemplo. Ele quer muito acreditar que tudo isso não passa de um terrível engano, e que o verdadeiro assassino possa ser encontrado, mas também sabe que a história do psiquiatra pode sim ser verdadeira.

— Você tá se referindo ao Dr. Levi?

— Ele mesmo.

— Já parou pra pensar que ele pode ter inventado essa história? — ela pergunta, sugando o canudinho do seu refrigerante.

A *Pepsi* de David continua intacta.

Ele brinca com o refrigerante. Não quis canudinho. Fica passando o dedo indicador na borda da latinha, e isso, ele não sabe explicar por que, o faz lembrar dos pais. Talvez seja porque quando tinha seis anos, ouvira o pai dizer que refrigerante é um *veneno* para a saúde. Um veneno? Tomado por "zilhões" de pessoas em todo o mundo?

— Não sei não... Até ontem, eu estava trancafiado naquele depósito de doidos, sem saber sequer quanto tempo tinha passado lá.

Emily ajeita-se no assento.

— Tudo bem! — ela diz. — Tenho uma teoria sobre o que pode ter acontecido com você, mas preciso que preste atenção e tente confiar em mim.

— Tá.

— Sei que pode parecer loucura, mas tudo o que você sabe ou pensa que sabe, não é real.

— Tipo o quê?

— Tudo. Tudo o que você sabe pode ter sido inventado.

— Tá me dizendo que a minha vida foi inventada?

— Não exatamente. O que quero dizer é que alguém tentou reescrever uma parte da sua história.

— Tô tentando entender como isso seria possível.

— Isso eu também não faço ideia, mas sei que posso te ajudar a conhecer pelo menos uma parte da sua *verdade*.

— Minha verdade?

— Sim. A que tiraram de você — Emily olha rapidamente para os lados, quer ter certeza de que ninguém os observa.

— Antes de continuar, quero que me responda: que motivo você teria para matar seu pai?

A pergunta o faz visualizar o sorriso debochado do velho Agenor. Cínico. David sente por um instante o hálito etílico do pai. Aquele cheiro com o qual aprendeu a conviver. O mesmo odor que impregnou a vida dele da mãe.

— Ele era um miserável que só se embriagava e se divertia espancando minha mãe — responde, num impulso. — Mereceu o fim que teve.

— Por isso você pegou uma arma e acabou com ele?

— Não sei... — ele hesita — acho que sim.

— Tá, mas e a sua mãe?... — Emily quer saber. — Você não tinha motivos para matá-la, certo?

É uma boa pergunta, e David não sabe como respondê-la.

A garota se inclina ainda mais. Agora está a poucos centímetros do rosto de David.

— Não foi você quem matou os seus pais — ela cochicha.

Ele parece não entender. Embora tenha escutado muito bem. Então ela repete:

— Não foi você.

— Então quem foi? — ele também sussurra.

Emily arregala os olhos e faz um sinal com a cabeça indicando a direção do balcão.

Quando David se vira, vê um homem conversando com o garçom, e ambos olham na direção da mesa onde ele e Emily estão.

— Venha, vamos sair daqui — a garota diz, apontando para uma porta que dá para a saída de emergência, nos fundos do bar.

— Mas quem foi?... Quem matou os meus pais?

— Não dá tempo — Emily já está de pé e o puxa pelo braço —, a gente tem que sair daqui, agora.

Quando percebe que a intenção do casal é escapar pelos fundos, o homem grita:

— Ei, vocês aí!

Apesar de toda a adrenalina, David reconhece essa voz. Ele tem certeza. Pertence ao mesmo homem que estivera agora há pouco na casa de Emily.

— E aquele papo de estar mais seguro em público? — David pergunta, esbarrando em uma das mesas.

— Tá, eu estava errada. Agora cala essa boca e vamos embora!

Saem em disparada até alcançar ao carro. No momento em que Emily dá a partida, o sujeito aparece na porta de saída do bar e corre na direção do casal. A garota pisa fundo no acelerador fazendo o carro *cantar* os pneus. Cria-se uma nuvem de fumaça e o cheiro de borracha queimada toma conta do ar.

Não chegam a rodar nem duzentos metros, quando um veículo fecha o carro de Emily, e ela freia com tudo. Três caras descem rapidamente do carro. Dois deles ficam perto do veículo, enquanto o outro avança na direção do casal. Ele abre a porta do carona e arranca David do carro. Em seguida, imobiliza o garoto com um golpe de Jiu-Jitsu e o arrasta até o veículo onde estão os comparsas. Emily está em choque. Observa a cena, como se ela não fizesse parte do contexto.

Toda a ação não dura mais do que um minuto. Então as pessoas que passam pelo local não percebem o que está acontecendo.

Quando é forçado a entrar no carro dos raptores, David vê o cara que os perseguiam no bar estacionar seu

carro ao lado do de Emily. Ele coloca a cabeça para fora, fecha um olho, aponta o dedo indicador na direção dela e faz um movimento com o polegar, simulando o disparo de uma arma. Sorri.

O olhar assustado de Emily é a última imagem que David tem antes de sentir uma nova picada de agulha no braço.

A garota acompanha o movimento do carro com os olhos, e quando se certifica de que o rapaz retribui seu olhar, embora imagine que o som da sua voz não o alcançará, diz: "ELES-ESTÃO-VIVOS". Articula cada palavra de forma lenta e exagerada. Acredita que assim, David possa ler os seus lábios.

Ela está certa.

Capítulo 22

UM GATO CHAMADO "BOLOTA"

O rapaz atende ao celular e sem nenhuma razão aparente pede que a irmã espere na linha. Emily odeia isso! Não, a moça não tem problema algum em ter que esperar, mas não se trata disso, ela sabe. É que, na maioria das vezes, o irmão age assim só para irritá-la. Aquele tipo de provocação sem sentido que os irmãos costumam fazer um com o outro, sabe?

— Caio, eu o encontrei — a garota diz.

O rapaz fica em silêncio por um tempo.

— Porra, dá um tempo, Emily — ele diz, seu tom não chega a ser repreensivo. — Tudo bem que você amava o cara, mas isso já é demais.

Na opinião de Emily, irmãos vêm a esse mundo com um único propósito: provocar um ao outro, mas até que ela e Caio têm lá seus momentos de cumplicidade; e isso, no fim das contas, acaba superando as provocações.

Quando crianças (ela com dez e Caio com treze anos), costumavam brincar com o Bolota, o gato da família. Certa noite, Caio teve uma ideia engraçada. O plano era tentar mergulhar o bichano num tambor cheio d'água — desses utilizados para captar água da chuva. Era só para ver a reação do felino.

O problema era que o Bolota, assim como a maioria dos gatos na face da Terra, não curtia muito essa ideia de banho, então, deu um jeito de enfiar suas garrinhas afiadas nos braços de Caio. Irritado, o garoto começou a socá-lo, como se o bicho fosse de pelúcia.

O Bolota até que resistiu bem, mas quando começou a se cansar, Caio o agarrou pela garganta e o sufocou até a morte; mas não sem antes multiplicar os riscos nas mãos e nos braços do seu algoz.

Na ocasião, os pais de Emily e Caio tinham ido a um restaurante — mesmo sem muito entusiasmo por parte do pai — para comemorar mais um aniversário de casamento. "Não sei pra que isso", disse o pai, minutos antes de sair, mas acabou cedendo aos argumentos da esposa. Mulher tem dessas coisas.

As crianças ficaram sozinhas. Já estão bem grandinhos, acreditavam os pais. Então a ideia de contratar uma babá foi descartada logo de cara.

Naquela mesma noite, Caio deu um jeito de se livrar do cadáver do Bolota.

A imagem do corpo do gato largado num canto, com os olhos saltados e a língua de fora, nunca saiu da cabeça de Emily. Mesmo hoje, já adulta, ela ainda lembra daquela cena.

— Foi um acidente. Eu não tive culpa — Caio justificou, enquanto colocava o Bolota dentro de um saco plástico.

Emily não estava em condições de concordar ou não com ele. Tremia, e tudo o que conseguia fazer era choramingar baixinho. Nunca teve coragem de perguntar o que o irmão fizera com os restos mortais do pobre Bolota. Até hoje, ela acredita que o bichano tenha sido enterrado numa cova rasa no quintal, e o pior era que a mãe tinha uma horta em algum lugar lá nos fundos da casa. Então de repente a garotinha passou a odiar salada.

Durante anos, principalmente à noite, Emily evitou circular sozinha pelo quintal. Tinha a sensação de que há qualquer momento o Bolota rastejaria das sombras e — como num romance de Stephen King — a assombraria pelo resto da vida.

Três dias depois, quando os pais sentiram falta do gato, Caio inventou uma história um tanto maluca, mas convincente. O Bolota havia fugido de casa após uma briga com o cão do vizinho, um *São Bernardo,* que mais babava do que latia. Sobre os ferimentos, a desculpa foi a tentativa frustrada de evitar o combate entre os dois animais. O pai engoliu a explicação de primeira, mas a mãe só se contentou depois que Emily confirmou toda a história. A garotinha nem precisou falar, foi só um gesto desesperado com a cabeça.

Após aquela noite, os irmãos firmaram — ainda que isso tenha ficado subentendido — uma espécie de pacto onde um sempre protegeria o outro, incondicionalmente. Mesmo que fosse do jeito deles.

Então as crianças cresceram e o episódio do gato ficou para trás. Caio se tornou um rapaz incrível, exceto pelos *baseados* (que Emily odeia) e o péssimo hábito de jamais perder uma oportunidade de provocá-la.

— Estive com ele hoje de manhã — ela responde.

O irmão silencia novamente. Quer se certificar de que ninguém o observava enquanto fala ao telefone.

— Que doideira é essa? — ele sussurra. — Vimos o David ser enterrado, lembra? Você sabe muito bem disso.

— Não era ele naquele caixão... — a moça também reduz o tom de voz — David está vivo.

— Puta que pariu!... Por acaso você andou fumando um *baseado*?

— É sério, Caio. Sem zoeira. Preciso te contar uma coisa, mas não dá pra falar por telefone.

— O que foi?

— Por telefone, não.

— Tá bom, vou dar um jeito de dar um pulo aí.

øøø

Emily está pensando no Hospital Psiquiátrico São Judas Tadeu, quando um som irritante a traz de volta à realidade. É o Caio, ela tem certeza disso. O jeito desesperado como enfia o dedo na porcaria da campainha dispensa qualquer exame de DNA. É ele!

A garota abre a porta e o irmão mal olha na cara dela. Passa por Emily como se ela fosse invisível e se joga

no sofá. Fica brincando com o chiclete, jogando de um lado para o outro na boca.

— Pedi pra almoçar mais cedo, então já vou logo avisando que eu não posso demorar — ele diz, usando as pontas dos dedos para recolocar os cabelos atrás das orelhas.

Embora jamais tenha colocado os pés num skate, Caio lembra um desses garotos viciados em manobras radicais. É verdade, ele é mais velho do que Emily, mas não parece. É franzino, usa calças sempre uns três números maiores que o dele e odeia qualquer coisa que lembre um cinto. Suas camisetas parecem ter saído de fábrica já com uns dez anos de uso. O cabelo liso — na altura dos ombros — é partido ao meio e de vez em quando cai sobre os olhos.

— Estive com ele hoje de manhã — Emily repete o que havia dito no telefone.

Caio a encara com desconfiança.

— Vem cá, deixa eu ver se você tá com febre — ele diz, mostrando um sorriso.

— Tô falando sério, dá pra parar com a palhaçada?

— Você tem noção do que tá me dizendo?

— É ele, tenho certeza.

Caio levanta-se do sofá e se aproxima da irmã. Quer tirar essa história a limpo. Em seguida olha para o relógio.

— Tá legal, ainda tenho alguns minutos. Quero que me conte de onde você tirou toda essa maluquice.

O olhar que Emily dirige ao irmão, deixa claro que ela odeia isso. Odeia o que ele está fazendo. Se não quer levá-la a sério, então por que veio?

— Tô esperando — Caio aponta para o relógio com pulseira de plástico colorido em seu pulso.

Então, com base unicamente em suposições, a garota começa a contar tudo o que pensa ter descoberto sobre a trama envolvendo o homem da sua vida.

øøø

— Logo após a suposta morte de David, eu não conseguia mais dormir direito e comecei a ter um pesadelo atrás do outro. Quase toda noite eu o via nos meus sonhos. Tinha as roupas manchadas de sangue e um grande ferimento na cabeça.

Na maioria das vezes ele não chegava a falar nada. Apenas me olhava de um modo esquisito, como se quisesse me mostrar algo. Então, de repente ele caminhava em direção a um local estranho, onde o branco das paredes ofuscava a minha visão. Era uma espécie de corredor, enorme, de onde dezenas de rostos suplicantes brotavam das paredes, e antes de desaparecer por completo naquela imensidão reluzente, David me estendia a mão, e quando eu tentava tocá-la, acordava sem saber o que fazer. Sempre que o pesadelo se repetia, novos detalhes do lugar se revelavam em minha mente, e isso

acabou me fazendo ter a sensação de já ter visto aqueles corredores antes...

— Não acredito que você me chamou aqui pra falar de sonhos — Caio diz, impaciente.

— Cala a boca e me escuta!

Ele volta a se esparramar no sofá e faz uma cara de tédio, como se o mundo inteiro fosse uma maldição, e viver, um sacrifício sem fim.

— Tudo bem, mas vê se não enrola. Tô no meu horário de almoço, lembra?

Emily continua:

— Foi numa dessas madrugadas frias e sem esperança que eu finalmente me lembrei de onde conhecia aquele lugar. Aquelas paredes e corredores eram, na verdade, do Hospital São Judas Tadeu. Eu sabia disso porque já havia visto fotos do lugar publicadas no *Gazeta do Dia*. O jornal trazia uma reportagem sobre o hospital e o elegia como uma das instituições mais relevantes do estado. Então fiquei me perguntando por que, em sonho, David sempre me indicava aquele lugar.

Enquanto Emily fala, Caio boceja e de vez em quando assente com a cabeça. Não quer contrariá-la, mas na opinião dele, a irmã está delirando. Tudo imaginação. E lá se vai o seu horário de almoço.

Mas já que veio até aqui...

— Tá, e daí? — ele simula um interesse que não existe. — O que é que isso tem a ver com essa bizarrice de você achar que o David tá vivo?

— Calma, vou chegar lá.

Caio levanta-se e enterra as mãos nos bolsos da calça. É um hábito que piora muito quando ele está irritado. Emily acha que se continuar pressionando as mãos contra os bolsos, o irmão vai acabar arreando as calças. Esse pensamento a faz sorrir.

Ela sabe que o irmão está curioso sobre a sua teoria. Do contrário já teria ido embora. *Vazado*, como ele mesmo diz. O garoto é impulsivo, acha que quase tudo na vida é perda de tempo, mas agora é diferente. Caio nunca admitiu, mas era difícil se convencer de que o namorado da irmã cometeria a estupidez de morrer daquela forma. Um acidente de carro. A história toda era muito mal contada e não havia nenhuma explicação para o rapaz ter agido de forma tão irresponsável. Muita coisa ainda faltava ser explicada.

No velório, o caixão lacrado alimentava a imaginação de Emily. Teoria da conspiração, era o que ele tinha em mente. Para a moça, o corpo no ataúde não era o de David. De jeito nenhum. Tinha alguma coisa errada ali.

— Já tá quase na minha hora — Caio lembra, ainda mais impaciente.

— Por favor, me escuta. Vai valer a pena. Prometo!

— Acho bom mesmo.

O garoto estica as pernas e cruza um pé sobre o outro. Um dos tênis fica tremelicando no ar.

Emily continua:

— Na manhã seguinte, encasquetada com a ideia de desvendar as imagens dos meus pesadelos, fui até o hospital. Não tinha ideia do que encontraria lá, mas também não estava lá muito preocupada com isso. Só queria entender por que — de uma hora para outra — eu tinha começado a ter sonhos com aquele lugar, e o fato de eu nunca ter estado lá antes deixava tudo ainda mais sinistro.

A ideia de ter de passar pela portaria e a recepção do hospital me deixava em pânico. Eu tinha que inventar uma boa desculpa, criar um disfarce, mas qual?

Foi aí que tive uma ideia meio tosca, mas que acabaria funcionando. Liguei para uma amiga que trabalha no *Silva Cavalcanti* e peguei um jaleco emprestado. Um jaleco branco, parecia perfeito. O problema era só a inscrição bordada num dos bolsos superiores. Em verde-escuro, as letras HMSC *(Hospital Ministro Silva Cavalcanti)* estavam lá, meio que desafiando a minha criatividade. Peguei uma blusinha branca — a mesma do último réveillon — e joguei sobre o ombro. Tudo bem, era uma ideia boba, mas não conseguia pensar em nada melhor. E quem poderia imaginar que aquela blusinha estava ali só para encobrir uma inscrição idiota? Ponto pra mim!

O homem da portaria nem se ligou. Além do *"bom dia"*, ele ainda me mostrou seus dentes num sorriso simpático. Já a mulher da recepção, nem sequer me olhou quando passei por ela. Estava ocupada demais checando a maquiagem num espelhinho redondo. No fim das contas foi mais fácil do que eu imaginava. Quer entrar num hospital sem chamar a atenção? Use um jaleco branco. Aposto que ninguém nem vai olhar para sua cara.

Lá dentro, percorri corredores exageradamente limpos. Eram idênticos aos que eu via nos sonhos. Dezenas de quartos surgiram à minha frente, a maioria com as portas fechadas. As poucas portas abertas me faziam desejar fechá-las, pois, seus habitantes eram sinistros. Pessoas pálidas, que mal percebiam a minha presença. Zumbis. Não havia outra maneira de descrevê-los. Seres inanimados vagando num mundo só deles.

Durante algum tempo, fiquei zanzando pelos corredores sem saber exatamente aonde ir ou o que procurar, mas não demorei a cair na real. Eu tinha invadido um hospital. O motivo: havia sonhado com aquelas paredes, vê se pode? Imagine ter de explicar isso para a polícia. Então resolvi sair dali enquanto ainda podia.

Peguei o mesmo caminho de volta, e quando já estava perto da saída tive a sensação de ter ouvido a voz do David. O som vinha de um quarto na mesma ala da capela.

Fui até lá e — antes que o sujeito na porta pudesse evitar — vi alguém deitado numa cama dentro do quarto. O grandalhão na soleira ficou me observando e não fez nada para impedir a minha aproximação. Acho que ainda era o "*efeito jaleco branco*".

O cara, deitado na cama, era o David.

A porta do quarto foi fechada e eu imediatamente expulsa do local, mas tenho certeza de que era ele.

O sujeito na porta me agarrou pelo braço e me arrastou até o fim do corredor. *Vaza daqui*, foi o que ele disse. Não quis arriscar, tinha dúvidas sobre a minha participação na equipe do hospital. Se soubesse a verdade, teria me esculachado e chamado a polícia, mas não o fez.

Ele não me pôs para fora do hospital. Só se assegurou de que não mais voltaria a me ver naquela ala. Já que eu ainda estava dentro do hospital, decidi aproveitar a oportunidade para procurar alguma pista que explicasse a presença de David ali. Peguei o corredor da direita, e logo encontrei uma sala equipada com dezenas de gavetas. Era a sala dos prontuários médicos. Pura sorte, pensei.

Mais sorte ainda foi não encontrar ninguém no local.

As fichas seguiam uma ordem alfabética. Abri a gaveta cuja sequência ia da letra "K" ao "O". Vasculhei rapidamente os dois compartimentos anteriores em busca da letra "D". Encontrei. Três pastas continham o nome "David", e dessas, só uma ostentava o sobrenome "*Pereira*

de Lima". Minha empolgação inicial se transformou em medo quando percebi que alguém se aproximava do lugar.

— Ah, então você é a novata do turno da manhã?

Girei o corpo e me deparei com uma senhora baixinha com bochechas rosadas e cara de fuxiqueira. Ela me analisou de cima a baixo; e como eu não tinha certeza da retórica, preferi não responder. Meu sorriso sem graça foi interpretado como um "sim".

Continuei mexendo nos documentos, como se não fizesse nada além do que a minha função exigia. A moça dos prontuários, era quem eu era naquele momento. Estava fazendo o meu trabalho, só isso. Todo o mundo sabe que não é recomendável que novatos fiquem de bate-papo, não é mesmo?

— Não esqueça de fechar a porta ao sair — ela disse. Virou as costas e se mandou sem levar nada.

Retirei a pasta com cuidado e li o histórico do paciente. Um documento anexado ao prontuário continha anotações manuscritas adicionais sobre David. Dei uma rápida olhada e fiquei intrigada.

— E o que é que tinha lá, afinal? — Caio pergunta, voltando a deixar o tédio de lado.

— O problema não era o que tinha, e sim o que não tinha.

— Ué, como assim?

— As informações não batiam.

— Tá falando "Grego" por quê?

— O que eu quero dizer é que, tirando o nome e o sobrenome, não tinha nenhuma outra informação naquele prontuário que indicasse que aquele era o David que conhecemos.

— Hum — Caio parece analisar uma questão complicada de vestibular. Está ligando os fatos, tentando matar a xarada.

— É como se alguém tivesse criado um perfil falso para ele, entende?... Um perfil com informações que não fazem sentido algum.

— E por que alguém faria isso?

— Pense, Caio.

Ele se levanta novamente e se aproxima da janela. Observa a rua vazia, pensativo. Volta a meter as mãos nos bolsos.

— Tá, e qual é o seu palpite?

— Bom, para começar, ele deveria estar morto, né?

Caio concorda com um movimento de cabeça.

— Não acredito!... Você acha que alguém pode ter forjado a morte dele e o mantido preso naquele hospital psiquiátrico?

— É o que eu penso — Emily confirma. — E tem mais, acho que alguém está tentando fazer com que ele acredite estar louco. Quando conversamos hoje de manhã, David me chamou de *Andreia*. Esse é também um nome que constava em seu perfil falso no hospital, e o mais estranho é que na frente desse nome aparecia a palavra

"AMANTE", escrita com caneta vermelha e em letras maiúsculas.

— História muito louca, essa.

— Eu te falei.

Caio assobia.

— E agora, o que a gente faz?

Emily pede ao irmão que se acomode no sofá novamente e conta-lhe os detalhes de uma ideia maluca que está rondando sua cabeça.

Capítulo 23
OUTRO VISITANTE

Quando David tenta abrir os olhos, a claridade o faz fechá-los instintivamente. Leva algum tempo até que sua visão possa se adaptar à luz do ambiente. A figura distorcida de um rosto se recorta em meio à claridade excessiva. Uma expressão que inicialmente parece congelada, mas que aos poucos revela um sorriso. Não, aquilo não é um gesto amigável. É só uma boca se contraindo numa expressão macabra revelando presas ameaçadoras. No lugar dos olhos, o que há são dois buracos negros, sem fundo, dispostos a sugar a alma de quem se meter a encará-los. Os cabelos flutuam no ar como serpentes famintas.

David fecha os olhos novamente.

— Vamos lá, David, acorde!

É só uma voz distante. O eco de um sonho reverberando em sua mente, mas o tom lhe parece familiar.

— Vamos, mexa-se, *Bela Adormecida* — a voz insiste.

Dois ou três tapinhas no rosto o fazem voltar à realidade, mas não sem antes deixá-lo emputecido. Pelo amor de Deus! Essa é a maneira mais estúpida e irritante de se acordar alguém. Nos filmes, David sempre se

perguntava: o que leva um roteirista a escrever uma cena em que o sujeito é acordado com tapinhas no rosto? Se alguém desmaia ou cai no sono, a última coisa que espera é ser acordado com *tapinhas no rosto*.

Volta a encarar a figura à sua frente, e agora não há mais nada de assustador nela. Os olhos exibem uma expressão fria, mas estão lá. No lugar das presas, o que se vê são dentes bem alinhados, desenhando um sorriso presunçoso. É só um homem, nada, além disso. Não é o Dr. Levi.

— Quem é você? — David pergunta, tenta se levantar.

— Alguém... — ele demora para completar a frase, empurra David de volta para a cama — que se preocupa com você. Como está?

— Estou bem — mente.

Claro que ele não está bem, mas vai adiantar dizer o contrário?

Sua cabeça parece um vulcão cuspindo fogo para todo lado. Não consegue raciocinar direito e seu corpo dói muito. O lado bom, ele pensa, é que dessa vez não tem monitores, nem máquinas, nem as malditas agulhas. Ele odeia agulhas, tem convivido muito com elas ultimamente. Os braços estão cheios de hematomas. São várias manchas roxas que se concentram nas costas das mãos, mas em número muito maior nas *dobras* dos braços. "É que, às vezes, é difícil *pegar* a veia", diriam os enfermeiros. "Que se dane!", diria David. Não aguenta

mais isso. Ele acredita que se for mesmo culpado de alguma coisa, já pagou metade dos seus pecados. As agulhas estão cuidando disso.

David volta a se concentrar na voz do homem no quarto.

— Isso é ótimo — o visitante observa, enfaticamente.

De onde ele conhece aquela voz?

— Então...— David hesita, mas completa a frase — Já que se preocupa tanto comigo, vai me ajudar a sair daqui, né?

Aquela voz, ele está quase se lembrando.

O homem o encara, o olhar severo. David estremece, está convencido de que proferiu alguma blasfêmia. Agora não tem mais jeito, vai ter que arder no fogo inferno.

— Não.

Uma resposta seca. Imediata. Sem chance de defesa.

É isso! Agora ele sabe.

Está novamente diante do mesmo sujeito que estivera na casa de Emily; o mesmo do bar; o homem que apontou o dedo na cara da moça.

— Já entendi tudo — David diz.

— Que bom — responde o visitante, um risinho cínico aparece.

A palavra "preocupação" flutua na cabeça de David. Agora ele sacou. O cara não está *preocupado* com ele, e sim em dar um fim nele.

— O que você fez com ela? — David quer saber.

— Com ela quem?

— Com a Emily — ele repete a pergunta, — o que fez com ela?

— Não estou aqui para falar dela. Estou aqui para cuidar de você.

Cuidar. Que maneira simpática de dizer que vai matar alguém, David pensa. Ele se esforça, quer levantar-se daquela cama e sair correndo. A cabeça gira, sente náuseas, o corpo não obedece.

— Cuidar de mim?

O gesto do homem é afirmativo. Ele procura algo dentro de uma bolsa. É uma mochila. David nem tinha notado que o cara tem uma porcaria de mochila. Uma arma, só pode ser. O homem veio "cuidar" dele. Veio matá-lo, e não há como se defender. É o fim. É assim que a vida termina. Em cima de uma cama de hospital, assassinado por um sujeito que você nem sabe quem é, um desconhecido. Mas isso importa? Saber quem vai puxar o gatilho? David acha que não.

O homem faz menção de dizer algo. Ele quer conversar antes de tirar sabe-se lá o que de dentro da mochila.

— Não precisa — David diz, quando o sujeito abre a boca.

— Acalme-se.

— Não quero saber.

— Já disse para ficar calmo — ele pousa a mão esquerda sobre a de David, a direita ainda está dentro da mochila. — Você está tendo alucinações, mas não se preocupe, vamos cuidar de você.

— Ei, sai fora, não toca em mim.

— Fique tranquilo, não vai demorar.

— Onde está o Dr. Levi?... Quero falar com ele!

— Não se preocupe — o homem altera o tom de voz. — Vamos cuidar de você. E não me faça ficar repetindo isso.

Encara o jovem sobre a cama. Vê o pânico em seus olhos. A mão direita está ainda dentro da mochila. Talvez se pergunte se deve mesmo fazer o que têm em mente. Sim, ele vai fazer. Há um discreto movimento em sua mão, o suspense aumenta, o clima fica tenso, até que finalmente David consegue ver o que o sujeito segura... *uma seringa? Deus do céu, parece que todo mundo aqui adora uma seringa.*

— Agora!... o rapaz diz, seu tom ganha volume. — Preciso ver o Dr. Levi, agora!

Ele não sabe se é o resultado da sua agitação ou alguma obra do Divino, mas algo faz o homem parar. Ele retrocede, coloca a seringa de volta.

Está em silêncio. Dá as costas ao paciente.

— Descanse um pouco — ele diz, enquanto caminha na direção da porta, trancando-a em seguida.

Capítulo 24
A SEGUNDA VEZ

Ele podia jurar que não havia pregado o olho — e que ninguém havia estado ali, desde que o sujeito com a seringa se mandou —, quando o silêncio foi quebrado por passos de alguém se aproximando do quarto. A porta se abre e David finge dormir. De todas as ideias no mundo, essa foi a única que lhe ocorreu agora.

— David, acorde! — alguém sussurra.

É uma voz masculina e jovial, diferente da voz do visitante anterior. Alguém com menos de trinta anos, David supõe. Seus olhos ainda estão fechados e ele não pretende abri-los, a não ser que seja absolutamente necessário.

Além da pessoa ao lado da cama, novos passos surgem mais adiante. Alguém na porta, acredita ele. Mas como ter certeza? E o que eles querem, afinal?

É necessário. David tem que enfrentar a situação. Ele abre os olhos e vê um rapaz. É um jovem, que ele, David, imagina ter a mesma idade que a sua. Usa um jaleco branco, todo amarrotado. Um enfermeiro? Metade do seu rosto se esconde atrás de uma máscara cirúrgica.

— Bora, temos que tirar você daqui — a outra pessoa diz, enquanto o rapaz ajuda David a se levantar. É

uma voz feminina. Na verdade, não é só uma voz feminina, é a voz de... Emily?

Agora David está quase de pé, e a tontura volta com tudo. É a pressão despencando. Ele vai cair junto, vai desabar sobre a cama, desmaia, mas antes que isso aconteça, o rapaz a seu lado o segura pelo tronco. Esforça-se para mantê-lo na vertical. Não vai deixá-lo sucumbir. David sente a vista escurecer, mas resiste. Não quer parecer fraco diante de alguém que quer ajudá-lo. Aguenta firme, respira fundo, mas ainda está suando frio.

— Emily, é você? — David quer saber. Sua voz soa fraca.

— Sim, sou eu.

Ela verifica se os corredores estão seguros.

— E esse, quem é? — ele indica com a cabeça o rapaz em quem se apoia.

— Não tá reconhecendo o Caio?... É o meu irmão.

— Você tem um irmão?

Emily estranha a pergunta, mas disfarça bem.

— Desde que nasci — ela responde, uma ligeira ironia permeia sua voz.

— Bora, gente — Caio interrompe. — Chega de conversa!

øøø

Eles saem do quarto e cruzam os corredores, como se estivessem na linha de frente de um campo de batalha, avançando cuidadosamente, torcendo para não serem surpreendidos pelo "inimigo".

Caminham por algum tempo e chegam a uma lavanderia. Lá, um uniforme semelhante aos que estão sendo usados por Emily e Caio, aguarda por David. Ele sorri. Não acredita que durante todo esse tempo, nunca pensou na existência deste lugar. Uma lavandeira com uma dezena de jalecos brancos à disposição. Isso o teria poupado de muita coisa.

— Tá esperando o quê?... Coloca logo um desses aí, pô — Emily ordena.

Agora é Caio quem vigia a porta.

David está impressionado com a precisão com que o uniforme branco se ajustou ao seu corpo. Emily aponta para uma caixa cheia de máscaras cirúrgicas. Ele escolhe uma e ajusta no rosto, obstruindo a boca e as narinas. Sente-se um pouco desconfortável, mas tudo bem.

— Tem certeza de que isso vai dar certo? — David pergunta.

— Não! — Emily responde. — Mas a gente tem que tentar, né?

— Vamos sair logo daqui — Caio diz, fechando a porta assim que passam por ela.

— Você vai na frente, Caio — Emily sugere. — E se vir alguém, aja normalmente. A gente vai estar logo atrás de você.

O irmão de Emily segue à frente, enquanto ela e David caminham lado a lado.

Cruzam com dois enfermeiros e uma senhora que — a julgar pelo carrinho a que conduz — só pode ser a faxineira do turno da noite. Passam despercebidos por todos eles.

Agora estão perto da recepção. Emily retira sua máscara cirúrgica e sugere que David faça o mesmo. Ele hesita. Talvez não seja uma boa ideia.

— Se passar com isso aí no rosto, vão perceber que há algo errado — ela diz.

— Mas se eu ficar de cara limpa, alguém vai me reconhecer.

Ela sorri e arranca a máscara do rosto de David.

Passam pela recepção e pela portaria sem problemas. Ninguém quer saber quem são eles. Estão de jalecos brancos e isso é o suficiente. Não deveria, mas é.

Caminham sem pressa até o carro. David respira, aliviado.

Emily dá a partida no veículo e pressiona o acelerador. Ela sabe como fazer, dirige bem. O carro se distancia rapidamente.

Só depois de terem percorrido cinco quadras, é que David percebe a presença de alguém no banco traseiro. Caio. O irmão de Emily procura algo nos bolsos da calça jeans sob o jaleco. Encontra.

— Tá maluco, cara? — Emily protesta, observando o irmão pelo retrovisor interno. — Vai acender um baseado aqui?... Tá querendo ferrar com a gente, é?

— Tudo bem, foi mal — Caio resmunga, contrariado.

Guarda o "*cigarro*" de volta no bolso.

Capítulo 25
OS MORTOS VIVOS

Quando Emily contou ao irmão o nome do homem que estivera à procura de David em sua casa, ele ligou os fatos na hora. Uma história macabra. Quem podia acreditar que um pai pudesse fazer isso com o próprio filho? Admitir uma história dessas, faz a gente pensar que o mundo pode ser um lugar bem mais assustador do que se imagina.

— Por que não me contou antes? — Caio indaga, enquanto ele e a irmã aguardam David voltar do banheiro.

— Porque era só uma suspeita e eu precisava ter certeza de que não estava ficando maluca, entende?

Caio morde o lábio inferior. Olha na direção da vegetação do outro lado da rodovia. Estão na loja de conveniência de um posto de gasolina, um desses de beira estrada. Seguem para Cascavel — cidade a cento e quarenta quilômetros de Foz do Iguaçu. Emily tinha convencido David de que há alguém lá capaz de ajudá-los. Apesar da insistência, ela optou por não revelar o nome da pessoa. Quer que ele, David, veja com seus próprios olhos.

Caio também está curioso.

— Mas quem é essa pessoa?

— Você vai ver — a irmã responde, bem no momento em que David passa por eles em direção ao carro.

A expressão de desconfiança no rosto de Caio é indisfarçável. Isso vai dar merda!

Emily pede uma água mineral sem gás e Caio pede dois refrigerantes. Enquanto o homem do outro lado do balcão providencia o pedido, o noticiário da TV fala qualquer coisa sobre "o fracasso da economia brasileira". Na política a coisa também não anda nada bem, querem a cabeça da Presidente da República. O processo de impeachment corre solto e tem chances reais de ser concluído com sucesso, e como se não bastasse, o Presidente da Câmara dos Deputados está sendo investigado por crimes de corrupção passiva e lavagem de dinheiro.

— Quanta sujeira! — Caio murmura.

Emily chacoalha a cabeça de um lado para o outro e prefere não comentar.

øøø

Chegam a Cascavel e encontram um céu tomado por nuvens escuras. Emily estaciona o carro e os três descem. O mesmo vento gelado que varre as ruas e calçadas da cidade dá as boas-vindas aos forasteiros. Emily sente a pele reclamar, não sabia que aqui estaria esse "gelo". Estão no bairro São Cristóvão, mais precisamente na rua Londrina.

— É, parece que vem chuva por aí — Caio observa.

David olha para o céu, mas é só isso. Não diz nada. Não está a fim de conversa.

É quase impossível não chamar a atenção das pessoas na rua. Ninguém parece disposto a acreditar que o "Sindicato dos Enfermeiros" tenha acabado de se mudar para o bairro, então, a visão de três jovens vestindo jalecos brancos hospitalares não parece uma cena muito comum por esses lados.

Um casal que caminha na mesma calçada, encara os três. São alienígenas usando jalecos. Do outro lado da rua, uma casinha simpática, com cobertura de *Eternit*, os observa.

Caminham até a entrada e são recebidos por uma mulher de olhar cansado e gestos frágeis. Ela se aproxima e, quando vê David, arregala os olhos. Está diante de um fantasma. Cai no choro. São lágrimas compulsivas e comovente.

— Filho? — ela balbucia, sua voz sai com dificuldade.

David parece perdido, não sabe o que dizer e nem o que fazer, mas ela sabe. Agora o rapaz está tão chocado quando a mulher que o abraça.

Emily e o irmão trocam um olhar. Caio pode jurar que sabe exatamente o que passa na cabeça da irmã: "*Acredita em mim agora?*", diria ela, exibindo aquela carinha de convencida, a mesma que costumava fazer quando criança.

Margarete é uma mulher de meia-idade. Sua aparência física deixa dúvidas se ela já alcançou os cinquenta anos. Seus cabelos claros disfarçam os poucos fios brancos que começam a aparecer. Tem um rosto bonito, mas que perdeu boa parte do brilho assim que ela soube da morte do filho.

Cerca de quatro semanas após a suposta morte do filho — e para a surpresa de todos —, o casal (Margarete e Miguel) se desentendeu e acabou se separando. Boatos diziam que as pessoas mais próximas da família insinuavam que Miguel parecia não sentir a morte do filho; o que acabou deixando Margarete furiosa e desolada.

Com a separação, ela se mudou para Cascavel. Já o ex-marido, nunca cogitou a ideia de sair de Foz do Iguaçu. Ele adora aquela cidade, sua vida está ali. Se ela — a mulher com quem viveu tantos anos — queria ir embora, o problema era dela. Ele não podia fazer nada.

øøø

— Você está vivo!... está vivo! — ela repete, quer se convencer de que a imagem de David é real.

Ambos compartilham o mesmo sentimento: um estranhamento inevitável.

David está calado, mas provavelmente está se perguntando como é possível que alguém possa esquecer

a fisionomia da própria mãe. Pode isso? Emily já se perguntou a mesma coisa.

O rapaz toca no rosto da mãe, busca algum traço familiar. Nada. Mas isso não faz diferença agora. Então os dois se abraçam novamente.

Emily e Caio continuam observando a cena de longe.

— Não consigo entender — David diz, olhando na direção de Emily. — Ela não devia estar morta?

A moça se aproxima.

— É melhor se sentar — ela diz, apontando para um sofá desbotado. — Vão ficar surpresos com o que tenho pra dizer.

David ignora a sugestão. A mãe dele, também. Em vez disso ela vai até à cozinha e volta de lá com um copo americano na mão. Suco de uva, David pensa. A mãe toma um gole, e o odor etílico não deixa dúvida, é vinho mesmo.

— Existe alguma explicação para isso? — Margarete indaga, porque para ela, o filho também deveria estar morto. Mais um gole.

A garota olha para o chão. Está refletindo sobre como começar essa conversa.

— O que você sabe sobre isso? — David pergunta.

— Mais do que vocês imaginam... — Emily faz uma pausa — e menos do que eu gostaria.

Ela olha para Caio e faz um sinal para que ele também se aproxime.

— Olha — ela começa —, é importante que saibam que o que vou contar agora faz parte de um grande quebra-cabeça que eu ainda estou tentando montar, mas acho que já consegui juntar boa parte das peças...

Caio se joga no sofá. Margarete se senta ao lado dele. David continua de pé.

— No dia do seu velório — a moça dirige o olhar a David —, por mais que eu tentasse, não conseguia imaginar você dentro daquele caixão. Algo me dizia que aquela *coisa* toda chamuscada não era você. Admito que no começo, até pensei que as pessoas pudessem ter razão sobre uma possível paranoia da minha parte, afinal, a gente namorava, né? Então, qualquer desequilíbrio emocional seria justificável...

— Pera aí... — David a interrompe — você tá me dizendo que a gente namorava?

— Isso mesmo, estávamos juntos.

— Minha nossa!

— Não se lembra disso?

David sorri. Parece constrangido.

— Olha — ele suspira — vou ser bem sincero... a única lembrança que tenho de você se encaixa numa situação completamente diferente.

Emily lembra da palavra AMANTE — escrita no perfil de David no hospital — e pode ter uma ideia do que o rapaz está tentando dizer. Melhor esquecer isso, por enquanto.

— Pois é — ela continua —, logo após a sua suposta morte, comecei a investigar por conta própria as circunstâncias do acidente, e quanto mais eu avançava, mais me convencia de que havia algo de podre naquela história. De acordo com a versão dos policiais que atenderam a ocorrência, tinha partido de uma ligação anônima a informação de que um veículo havia capotado na BR 277. O carro atravessou a pista, atropelou uma placa — cuja inscrição indicava que naquele trecho a velocidade máxima é 60 quilômetros por hora — e se chocou violentamente contra algumas árvores no canteiro lateral. Houve uma pequena explosão e o veículo pegou fogo logo em seguida.

As informações do boletim de ocorrência revelavam que, chegando ao local, os policiais se depararam com o veículo ainda em chamas. Com o impacto do acidente, ainda de acordo com o relatório oficial, em poucos minutos o carro teria sido totalmente tomado pelo fogo. Um possível vazamento de gasolina, essa era a opinião de um dos policiais sobre a causa da explosão.

De qualquer modo, os esforços dos curiosos que passavam pelo local não impediram que as labaredas consumissem o veículo e o sujeito na direção, posteriormente identificado como você. Disseram que o corpo ficou irreconhecível.

Duas semanas após o acidente (e por alguma razão isso não foi divulgado na mídia), a perícia concluiria que o

condutor do veículo estava desacordado e ainda preso ao cinto de segurança no momento da explosão, o que — segundo testemunhas — levou algo em torno de quarenta a cinquenta segundos após o veículo parar de se movimentar.

Havia também outras questões não esclarecidas. Por exemplo, ninguém sabia explicar porque o cara trafegava a uma *puta* velocidade com um veículo que não pertencia a ele. Investigações preliminares revelaram que o carro tinha sido alugado em nome de um tal de Carlos Duran, mas a identidade desse cara nunca foi confirmada pela polícia. Outra pergunta que não me saía da cabeça: para onde "*você* "estava indo?

A superficialidade na identificação do corpo, só fez gerar mais dúvidas. Objetos pessoais recolhidos no local e posteriormente identificados por seu pai como sendo seus, serviram de base para o reconhecimento do cadáver que, em tese, era o seu.

— Isso é maluquice! — David protesta, interrompendo a garota mais uma vez. — Parece história de filme policial. Alguém pode me explicar por que um garoto de onze anos estava dirigindo feito louco por aí?

Emily o analisa, confusa. Não tem certeza se ouviu bem. Acha que não.

— Onze anos? — ela pergunta, quer confirmar o que acabou de ouvir.

— Ué, não era essa a idade que eu tinha quando meus pais foram assassinados?

— Dá uma olhada para sua mãe... — Emily diz, apontando para Margarete, que agora tem um copo vazio nas mãos — ela parece morta pra você?

David fica em silêncio por um instante. Não sabe o que dizer. Na verdade, sabe, mas acha que não vai adiantar. Alguma coisa em sua história está muito diferente da de Emily. Na verdade, muita coisa não *bate*. Ele nem sabe quem é de verdade. Deve acreditar nela? E se for tudo uma armação? Não pode ser. Ultimamente ela não tem feito outra coisa senão se arriscar por ele, não é? Na casa dela, no bar, no hospital, ela só o ajudou.

David esfrega os olhos, está cansado.

— Acho que você ainda não se tocou — Emily explica —, mas a gente tá falando aqui de um fato ocorrido há três meses.

— Não pode ser!... Eu só tinha onze anos e me lembro bem disso.

— Acorda, David! Alguém o induziu a acreditar nisso.

— Alguém o quê?

— Alguém inventou essa história e a enfiou na sua cabeça.

— Enfiou na minha cabeça?

— Exatamente.

David não acredita em nada disso. Caso contrário, seria obrigado a acreditar também em coelhinho da Páscoa. Onde já se viu uma coisa dessas? Ele olha

alternadamente para Caio e Margarete, e eles também parecem perplexos.

— Pera aí — ele se esforça para não parecer irônico —, você tá me dizendo que essas informações foram *plantadas* na minha mente?

— É bem isso — Emily sustenta um tom de voz austero. — Eles o induziram a acreditar numa vida que não é a sua. Aliás, uma vida que nunca existiu.

David suspira. Então sorri, desconcertado. A ideia de que se tornara um personagem de filme de espionagem lhe pareceu engraçada e, ao mesmo tempo, assustadora.

– Quem sou eu, então?

— Sei que é absurdo — Emily continua —, mas, por mais absurda que essa história possa parecer, tudo indica que é a mais pura verdade.

David fica calado. Emily retoma a história do acidente.

— Como eu estava dizendo, após sua suposta morte, passei a investigar o caso por conta própria, eu precisava de respostas. Então, logo na primeira conversa que tive com o seu pai...

— O meu pai está vivo?

— Sim, David. Seu pai não é exatamente o tipo de homem que você pensa.

— Mas você está me dizendo que ele está vivo?

— Calma aí, você já vai entender tudo.

— Não dá para acreditar nisso!

— Quando tentei conversar com o seu pai — ela prossegue —, ele hesitou em falar sobre as dúvidas que envolviam as circunstâncias do acidente. Ficou nervoso e me aconselhou a aceitar o fato de que você estava morto. "*Ficar criando fantasias não vai trazê-lo de volta, Emily. Siga em frente com a sua vida, é o melhor a fazer*", foi o que ele disse. Uma postura bem estranha para alguém que acabara de perder o filho. Ah, e tinha também os pesadelos que passei a ter logo após a sua morte. Foram eles, os pesadelos, que me levaram ao Hospital Psiquiátrico São Judas Tadeu, e advinha quem encontrei lá?

— Putz! Agora me lembro, era você no hospital — David diz.

— Pois é, eles inventaram uma vida paralela para você.

David chacoalha a cabeça, como se agora pudesse entender boa parte da trama diabólica armada contra ele.

— Resumidamente — ela diz —, de alguma forma, eles implantaram em sua mente imagens e fatos fantasiosos. Parte de sua vida é real, mas a outra parte é só ficção, nada, além disso. Seus pais, por exemplo, nunca estiveram mortos e o nome verdadeiro do seu pai é Miguel. Alguém o convenceu de que você os teria matado. Ah, e tem mais uma coisa, você esteve internado naquele hospital por no máximo dois meses e meio. Esse papo de ter ficado lá por dez anos é bobagem, só mais uma

fantasia. Pelo jeito, as lembranças sobre mim também não são nada boas, né?

David assente, constrangido.

— A verdade — Emily conclui — é que alguém teve a ideia de alterar boa parte das informações que existiam no seu cérebro. Todas as suas experiências e lembranças foram meticulosamente reescritas. Não me pergunte como isso é possível. Se eu não estivesse vendo com os meus próprios olhos, juro que também não acreditaria.

— Mas por que alguém faria isso?

— Boa pergunta... Eu também gostaria de saber.

— E o meu pai... — David hesita por um segundo — tem alguma coisa a ver com essa história?

Emily muda de fisionomia, desvia o olhar. Quando volta a encará-lo, ele tem os olhos marejados.

— Sinto muito — ela responde, por fim.

Capítulo 26
QUEIMA DE ARQUIVO

Um entra e sai de homens mal-encarados, metidos em ternos pretos e sapatos bem engraxados, mexeu com a rotina do hospital. Havia um frenesi em torno do assunto que ganhara a atenção de quase toda a equipe do *Hospital Psiquiátrico São Judas Tadeu*: a fuga (pela segunda vez) de David.

Miguel esteve no hospital interrogando pessoalmente cada um dos funcionários envolvidos no episódio que resultou na fuga do paciente. Durante os interrogatórios — disfarçados de reunião — numa sala reservada à diretoria do hospital, Miguel parecia mais preocupado com as eventuais informações que os interrogados pudessem ter sobre o paciente, do que necessariamente com a fuga dele.

Descobriu que entre os funcionários que tinham contato diário com David, pouco se sabia sobre ele. Todos tinham praticamente a mesma informação: aquele era um paciente cujo tratamento era de responsabilidade exclusiva do Dr. Levi.

— Quando cheguei à sala de arquivos — a zeladora diz, alheia a verdadeira natureza da reunião —, vi um grande envelope sobre uma das mesas. Tinha um nome nele: David Pereira de Lima.

— Viu o que tinha dentro do envelope? — Miguel pergunta.

— Não, só coloquei de volta na pasta.

— Tem certeza?

— Sim, senhor — ela responde. — Mas, desculpe perguntar: por que o nome de seu filho estava naquele envelope?

O questionamento faz Miguel se agitar.

— Como é?

A mulher o encara com naturalidade.

— É besteira da minha cabeça, senhor. Só achei um pouco estranho a semelhança dos nomes.

— Comentou sobre este assunto com mais alguém?

Ednalda Barbosa é uma mulher já beirando os cinquenta anos. Os cabelos, cujos fios negros parecem ignorar a passagem dos anos, vivem presos a um coque enorme evidenciando um rosto de proporções arredondadas e traços bem definidos. Os olhos, igualmente negros, exibem pequenos vasos sanguíneos dilatados, o que os deixam com um aspecto irritadiço. O sotaque carregado denuncia sua origem nordestina.

Seis anos antes, Ednalda decidira abandonar Ipojuca, cidadezinha no estado de Pernambuco, para viver em Foz do Iguaçu. Abandonar não é bem o termo. Na verdade, ela veio por causa de sua tia Malvina, cujo marido havia falecido. Morreu antes de completar setenta anos, novo de tudo. "Do dia pra noite", teria dito a tia na

época. Ficou todo torto e após passar uma semana no hospital, não resistiu. "Um AVC", disse o médico. "Foi um derrame, filha", disse tia Malvina. Para Ednalda o nome era o que menos importava, o tio Alexandre tinha partido. Agora a tia Malvina não podia ficar sozinha.

Na época Ednalda já era solteirona. Então, não se pode dizer que a tarefa de cuidar da tia tenha influenciado na ausência de um homem em sua vida. Homens!... Ela nunca quis saber dessa "raça". Cuidar da tia Malvina já era o suficiente.

Nos últimos dois anos, Ednalda vem se dedicando ao trabalho de zeladora no *Hospital Psiquiátrico São Judas Tadeu*. Não é um trabalho ruim, ela acha. Também não é o que se pode chamar de "o emprego dos sonhos". Nunca foi fácil. Ela se lembra de quando chegou à Foz do Iguaçu. Foi nessa época que conheceu David. Ao chegar à cidade, tudo o que conseguiu foi um emprego de zeladora no Colégio Estadual Ulysses Guimarães. David era um só um garoto rebelde no ensino médio. Um pré-adolescente com o rosto coberto de espinhas e hormônios explodindo por todos os poros.

A imagem do garoto problemático sendo conduzido por professores revoltosos à sala do diretor, pelo menos duas vezes por semana, era algo que a intrigava. *"É o filho de Miguel"*, diziam. Sempre que ele, Miguel, passava por aqueles corredores em direção à sala do diretor, Ednalda ficava tentada a perguntá-lo se algum dia o homem já havia dito ao filho o quanto o amava.

Estava na cara que o garoto só queria um pouco de atenção.

— Não, senhor — ela responde.

— Tudo bem. Preciso que venha conosco.

— Algum problema, senhor?

Miguel dirige o olhar a dois sujeitos que vigiam a porta. Eles retribuem e se aproximam da mulher.

— Não. Apenas preciso que nos acompanhe.

Ela hesita por um instante. Mas não oferece resistência ao ser conduzia pelo braço rumo à recepção do hospital. Miguel segue à frente, enquanto os dois sujeitos e a zeladora o acompanham a menos de dois passos atrás.

— Ela vai conosco. Vai tirar o dia de folga — é o que Miguel diz à recepcionista.

— Mas...

— Se por acaso o Dr. Levi aparecer por aqui — ele a interrompe —, por favor, diga-lhe para entrar em contato comigo, urgente.

A mulher atrás do balcão não tem tempo de responder. Os homens saem conduzindo Ednalda pelo braço, entram num carro preto, que já os esperava em frente ao hospital, e desaparecem pelas ruas de Foz do Iguaçu.

À medida que o carro avança nas ruas e avenidas da cidade, Ednalda se pergunta se deve ou não questionar Miguel sobre o local para onde está indo. Está assustada, não há como negar, e tem também esse mau

pressentimento que não a deixa em paz. Melhor perguntar de uma vez, então.

— Desculpe perguntar, seu Miguel — ela fala como se estivesse cometendo um pecado mortal —, mas, pra onde a gente tá indo.

— Não se preocupe. Logo chegaremos e você verá.

Acomodada no banco traseiro do veículo, entre Miguel e o outro sujeito, Ednalda pressente o perigo. Está ferrada. Sabe que não tem outra opção senão esperar e torcer para que o veículo pare ou diminua a velocidade, para só então arriscar uma fuga. Sim, ela vai fugir. Mas não conseguiria ir muito longe antes de levar um tiro nas costas, ela supõe. Abandona a ideia. Não quer morrer. As mãos estão sobre o colo, entrelaçadas. Ela começa a murmurar algo ininteligível. Os dois homens se entreolham, levam alguns segundos para decifrar aquele som. O som que sai da boca da mulher. Ela está rezando.

ØØØ

Passa das duas da tarde quando o portão da garagem do Dr. Levi é acionado. O carro do psiquiatra avança em direção à rua. A uns cinquenta metros dali outro veículo acaba de estacionar. Os vidros escuros estão fechados.

— É ele, senhor — o sujeito ao volante diz.

Sob uma ordem de Miguel, o motorista acelera e — menos de um minuto depois — emparelha os dois veículos. O vidro elétrico é acionado e Miguel faz um sinal

indicando que o psiquiatra encoste o carro. Ele obedece e estaciona logo à frente.

Miguel desce do carro e caminha — seguido de perto por um de seus comparsas — em direção ao veículo do psiquiatra. Não é uma blitz policial, o psiquiatra sabe disso, mas age como se fosse, mantêm as duas mãos ao volante. Miguel se posiciona ao lado da janela do carro.

— Precisamos conversar, doutor.

— Sinto muito sobre o David.

— Sei que sente — Miguel diz, inclinando-se em direção ao rosto do psiquiatra —, mas temos que falar sobre isso.

Não é uma pergunta, por isso Miguel não espera uma resposta.

O psiquiatra ouve o ruído da porta do carona sendo aberta, em seguida um homem se senta a seu lado. Tem uma arma na mão.

No carro de trás, Ednalda aproveita a distração do homem que a vigia, abre a porta e arrisca uma tentativa de fuga. Talvez, com um pouco de sorte, não seja baleada pelas costas. Então, corre. Corre o mais rápido que pode, mas antes mesmo de chegar à esquina é alcançada pelo grandalhão que a persegue. Ele a abraça e discretamente encosta o cano da arma em suas costelas. A obriga a voltar para o veículo. Ela chora baixinho.

A ação é tão rápida e discreta que (na rua) ninguém percebe nada.

Nesse ínterim, Miguel retorna para o carro onde estava.

Pelo retrovisor, o Dr. Levi observa toda a movimentação da malsucedida tentativa de fuga da mulher. O psiquiatra fareja o perigo, está correndo risco de vida. Por isso, apressa-se em dar a partida e ameaça arrancar com o carro.

— Não faça isso, doutor — o sujeito ao seu lado alerta, a arma em punho. — Vamos dar uma volta — completa, indicando, com um gesto de cabeça, que o médico agora deve seguir o veículo onde está Miguel, que acaba de passar por eles.

Tendo as costelas na mira de uma arma, o Dr. Levi gira a chave na ignição e passa a acompanhar o carro à sua frente.

ØØØ

Seis minutos depois, os dois carros estacionam. Ednalda não reconhece o lugar, mas o Dr. Levi acha que está no Jardim Soledade. Não tem certeza disso.

O azul desbotado do céu conta com meia dúzia de nuvens preguiçosas cuja função, diante de um sol arrogante limita-se a algo meramente ornamental. As árvores formam uma copa única, amenizando a fúria com que os raios do sol se chocam contra o asfalto. Do lado direito, uma casa — cujo muro sem rebocar encobre a fachada — aguarda a chegada dos visitantes.

Miguel é o primeiro a descer, seguido de perto por Ednalda e o sujeito que a conduz pelo braço. Cruzam a rua e atravessam uma calçada construída com "restos" de pisos (são pedaços irregulares encaixados aqui e ali). A campainha é apertada e a porta se abre. Alguém os espera.

O Dr. Levi e o camarada que o vigia, fazem o mesmo trajeto.

Um homem com cara de roedor é quem os recebe na porta. Há dois dentes superiores frontais em sua arcada dentária que se destacam dos demais. É um sujeito baixinho e ainda jovem. Ostenta uma cabeleira suja e desgrenhada onde um boné encardido se equilibra sem dificuldade, parece que foi moldado ali. A expressão em seu rosto é uma fotografia da indiferença. Mantém uma sobrancelha levantada, como se estivesse em constante estado de alerta. Usa uma jaqueta de lona, que parece ter saído do figurino particular do personagem Jason do filme sexta-feira 13.

— Obrigado, "Dentinho". Eu assumo daqui — Miguel diz.

"*Dentinho*", repete o Dr. Levi em pensamento. *Que tipo de gente aceita ser chamado por um trocadilho tão desgraçado como este?*

Dentinho lança um olhar inexpressivo a Miguel, e sem que nenhum dos dois diga mais nada, assente com a cabeça e se afasta sem perder o contato visual com os visitantes até desaparecer em um dos cômodos da casa.

Miguel se aproxima do psiquiatra e apoia uma das mãos em seu ombro. Olha para a mulher à sua frente e ela se encolhe toda. Ednalda não tem ideia do que está acontecendo, mas o olhar de Miguel não deixa dúvidas, ela está correndo perigo. Mantém a cabeça baixa.

— Por que tudo isso? — o psiquiatra pergunta.

— Isso o quê?

— Por que nos trouxe até aqui?

Miguel faz movimentos com a mão, como se massageasse o ombro do psiquiatra. Suspira. Chacoalha a cabeça comedidamente para cima e para baixo e leva pelo menos uns cinco segundos até responder à pergunta.

— Gostaria de lhe mostrar algo.

O psiquiatra esperava uma resposta mais conclusiva, porém, por uma questão de segurança (a própria), limita-se a sustentar o olhar de Miguel.

A zeladora ainda olha para o chão, tem a respiração ofegante e chora baixinho.

Miguel se movimentava lentamente pela sala, mas seus olhos ainda estão no Dr. Levi. Aproxima-se dos dois capangas que os acompanharam até ali e discretamente recebe um objeto das mãos de um deles. Ordena que esperem lá fora.

— Algumas coisas na vida não têm mais volta, doutor — ele diz, enquanto caminha, criando um círculo imaginário em torno do psiquiatra e da zeladora.

Dá uma. Duas. Três voltas, e então se detém atrás de Ednalda. Seus olhos passam sobre os ombros da

zeladora e encontram um Dr. Levi pálido. Ninguém pisca. O tempo parou. Estão todos congelados, como na gravura de um quadro esquecido na parede. O mundo parou. Não há nada que se possa fazer. Então, num movimento rápido e coordenado, Miguel obstrui a boca da mulher com uma das mãos, e com a outra faz um corte em sua garganta com uma naturalidade monstruosa.

A expressão de terror nos olhos de Ednalda, enquanto seu sangue esguicha em todas as direções, provoca um ataque de pânico no Dr. Levi. Agora seu desejo de salvar a própria pele se desfaz. Ele não está em condições de pensar, não consegue se mover. Não sabe o que fazer. É tomado por uma náusea agonizante e vomita. Põe tudo para fora. Vomita feito louco. Miguel não precisará se dar ao trabalho de matá-lo, ele vai morrer de tanto vomitar. Emporcalha os próprios sapatos e sente ainda mais náusea ao ver seu vômito misturar-se ao sangue de Ednalda no chão.

Com movimentos sinistros e involuntários o corpo de Ednalda tremelica sobre uma poça de sangue que se alastra, refugiando-se debaixo de um tapete felpudo e já todo respingado. Miguel se aproxima do psiquiatra, cujo rosto em choque ainda sustenta os óculos tomados por pequenas gotas vermelhas, e o analisa.

— Ela era inocente e não tinha nada a ver com isso — o psiquiatra murmura, ainda sem piscar.

Miguel limpa o canivete com o indicador e o polegar. Está calmo como uma manhã de feriado.

— Não se trata de ser ou não inocente, doutor. Ela viu o nome no envelope.

O Dr. Levi agita a cabeça negativamente. Está em choque. Não acredita na cena que acabara de presenciar.

— Não precisava ter matado ela.

— Eu já disse — Miguel agora está debruçado sobre o corpo de Ednalda, checando (como se isso fosse necessário) os seus sinais vitais —, ela sabia sobre o David.

— Mas ela não oferecia nenhum risco. Era só uma pobre coitada.

Miguel para imediatamente o que está fazendo. Levanta-se, salta o cadáver à sua frente e fica cara a cara com o Dr. Levi. Estão a um palmo de distância um do outro.

— Escute — ele diz, os punhos cerrados —, preste bem atenção no que vou lhe dizer: o seu corpo, doutor, era para estar aqui ao lado do dela.

O psiquiatra prende a respiração, e quando pensa em falar é interrompido.

— Sshh... O senhor o deixou escapar novamente, e esta mulher aqui — Miguel aponta para o corpo de Ednalda —, poderia pôr toda a operação em risco.

— A minha equipe já está nas ruas, vamos encontrá-lo.

— Encontre a garota e o encontrará, doutor. Aliás, de acordo com a recepcionista do hospital, Emily contou com a ajuda de outro homem no regaste. Seja lá quem for,

quero que os encontre e acabe com eles. Traga o David de volta!

Doutor Levi estremece.

— Você quer que eu mate essas pessoas?

— Exatamente. Quanto maior o tempo deles ao lado do nosso paciente, maior o risco de sermos descobertos.

— Mas eu não sou um assassino, não posso fazer isso.

— A decisão não está mais em nossas mãos, doutor. Acabe com eles.

— Não se importa com o seu filho?

— O que disse?

O psiquiatra hesita, mas repete a frase.

— Não se importa? — ele hesita novamente. — Como pôde envolver o próprio filho numa trama tão sórdida?

— Acha mesmo que está em condições de me julgar?

O psiquiatra se cala, engole a saliva.

— Não vou matar essas pessoas. Não quero mais fazer parte disso.

— Se quer salvar a sua pele, é melhor fazer o que estou mandando.

Miguel vai até uma porta que dá acesso a outros cômodos da casa e faz um sinal com a mão. O mesmo sujeito que os recebeu, reaparece.

— Ah, e só para lembrar — Miguel enfatiza —, não se iluda, o senhor já está envolvido nisso até o pescoço.

— Esta situação está indo longe demais.

— Eu já disse, doutor, isso foge ao nosso controle. Não há nada que o senhor possa fazer. Estamos lidando com algo restrito ao alto escalão dos governos brasileiro e americano, e embora o senhor não saiba, tem muita gente importante envolvida neste projeto. São pessoas dispostas a qualquer coisa para manter esse assunto sob o mais absoluto sigilo. É uma questão de segurança nacional, entende?

Sim, o psiquiatra entende, mas a ideia de sair por aí cometendo assassinatos não o agrada. Tudo bem, ele não é grande coisa enquanto ser humano, mas, matar alguém? Aí já é demais.

Miguel se aproxima de Dentinho.

— Dê um jeito de limpar toda essa bagunça — ordena.

Em seguida, sai da casa, acompanhado de perto pelo Dr. Levi.

Capítulo 27
DETALHES

A maneira como o detetive Wallace Viana os olha, faz com que Emily duvide se está mesmo fazendo a coisa certa. É difícil saber.

Após ouvir a teoria da garota, a reação do detetive é curiosa. É como se ele tivesse acabado de ouvir uma história infantil, cujo enredo não passa de fantasias descabidas.

— Mas de onde você tirou todas essas suposições?

— Não são suposições, detetive — Emily explica, virando-se na direção do namorado. — Veja, David está vivo.

— Já sabíamos disso — Viana retruca, sua voz é tranquila. — Aí, tudo bem com você? — a pergunta é direcionada a David, a quem olha de rabo de olho.

Emily e Caio também dirigem o olhar a David, que agora tem a sensação de que, assim como ele, os dois também não estão entendendo nada. Além de não demonstrar surpresa com o que acabara de ouvir, o detetive parece não se importar com o fato de que sua morte tenha sido uma farsa.

— Como assim?... Vocês sabiam que o David está vivo e não fizeram nada pra ajudá-lo? — Emily quer saber.

Viana não se importa com o tom rude da garota. Sua expressão é a mesma, tranquila. Ele segue sentado em sua poltrona confortável, e sua postura não indica nada além de passividade. Sobre a mesa, em meio a um amontoado de papéis, há um porta-retratos com a figura de uma mulher e uma menininha de uns sete ou oito anos. A garotinha sorri com espontaneidade. É aquele tipo de sorriso ingênuo de quem só espera coisas boas da vida.

David analisa o ambiente e não consegue encontrar nada parecido com o cenário de suas lembranças. Há uma semelhança na voz do detetive, mas é só isso. Nada mais bate. Tudo é absolutamente diferente das lembranças implantadas em sua mente.

— Sim. Aquele hospital está sob investigação já há algum tempo — Viana responde.

— Então sabiam sobre o David? — ela insiste.

O detetive não responde de imediato. Levanta-se, dá a volta por trás da mesa e fecha a porta da sala. Faz o mesmo trajeto de volta.

— Logo após a suposta morte de David — ele começa, seu tom ainda tranquilo —, suspeitamos de que havia algo errado. Algumas coisas não se encaixavam. Embora o IML tenha emitido um laudo no qual afirmava que aquele era o corpo de David, e a equipe da perícia tenha confirmado isso através de objetos encontrados com o morto, havia o fato de ninguém conseguir explicar algumas questões importantes, por exemplo: o que David

estava fazendo naquele veículo? Para onde estava indo e a quem pertencia o carro que ele dirigia?

Foi a partir desses questionamentos que começamos a considerar a possibilidade de que tudo não passasse de uma armação, e se a história do acidente fosse mesmo uma fraude, a quem pertenceria aquele corpo carbonizado?

Após a pergunta o detetive faz uma pausa. Parece esperar que alguém na sala seja capaz de lhe dar a resposta certa. O silêncio diz tudo.

— Meu é que não era — David responde, seu tom beira a ironia.

Os olhos do detetive se voltam para o garoto.

— Exatamente — Viana confirma. — Aquele presunto não era você — ele esboça um sorriso, que logo se desfaz. — Como chegamos a essa conclusão?

Mais uma pergunta que só ele pode responder.

Ouve-se uma barulheira do lado de fora da sala. São gritos. Alguém aos berros.

O detetive vai até a porta e, ao abri-la, vê um sujeito algemado sendo conduzido por dois policiais, um de cada lado. O homem esbraveja, baba e se contorce todo. Ele é inocente! Já disse que não fez nada. Viana chacoalha a cabeça negativamente. Todos sempre vêm com a mesma *conversinha*. Fecha a porta e volta a se sentar.

— A gente tá curioso pra saber, detetive — Caio diz, abrindo a boca pela primeira vez desde que entrou na

sala. — Por que não desembucha e conta logo toda essa parada?

— Vê lá como fala, moleque — o detetive adverte. — Mais respeito, e não me obrigue a vasculhar os seus bolsos à procura de um baseado, porque sei que se eu fizer isso, vou encontrar.

A careta que surge no rosto de Caio só pode significar uma resposta: *foda-se!* Ele se controla. A contragosto, é verdade, mas ainda assim se segura e dá a conversa por encerrada.

O detetive retoma sua linha de raciocínio.

— Enquanto buscávamos respostas para as perguntas que acabei de elencar, descobrimos que o carro utilizado pela vítima, inicialmente dado como um veículo alugado por um sujeito chamado Carlos Duran, na verdade, fora alugado em nome de um tal Alberto Levi que, coincidentemente, constatamos ser o diretor do *Hospital São Judas Tadeu,* o mesmo cujas visitas do sr. Miguel, o seu pai (ele olha para David), tornaram-se frequentes após o acidente. Antes mesmo de falarmos com qualquer um dos possíveis envolvidos no caso, conseguimos, em segredo de justiça, fazer a exumação do corpo do homem enterrado no seu lugar (mais um olhar). Tratava-se de Alan Pereira de Carvalho, um ex-enfermeiro do hospital. Um cara cujo hábito (de ficar doidão) adquirido nos tempos da faculdade o acompanhara também na vida profissional. A demissão sumária por porte de entorpecentes — na verdade, um único cigarro de

maconha —, não o convenceu das boas intenções da diretoria do hospital.

De acordo com alguns dos seus colegas de trabalho, Alan teria ficado revoltado por ter sido demitido e jurou vingança. Ameaçou processar a instituição, pedir indenização, enfim, essas coisas de gente que se sente injustiçada.

Mas o que ocorreu antes daquele acidente ainda é um mistério, pois, a partir do dia em que foi demitido, o sujeito teria sido visto pouquíssimas vezes nos arredores do hospital. Entretanto, na ocasião, testemunhas afirmavam tê-lo visto conversando com o Dr. Levi.

— Então a polícia não sabe para onde ele estava indo naquele dia? — Emily pergunta.

— Na verdade, não. Tudo indica que estava saindo da cidade. Fugindo de alguém.

— Fugindo?

— É.

— Mas, fugindo de quem?

— Alguns dias depois do acidente, recebemos a informação de uma fonte ligada ao hospital, cujo nome naturalmente eu não posso revelar, de que Alan vinha recebendo ligações telefônicas com ameaças de morte.

— E a polícia — Emily passa a mão no cabelo, uma mecha é presa atrás da orelha — descobriu quem estava ameaçando o cara?

— Bom, inicialmente acreditávamos tratar-se de alguém ligado ao tráfico, o próprio Alan disse que o

sujeito com quem conversara só dizia que *"tinha contas a acertar com ele"*, mas logo surgiu um fato que mudou o rumo das investigações.

Emily faz um movimento com a cabeça, indicando que o detetive conclua sua fala. Agora é só ela quem conversa com Viana. David e Caio estão calados, mas atentos.

— Que fato seria este, detetive?

Ele cruza as mãos sobre a mesa.

— Imaginem só — Viana fala calmamente —, que justo o Dr. Levi foi quem se ofereceu para ajudar o rapaz.

— Ajudar? — Emily indaga.

O detetive faz uma pausa. Espera mais do poder de raciocínio das três figuras à sua frente. Ninguém se manifesta, ele segue adiante.

— Lembra-se em nome de quem o carro foi alugado?

Continua dirigindo a palavra especificamente à Emily.

Ela faz que sim com a cabeça. É isso!

— Santo Deus!

— Não lhe parece um pouco exagerado — Viana questiona — o ato de benevolência do Dr. Levi em alugar um veículo para ajudar o sujeito a quem ele mesmo havia demitido a fugir da cidade? Um estranho?

— É bem esquisito.

— Pois é, e tem mais, a perícia revelou que o carro foi sabotado.

— Sempre me perguntei se aquilo havia sido mesmo um acidente — Emily diz.

— Nem de longe — o chefe de polícia responde, seu sorriso é um tanto forçado. — Alguém queria aquele camarada mortinho.

— Algum suspeito?

— Sim.

— Dr. Levi?

— Não exatamente.

Emily fica em silêncio por um instante. Já imagina aonde Viana quer chegar.

— Entendo.

— Sabemos do envolvimento do psiquiatra, mas havia outra pessoa ainda mais interessada naquele acidente.

— Posso imaginar.

— Miguel — o detetive diz, agora dirigindo o olhar a David. — O seu pai precisava de um corpo para forjar a sua morte — conclui.

Em menos de dez segundos um milhão de pensamentos passam em sua cabeça, mas David não consegue encontrar nada que valha a pena ser dito. Então fica em silêncio. É Melhor assim.

— Vai ter que aprender a lidar com isso — Emily diz, pousando a mão sobre a mão do namorado. Na rua, o barulho do trânsito se intensifica. Deve ser a hora do rush, pensa ela. Já não sabe mais há quanto tempo estão ali.

— Meu palpite — o detetive continua — é que Miguel e o Dr. Levi, de alguma forma, tenham se unido com o propósito de tramar a morte do tal Alan. Miguel precisava de um corpo, por isso, contou com a cumplicidade do médico para montar toda a cena. A ideia era simples: o psiquiatra fingia ajudar o ex-enfermeiro, fornecendo-lhe um carro adulterado para a fuga, enquanto Miguel dava um jeito de plantar documentos e objetos do próprio filho no veículo. Assim, após o acidente, teriam um corpo carbonizado e alguns indícios que, pelo menos num primeiro momento, nos induziriam a acreditar que o defunto era mesmo o David.

— E os documentos do cara que morreu no meu lugar? — David pergunta.

— É possível que alguém os tenha subtraído sem que o rapaz percebesse — Viana explica. — Qualquer pessoa sob pressão é sempre muito vulnerável.

— Por que esses caras ainda não estão na cadeia? — Agora é Emily quem quer saber.

— Então... — o detetive limpa a garganta — é aí que vem a parte mais interessante da história.

Viana se ajeita na cadeira, depois recolhe alguns papéis espalhados sobre a mesa e os enfia numa gaveta. Na rua, o zumbido dos carros aumenta. É mesmo a hora do *rush*. Além da aceleração constante dos veículos, agora é possível ouvir também algumas buzinas desesperadas. São os apressadinhos, com certeza.

— Eu ia fazer a mesma pergunta — David diz.

O detetive fecha a gaveta abarrotada de documentos, muda o porta-retratos de lugar. Faz isso sem nenhum motivo aparente.

— Imagino que saibam que a justiça não trabalha dessa maneira — ele diz. — Qualquer ação da justiça é pautada em provas e não em meras suposições ou palpites.

— Mas bem que eles podiam ter sido chamados para depor, né? — Emily argumenta.

— Foram — o detetive concorda. — Mas aí, aconteceu outra coisa bem curiosa.

Agora o olhar de Viana mostra preocupação.

— Tipo o quê? — David quer saber.

— Quinze dias após iniciarmos o inquérito policial, recebi uma ligação de alguém de Brasília. Exército. Alguém que se dizia ligado ao alto escalão do governo. Um sujeito que se identificou apenas como *General Correia*, sugeriu, e entendam isso como mera força de expressão, que o inquérito fosse imediatamente arquivado.

Inicialmente pensei tratar-se de algum equívoco, mas menos de 24 horas depois, um documento com timbre oficial, em cujo envelope lia-se a inscrição "confidencial" carimbada em letras vermelhas, chegou às minhas mãos.

— Bem, se o conteúdo desse envelope é mesmo confidencial, então a gente não tem mais nada o que fazer aqui — Emily diz, levantando-se.

No mesmo instante o detetive também se levanta. Ele faz um gesto com a mão para que a garota volte a se sentar.

— Considerando a sua presença aqui — o detetive diz, apontando para a direção de David —, creio que, a partir de agora, o conteúdo daquele envelope interessa a todos nesta sala. Não estamos falando de ideias descabidas ou projetos malucos. O que temos nas mãos é um caso de assassinato premeditado e, independentemente de quem ou o que esteja por trás deste crime, estejam certos de que vamos pegar o culpado — ele faz uma pausa —, mesmo que o assassino seja o seu pai. Aliás, é sempre bom lembrar que...

Viana é interrompido pelo toque do celular de Caio, que faz uma careta ao verificar a origem da ligação no visor do aparelho. É o seu chefe. *Caraca*, ele esqueceu que tem um emprego. Nos últimos dois dias nem deu as caras por lá. Vai ter que inventar uma boa desculpa, algo convincente, mas, o quê? Ela ainda não sabe. Tá fodido!

— Aí, foi mal, gente — ele cobre o fone com a palma da mão para evitar que a pessoa do outro lado da linha ouça o que diz, seu tom não é necessariamente de lamento —, mas preciso atender.

É ignorado pelo detetive. Emily e David só voltam a falar após Caio sair da sala.

— Vai nos ajudar, então? — é David quem quer saber.

— Já estou fazendo isso — Viana responde. — E como eu estava dizendo, é sempre bom lembrar que ninguém está acima da lei.

— Será que o senhor podia nos contar o que havia no documento que recebeu? — Emily arrisca.

A pergunta se perde no ar. Em vez de respondê-la, Viana faz um pedido que (pelo menos na opinião de David) soa quase como uma ordem.

— Bom, primeiramente — ele fala olhando nos olhos de Emily —, quero que me conte tudo o que sabe, toda a história... e isso vale para os dois — olha também para David.

A cada frase de Emily, o detetive assente com a cabeça, e quando ela finalmente termina, Viana tamborila de leve com os dedos sobre a mesa. Está conjecturando.

— Então quer dizer que funciona mesmo? — ele diz, sem dar nenhuma pista sobre a quem a pergunta é dirigida.

Agora é a vez de Emily e David ficarem em silêncio.

O detetive segue falando.

— Na verdade, quando li as páginas daquele documento, não levei o assunto a sério. Aquilo era coisa de séries de TV, ficção. No documento havia informações não muito claras sobre um suposto esquema que estaria sendo desenvolvido pelo serviço secreto americano em parceria com o governo brasileiro. No projeto — em cujo nome aparecia apenas com a inscrição "ALMA" —,

experiências relacionadas a uma espécie de reprogramação da mente humana estariam sendo realizadas em pacientes de três estados americanos e um aqui no Brasil. Fiquei me perguntando o que seria do mundo se esse tipo de maluquice desse certo. Imaginem só, o governo americano reprogramando as mentes de seus principais inimigos mundo a fora?...

Emily e David continuam em silêncio.

— Sem mencionar quais estados americanos estariam ligados a essas experiências, o texto se referia a um importante político paranaense como o responsável pelo experimento aqui em Foz do Iguaçu. O que me chamou a atenção e, ao mesmo tempo, me fez entender o pedido de arquivamento do inquérito, foi ver associado ao nome deste político, os nomes de Miguel e do Dr. Alberto Levi. Foi aí que constatei algo que me deixou ainda mais intrigado. Se o seu pai estava envolvido no projeto "ALMA", e aquele corpo "torrado" no acidente não era o seu — ele olha para David —, então o "paciente" do *Hospital Psiquiátrico São Judas Tadeu* só podia ser uma pessoa.

— Isso mesmo! — o garoto confirma.

O detetive Viana arqueia uma sobrancelha.

— O que me preocupa — ele continua — é que se um pai resolve fazer isso com o próprio filho, imaginem o que ele não é capaz de fazer com um estranho.

— Melhor nem pensar nisso — Emily murmura.

David olha através da janela. Já anoiteceu.

ØØØ

Quando Caio retorna para a sala, meia hora depois — deve ter aproveitado para dar uma volta —, Emily, David e o detetive Viana já arquitetaram um plano para colocar atrás das grades os responsáveis pelo projeto "ALMA" em Foz do Iguaçu.

É difícil saber se vai dar certo, mas a ideia é *enquadrar* Miguel e o Dr. Levi, não pela ameaça do projeto em si, mas por assassinato. Um homem foi morto no lugar de David, e todos os indícios apontam para a dupla.

Capítulo 28
O PLANO

A notícia da morte do Dr. Levi não foi exatamente uma surpresa. Emily e o próprio David, sabiam que se ele não fosse encontrado, alguém seria punido. Era óbvio que sobraria para o psiquiatra.

Enquanto isso, Emily e David seguem a orientação do detetive Viana e alugam um pequeno apartamento no Jardim Los Angeles, próximo ao centro da cidade. A ideia é evitar que tenham qualquer contato com o *mundo exterior*. Faz parte do plano.

Caio, que só não foi demitido porque contou ao chefe uma história digna de um best-seller, também se afastou. A sugestão veio inicialmente de Viana, mas depois houve um consenso entre todos. O irmão de Emily esteve no resgate de David no hospital, então fazia sentido acreditar que alguém ficaria de olho nele.

Os seis dias que passam trancados no apartamento fazem inevitavelmente com que fiquem mais próximos um do outro. É só Emily, David e as paredes; e como elas, as paredes, não falam, o casal não vê outra opção senão se entender, mas isso não significa que será fácil resgatar o que viveram antes de alguém ter tido a ideia de enfiar todas aquelas mentiras na cabeça de David.

No começo ele foge do assunto, não consegue lidar com o fato de ter tido a mente deliberadamente violada. Uma espécie de estupro intelectual, mas a negação não vai ajudar em nada, é uma verdade. Então concorda em ouvir as lembranças de Emily, já que ele próprio não tem nenhuma. Ao menos nenhuma que seja confiável.

Emily conta-lhe como o casal se conheceu. Fala da emoção do primeiro beijo (ah, o primeiro beijo); da insegurança da primeira transa; da primeira briga; enfim, de todas essas coisas que as garotas costumam valorizar mais do que os garotos. David ouve tudo em silêncio, e por não saber o que dizer, usa um tímido "sinto muito" para encerrar a conversa. Emily entende o lado dele. Sabe que não foi fácil chegar até ali. Então ela acha melhor não forçar a barra. Talvez as lembranças venham naturalmente algum dia. Quem sabe.

As horas passam, os dias avançam, e na falta de algo mais interessante para fazer, o casal passa o dia inteiro comendo e assistindo TV. É justamente num desses noticiários sensacionalistas que veem um repórter com voz de locutor de rádio fazer pose em frente a um veículo estacionado — como se tivesse acabado de conquistar um troféu —, se vangloriando da exclusividade da notícia. Um suicídio, é o que ele diz. No segundo plano da imagem é possível ver a movimentação de alguns policiais, que se apressam em estender uma fita delimitadora a fim de manter longe os curiosos.

O repórter olha para a câmera com uma satisfação desprezível, enquanto narra, de forma eloquente, que o corpo do psiquiatra acabara de ser encontrado com uma bala na cabeça. "*Percebeu que este mundo não é lugar para patifes*", poderiam ter pensado aqueles que conheciam a conduta tortuosa do médico.

— Nossa... Mataram o cara! — David exclama.

— Eles não estão de brincadeira — Emily diz. — Estou com uma sensação de que tudo vai piorar — completa, enfiando novamente a mão no pacote de salgadinho da Elma Chips. Baconzitos. Ela adora.

O olhar de David ainda está na tela da TV, e agora o repórter não faz nada além de tagarelar sem acrescentar nenhuma informação relevante ao que já foi dito. Está sendo repetitivo, mas ele não liga, quer segurar a audiência. É aquele momento em que o sujeito da câmera faz uma tomada de imagens panorâmicas, enquanto o repórter narra tudo outra vez.

— Tá difícil — David chacoalha a cabeça num gesto de reprovação — entender essa porra toda. — Não dá pra acreditar que o meu pai seja um assassino frio e impiedoso.

— Acho bom você se convencer disso. Talvez fique mais fácil a gente conseguir escapar dessa roubada.

Surge uma expressão de desânimo no rosto do rapaz. Uma frase de autoajuda, ainda que seja clichê, é disso o que Emily precisa para confortar o namorado. Não encontra nada que seja convincente. O telefone toca.

— Ligue a TV no canal 12 — ordena a voz do outro lado da linha.

Não há nada que indique surpresa ou nervosismo na voz do detetive Viana.

— Já vimos — Emily responde. — Bem conveniente essa história de suicídio, né?

— Suicídio? — Viana dá uma gargalhada. — No jargão policial, chamamos a isso de "queima de arquivo".

— Estão ficando nervosos.

— É, estão — o detetive concorda. — Dê os créditos ao seu namorado.

Emily olha para David, que continua assistindo a TV, mas ela é capaz de apostar que os pensamentos do namorado agora estão em outro lugar e não mais na tela ou no repórter, que narra pela quarta vez o mesmo acontecimento, estão por aí, percorrendo as ruas da cidade em busca do homem que transformara sua vida num inferno.

— E o plano, ainda tá de pé? — Emily indaga.

— Claro. Seguiremos conforme o planejado. Aliás — o detetive adota um tom severo —, não vamos nos falar mais nos próximos dias. Não podemos arriscar.

Então ele pede para falar com David. Os dois conversam por um tempo e a ligação é encerrada. A última frase pertence a David: "*Vamos pegar esse filho da puta!*".

ØØØ

O plano consistia em Emily e David ficarem escondidos, completamente reclusos durante alguns dias. Isso, de acordo com o detetive Viana, deixaria Miguel e a alta cúpula do projeto "*ALMA*" nervosos.

A ideia era fazê-los acreditar que o sigilo e a segurança do projeto estavam em risco, provocando vulnerabilidade ao grupo. Na opinião de Viana, um sujeito exposto está mais propenso a cometer erros. O assassinato do Dr. Levi indicava que estavam no caminho certo. Embora a ideia deixasse Emily desconfortável. Ela não conseguia imaginar David sendo uma "isca". Isso, ela admitia, a preocupava.

Seis dias depois, quando o telefone volta a tocar, as notícias na TV não revelam mais nenhuma morte que se possa ligar ao caso. Emily e David não deram um passo fora da casa, e essa convivência "forçada" os dá tempo suficiente para que alguns assuntos referentes ao passado de ambos sejam esclarecidos. David compreende que Miguel nunca foi jornalista e muito menos alcoólatra; que sua mãe nunca sofreu nenhum tipo de abuso ou de violência física por parte de Miguel, e que Emily sempre o amou. Ela faz questão de deixar bem claro: "Nunca tive vocação para ser amante de *coroas*.".

No telefone, a conversa não dura mais do que vinte ou trinta segundos. David encerra a ligação e digita um nome e uma sequência de números na agenda do aparelho, em seguida pressiona a tecla "salvar".

Seus olhos procuraram os de Emily.

— Chegou a hora de pegar esse cara — ele diz.

— Bora — a namorada o encara, decidida. — Anda, *faz* logo essa ligação.

Viana já os havia alertado. Quando ele, o detetive, fornecesse o número do telefone de Miguel, a ligação (para o pai de David) deveria ser feita imediatamente. O sucesso do plano depende, em grande parte, da atitude do casal. As orientações do detetive devem ser seguidas à risca, eles sabem disso.

Está pronta? — o namorado de Emily quer saber.

Ela não responde. Está com calor. De repente o pequeno apartamento parece mais abafado do que nos dias anteriores. Ela se aproxima de David e o abraça. Um abraço bem apertado, ele sente. Então ela o beija. É um beijo de leve, mas ainda assim, um beijo.

— A gente tá junto nessa — responde. — Vamos resolver logo isso.

Capítulo 29
A EMBOSCADA

David busca o número na agenda do celular e pressiona a tecla "chamar". O tom se repete por três ou quatro vezes antes que ele possa ouvir a voz do homem do outro lado da linha.

— Alô!

— Miguel? — David pergunta.

O telefone parece mudo por alguns segundos.

— Quem está falando? — Miguel indaga. — Como conseguiu este número?

A verdade é que o plano não tem nada que se possa chamar de genial. Seria um erro acreditar nisso, eles têm essa consciência. Vai ser preciso um pouco de sorte para que isso dê certo.

Agora que David havia fugido do hospital pela segunda vez e passado uma semana fora de circulação, era óbvio que as pessoas ligadas ao projeto *"ALMA"* em Foz do Iguaçu estivessem à sua procura. Então tudo o que tinham que fazer — a ideia partiu do detetive Viana, mas Emily e David assinaram em baixo — era ligar para Miguel e atraí-lo para um encontro. Um lugar tranquilo, de preferência sem muita movimentação de pessoas. "Não se preocupe", disse Viana, ainda no começo de tudo.

"Teremos uma equipe de policiais à espreita, assim que ele der as caras por lá".

Do jeito que o detetive falava, a coisa toda parecia fácil demais, e era justamente isso o que deixava Emily preocupada, mas Viana sabia o que estava fazendo, não sabia? Ela esperava que sim.

Para o policial, a tensão da situação e o desespero para pôr de novo as mãos em David, induziriam Miguel e seus comparsas a cometerem erros básicos, por exemplo: não se perguntarem onde o rapaz estivera durante todos esses dias; o motivo pelo qual ele decidira ligar e onde teria conseguido o número do celular do homem responsável pelo projeto *"ALMA"* no Brasil.

Pelo menos parte dessa tese ruiu assim que David fez a ligação. "Como conseguiu este número?". Essa foi a segunda pergunta feita por Miguel. David não se preocupou em respondê-la, sabia que aquilo era só um impulso involuntário. Sabia também que, assim que pronunciasse seu nome, esse tal impulso se evaporaria tão rapidamente quanto gotas de orvalho numa manhã de sol.

— Aqui é o David — responde.

Um novo instante de silêncio.

— David?

Miguel parece não acreditar no que ouve. Hesita. É um trote, só pode. Está decidindo se deve ou não desligar o telefone. Vai fazer isso, quando David insiste.

— Tô precisando de ajuda.

Sim é ele. Agora Miguel sabe disso, não tem dúvidas, reconhece a voz do garoto. Mas por que ele ligaria? Ah, que se dane! Ele quer ver no que isso vai dar.

— Tudo bem — responde. — Onde é que você está?

Miguel está interessado. Morde a isca. Isso, na opinião de David, garante o sucesso de pelo menos cinquenta por cento do plano. Agora é torcer para que Miguel aceite ir ao encontro dele.

— Não sei ao certo — David diz, simulando desorientação.

Tem que fazê-lo acreditar que está vulnerável, perdido ou enfiado em algum beco nojento à mercê da própria sorte.

— Diga-me sua localização que eu vou até aí pegar você — Miguel está interessado.

O rapaz fica em silêncio por algum tempo, não sabe o que responder. É isso o que ele quer que Miguel pense. Sua intenção é motivá-lo a agir de maneira instintiva. Ele quer o paciente de volta, não quer? Então tem que ir buscá-lo. É só isso o que importa.

— Acho que... hum... não sei... — a voz de David está intencionalmente vacilante — não tenho certeza.

— A rua — Miguel diz, impaciente —, diga-me o nome da rua.

Está funcionando. Enquanto David interpreta o garoto desorientado, seu pai começa a se entregar ao instinto. A possibilidade de levá-lo de volta ao hospital, o

induz a agir de forma incoerente à sua astúcia habitual. Ele precisa recapturar o paciente. Do contrário tudo estará perdido, e as consequências... Bem, as consequências... não, nem mesmo ele consegue imaginar.

Emily ouve tudo em silêncio.

— Eu não sei... eu... espera... — David instiga seu interlocutor — eu tô em frente a um matagal.

Um matagal. Isso lá é ponto de referência? Essa cidade é cheia de árvores, caramba. Miguel se recompõe. Não pode perder o controle. Talvez não tenha outra chance de capturar o garoto.

— Preciso do nome da rua — ele insiste. — Veja se consegue o nome para mim.

O lugar escolhido pelo detetive é a avenida Araucária, a poucos metros da avenida Paraná, em frente à reserva por onde passa o rio Arroio Japurá. A proximidade com a área de proteção ambiental é intencional. Em caso de tiroteio, Viana pensa, o risco de alguém ser atingido por uma bala perdida é menor.

O delegado acredita no sucesso da operação, por isso liberou uma equipe para agir com Viana. Um agente foi posicionado na entrada da rua Jurupoca e mais dois ao longo das avenidas Araucária e Paraná. Um quarto agente também à paisana está no local exato em que David se encontrará com o pai. Não há como escapar. Assim que chegar, Miguel será surpreendido pelos policiais que efetuarão a prisão. A acusação? Duplo assassinato, para começo de conversa.

— Avenida Araucária — David diz.

— Em que ponto?

— Não sei.

— Escuta — Miguel está cada vez mais impaciente —, não vou conseguir te encontrar se você não me ajudar. Preciso de um ponto de referência.

David se segura. Tem que manter a calma. Ele percebe a ansiedade de Miguel ao telefone. Então, retira do bolso um pedaço de papel e o encara. Depois, da forma mais natural possível, lê a descrição detalhada do local. Uma informação passada previamente por Viana.

— Certo — Miguel diz, seu tom levemente eufórico. — Fique onde está. Já estou indo aí.

øøø

Vinte e dois minutos depois, David e Emily começam a se convencer de que a parte mais difícil do plano era mesmo a espera por notícias. Volta e meia, ambos lançam olhares apreensivos ao telefone celular sobre a mesa. Os minutos se arrastam e a ansiedade, pelo menos David tem essa impressão, vai devorá-lo. Respiram no mesmo compasso, como se tivessem ensaiado esse momento a vida toda. David se sente aliviado, mas também muito angustiado. Alívio porque está a um passo de retomar sua vida (ou pelo menos o que sobrou dela); angústia porque a qualquer momento, se tudo correr como o planejado, vai

contribuir para que o próprio pai passe uma boa temporada na cadeia.

O telefone toca. Ninguém faz menção de atendê-lo. David e Emily se entreolham, apreensivos. Talvez esperem que o celular crie vida própria e levite em busca da orelha do "grande escolhido".

David atende.

— Seu moleque idiota. Acha mesmo que pode me enganar?

Aquela não era a voz que o garoto esperava ouvir.

Não responde. Seu corpo estremece e ele sente que vai ter um treco. Está suando, não vai conseguir responder. Emily percebe que algo deu errado. O plano "bichou" e ela já tinha pressentido que isso poderia acontecer.

Miguel desliga o telefone.

David tem a sensação de que seu coração vai parar de bater. Está atordoado.

— Era ele — diz.

— O seu pa... — Emily interrompe a frase no meio e a reformula. — Era o Miguel?

David confirma. Seu coração ainda bate. Está se recompondo, volta a raciocinar.

— Deu tudo errado.

— E o detetive? — Emily está aflita. Ela mal fecha a boca e o celular toca novamente.

Ela pega o aparelho das mãos de David e o atende. Vai esculachar Miguel. Foda-se se ele é perigoso! Foda-se o projeto ALMA! Foda-se todo mundo!... FODA-SE!

— Escuta aqui, seu cretino... — ela se detém. Seu rosto fica ainda mais corado. Limita-se a dizer dois ou três "sim", acompanhados de alguns "aham" e uns poucos gestos com a cabeça.

Ouve mais do que fala. Ao desligar o telefone ela olha na direção de David e esboça um sorriso, constrangida.

— O que houve? — ele pergunta.

Está mais calmo, mas não sabe como vai ser de agora em diante.

— Era o detetive — Emily responde. — Não conseguiram pegá-lo, né?

David entende que aquela não é uma pergunta. Então ele não precisa responder.

— O desgraçado deve ter percebido que era uma cilada — ela conclui.

— Como ele poderia saber?

— É difícil dizer, mas o detetive Viana tem uma suspeita.

— Um informante infiltrado?

— É o que parece.

Para David, essa história já está indo longe demais, e ele não está disposto a pôr a vida da namorada em risco. Tem que tomar uma decisão, agora.

— Arrume suas coisas — ele diz —, vamos embora daqui.

— Não podemos.

— Emily, por favor, faça o que disse. Não estamos seguros aqui.

— Mas o detetive disse que temos que ficar aqui até amanhã. Ele planeja tirar você da cidade.

— Que se dane!

David segue em direção ao quarto e Emily vai atrás dele.

— Sei que você está irritado — ela diz. — Mas pense bem, já está anoitecendo e lá fora não teremos a menor chance.

— Não estou irritado, Emily, estou preocupado — David a corrige. — Mas, beleza, vamos passar essa noite aqui e amanhã cedo a gente vê o que faz.

Tudo bem, talvez ele esteja se precipitando. Só que, no fundo, a namorada sabe que o rapaz tem razão. Miguel deve ter informantes por toda a parte. Eles não podem ficar marcando bobeira. Não tem outro jeito, o casal tem que ir embora de Foz do Iguaçu. Na opinião de David, eles devem abandonar também o estado do Paraná.

Capítulo 30

AH, O AMOR!

David olha através da janela e vê um céu tingido de dourado. O sol não vai demorar a aparecer. Ele não pregou o olho à noite toda e Emily também não teve uma de suas melhores noites. A cada vinte ou trinta minutos, David a via acordar assustada. Resmungava algo sobre alguém ou alguma coisa que tentava matá-lo. *Um monstro terrível, com garras afiadas quer devorar você*, murmurava ela, entorpecida.

A cada episódio, David a abraçava e tentava tranquilizá-la, pelo menos até a meia hora seguinte.

Talvez ela tenha razão, David pondera. É possível que haja mesmo uma fera querendo devorá-lo. Um mostro chamado "*passado*". Uma história que ele nunca viveu, mas que ainda está encravada em sua mente. O pai e a mãe assassinados; uma amante entre eles e uma conduta sombria é tudo o que lhe resta do passado. Agora ele só tem o presente, e este, talvez seja ainda mais assustador. Essa é a verdade. Um pai psicopata; uma mãe revoltada e amedrontada e uma namorada que surgiu do nada.

O amor pode ser um poço de sutilezas. Agora, vendo a namorada ali deitada naquela cama, David tem certeza de que é perfeitamente possível se apaixonar duas vezes pela mesma pessoa, mas isso não é justo! Ele não

pode permitir que Emily se afunde ainda mais nessa lama. Não pode condená-la a viver sob o medo constante de serem apanhados por Miguel ou qualquer outro babaca ligado ao projeto *"ALMA"*. Seria muita cretinice da parte dele.

Emily abre os olhos e o flagra olhando para ela. Sorri.

— Já tá na hora? — ela pergunta.

David senta-se na beirada da cama e esfrega o rosto com as palmas das mãos. Precisa pensar numa maneira de convencê-la a ficar de fora dessa sua ideia de fuga, que no fim das contas nem mesmo ele sabe se vai dar certo ou não. E se não der? E se forem pegos? Se isso acontecer, estarão mortos, ele sabe disso. Arrastar Emily com ele, pode ser o mesmo que sentenciá-la à morte, e com certeza ele não vai fazer isso.

— Você não vai mais comigo — ele murmura.

— Qual é?... A gente já tinha combinado, lembra?

É, ele se lembra. Só que ela não quer aceitar. Aliás, para Emily, já está decidido. Ela vai sim, e chega de conversa.

— Não quero colocar você em perigo.

— Cai na real, David, eu já estou em perigo.

A garota tem razão. Não dá para se iludir. Ela já está envolvida, não tem mais jeito.

— Sinto um frio na espinha só de pensar que algo ruim pode te acontecer — ele ainda tenta convencê-la.

— Sem chance, pode esquecer essa parada de frio na espinha. Para com isso, você não vai sair sozinho daqui. A gente tá junto nessa.

No fundo David sabe que a namorada tem razão. Sim, estão juntos nessa. Aliás, ela e Caio arriscaram a vida por ele.

— Só quero que você fique em segurança.

— Não acha que é um pouco tarde pra isso?

— Eu te amo.

Ela sorri e o abraça.

— Eu também te amo... e só estarei bem se estiver com você.

— Essa gente é perigosa demais — David diz. — Não quero nem imaginar o que pode acontecer se eles pegarem a gente.

— Então não imagine. Bora dar o fora daqui.

A firmeza com que Emily encara a situação o faz entender porque ela nunca desistiu de encontrá-lo

— Tudo bem! — David diz, sua expressão ainda é de preocupação. — Arrume suas coisas, vamos embora.

Capítulo 31
EM NOME DA MÃE

Minutos depois, Emily e David estão cada um com uma mochila nas costas. Não podem mais continuar ali. Deu tudo errado, se ficarem não terão chance, serão pegos.

Como o plano original incluía ficarem escondidos por no máximo uma semana, Emily desconsiderou a possibilidade de levar muitos pertences. Só o básico, pensou ela. Precisaria só do básico. Por isso, renunciou a boa parte dos itens considerados, pelas garotas, "de primeira necessidade". Nada de secador de cabelo, alicate de cutícula, esmaltes ou estojo de maquiagem. Só o básico, o que incluía um pacote de *Sempre Livre*, só por via das dúvidas. Absorvente íntimo nunca é demais.

Até onde David pôde ver, talvez quatro ou cinco peças de roupas e alguns produtos de higiene pessoal dividem o espaço na mochila dela. Já a mochila dele está quase vazia. Se não fosse pela boa vontade de Caio em lhe emprestar duas calças jeans e uma camiseta, David estaria apenas com a roupa do corpo. Um cantor de "*Rap*", é assim que ele sente agora. As roupas do irmão de Emily ficaram um pouco maior do que o manequim de David, mas ele não liga. Não que Caio seja gordo, é só uma questão de estilo, entende? David realmente não liga. Tem

coisas mais importantes para pensar. Foda-se se a calça escorrega, às vezes.

Quando saem do apartamento, a calçada está coberta por folhas secas. São pés de "cuca" ornamentando a fachada. Folhas largas que, quando secam, despencam a qualquer sinal de vento. No prédio ao lado, uma panificadora começa a receber seus primeiros clientes. Pessoas que, na opinião de David, estão retornando de suas jornadas noturnas. É possível que sejam enfermeiras, vigilantes, porteiros de prédios, enfim gente que ganha a vida à noite. A cidade ainda está acordando, e daqui a pouco as ruas estarão tomadas por dezenas de pessoas preocupadas e seus carros nervosos.

Emily está calada, mas otimista. Não quer deixar escapar um futuro que poderá ser só deles. O rapaz concorda com a namorada, por isso resolve contar o que tem em mente. Afinal, como ela mesma costuma dizer: "Estão juntos nessa.".

A garota ainda não perguntou, mas quer saber: para aonde eles vão?

David explica que eles partirão de carro, atravessarão todo o Paraná até alcançar o município de Ourinhos, no estado de São Paulo. De lá, seguirão até Águas da Prata, uma cidadezinha histórica, na divisa com Minas Gerais, cuja população (ele tinha visto no Google) não passa de oito mil. Um bom lugar para quem não faz questão de ser encontrado.

Emily concorda, mas não consegue disfarçar, está confusa.

— É uma boa pernada até lá — ela diz.

— É, sim — David concorda. Vai ser complicado, ele sabe. São mais de mil quilômetros de estrada, o que deve dar umas quinze horas de viagem. Vão ter que encarar.

Emily ainda está travando o cinto de segurança quando o celular toca. Ela encara a tela do aparelho e vê a inscrição "detetive" piscando. Vira *display* da direção de David, que faz um sinal para que ela não atenda a ligação.

— Esquece, ele não pode mais ajudar a gente — ele diz.

Emily recusa a ligação, coloca o celular de volta no bolso da calça jeans.

— Você acha que o detetive está envolvido?

— É difícil saber, acredito que não.

— Talvez devêssemos ouvi-lo.

— Melhor não, Emily. Não temos mais tempo pra isso.

øøø

Um vento gelado invade as janelas do carro, enquanto David e Emily atravessam a cidade. Agora, os prédios, as casas, as vielas e até as pessoas parecem mais alegres. O

sol ganha espaço no céu. O veículo desliza e a cabeça de David gira feito um globo de bingo numa tarde qualquer de domingo. Ele tenta encontrar uma explicação. Quer entender por que o homem que um dia chamou de pai, agora quer matá-lo. E o persegue como se ele, David, é quem fosse o criminoso e precisasse ficar se escondendo de todo mundo. Isso não está certo!

Por um tempo, David dirige meio que no piloto automático, afundado em pensamentos inúteis e perguntas cujas respostas parecem inalcançáveis. Quando dá por si, já alcançaram o viaduto da avenida Tancredo Neves. No canteiro, uma seta indica que se quiserem ir para o Paraguai, devem seguir em frente. Eles não querem. Dobram à direta. Dois olhos gigantes pichados no paredão do viaduto os acompanham por alguns metros. O casal segue pela Juscelino Kubistchek rumo à Maringá. Daqui a pouco estarão na BR 277.

Emily parece ainda mais preocupada. Está séria demais. Às vezes olha pela janela e observa a vegetação e as empresas que margeiam a rodovia. Na maior parte do tempo, mantém os olhos fixos no asfalto. Estão fugindo. Só os dois. Vão embora. Começarão uma vida nova, e talvez até encontrem a felicidade, ela pensa.

A essa altura, o céu começa a trocar o dourado da manhã por um tom acinzentado e sem graça. Emily se vira para David, mas não diz nada. Seus cabelos se movimentavam de forma encantadora. É a garota mais

linda do mundo, David gostaria de dizer. Entende que o momento e a circunstância pedem comentários resilientes.

— Não esquenta, amor, vai dar tudo certo — ele diz. Capricha no tom autoconfiante. Ele mesmo tenta se convencer disso.

— Vai sim.

A resposta de Emily vem sem nenhum entusiasmo. Ela esboça um sorriso.

— É o seguinte — David explica —, a gente pega a BR 369 até Londrina, segue pela 374 de Assis a Ourinhos, e depois é só pegar a 369, passando por Bauru, Pirassununga até alcançar Águas da Prata.

— Será que dá pra tocar direto? — ela quer saber. — Tipo, rodar treze horas. Você acha que dá?

— Vai ser complicado, mas a gente consegue.

Emily se ajeita no banco e inclina a cabeça para trás. Depois (sem olhar para David) pousa a mão esquerda sobre a coxa do namorado. Estende a outra mão e liga o rádio do carro. O interior do veículo é tomado pela voz do vocalista do Linkin' Park, que grita: *"(...) I've become so numb… I can't feel you there… Become so tired... So much more aware (…)"*

— É, a gente vai conseguir — ela concorda.

— Com certeza.

øøø

Já rodaram mais de duzentos quilômetros, quando o celular toca. Estão chegando à Anahy, cidadezinha entre

Cascavel e Campo Mourão. Emily tenta tirar o aparelho do bolso e não consegue. Ameaça soltar o cinto de segurança. David acha melhor parar o carro, vai para o acostamento.

— Seja lá o que o detetive tenha a dizer, não estamos interessados — ele diz.

Emily leva o telefone ao ouvido.

— Alô.

É a única palavra que ela diz. Mantém o celular no ouvido por uns cinco segundos, depois estende o aparelho na direção do namorado.

— O que houve?

A resposta não vem.

Ele agarra o celular.

— David — a voz no telefone diz —, preciso que venha até aqui.

É a mãe dele. Ela está... chorando?... Não, é só impressão dele.

— Não dá, mãe — ele não quer contar a verdade. Isso a deixaria arrasada.

— Mas eu preciso vê-lo agora.

Sim, ela está chorando.

— Mãe, preciso que confie em mim, tá?... Vou ter que passar uns tempos fora.

Melhor contar logo de uma vez, ele pensa. Já está tudo fora de controle mesmo.

O sinal do telefone oscila, some. A ligação está ruim. Então ele liga o pisca-alerta, sai do carro e caminha

por uns dez metros no acostamento. O sinal continua oscilando. Merda! Olha para um lado, para o outro, diz um palavrão e decide ir para o meio da vegetação, um capinzal miserável quase na altura dos joelhos. Inferno! Ele não avança muito. Procura a sombra de uma árvore, e o sinal dá uma melhorada.

— Alô, mãe... Você ainda tá aí?

— Filho — ela soluça —, por favor, você tem que...

A frase é interrompida. Deve ser o sinal, de novo, ele pensa. Sai da sombra e avança capinzal adentro. Logo percebe que o problema não está na ligação. Alguém está impedindo que sua mãe fale.

— Não faça a sua mãe suplicar, rapaz — uma voz masculina ressoa no aparelho. — Seja um bom filho.

É a voz de Miguel. Na opinião de David, o desgraçado vai usar sua mãe para tentar obrigá-lo a voltar. Não vai funcionar. David não vai aceitar esse joguinho idiota. O pai está blefando. Não teria coragem de machucá-la. Claro que não... ou teria?

Emily sai do carro. Está recostada no capô, e agora observa uma plantação de trigo do outro lado do asfalto. Há um vale ao fundo e dá para ver entre as árvores os telhados de algumas casas. Deve ser a sede de algum sítio ou fazenda, ela pensa. David continua ao telefone, no meio do capinzal. Um caminhão, desses bem grandes, passa e buzina para Emily, prejudicando ainda mais a qualidade da ligação. Esses caminhoneiros são foda, David pensa. Não conseguem ver uma garota bonita sem

enfiar a mão na porra da buzina. Espera o ruído diminuir para voltar a se concentrar no problema que tem em mãos.

— Saco! — David altera o tom de voz — Tá querendo o que com isso?

— Quero que venha até aqui.

Não. Ele sabe bem o que o pai quer. Este homem quer acabar com ele, quer detonar a Emily, também. Eles sabem demais, não podem continuar vivos. O rapaz tenta ganhar tempo.

— Deixa a minha mãe em paz, e a gente conversa.

— Não — ele grita —, isso não é uma maldita negociação, quero que venha para cá agora.

Ele não está brincando. Pelo jeito que a frase foi dita, David acha que é melhor não forçar a barra. Tem de pensar em alguma coisa. Uma maneira de livrar a mãe das mãos de Miguel, mas, sinceramente ele não sabe o que fazer.

— Escuta — ele coça a nuca, passa a mão no cabelo, morde o lábio inferior —, você pode vir até aqui, se quiser.

— Sem chance.

— Estamos na entrada de Anahy — insiste. — Libera a minha mãe. Prometo que a gente vai estar aqui te esperando, é sério.

A resposta vem num tom calmo e ameaçador.

— Acho que você não está entendendo a situação — ele diz. — Estou com a sua mãe aqui sob a mira de uma

arma, e vou meter uma bala na cabeça dela se você não der um jeito de vir para cá agora mesmo.

— Calma aí, você não precisa fazer isso.

— É, não preciso — ele repete, convencido de que a pressão está dando certo. — Por isso, vou ficar bem aqui esperando por você e sua namoradinha. Acho bom que ninguém tenha a *brilhante* ideia de envolver a polícia nisso.

— Tudo bem, mas não machuque a minha mãe, por favor.

— Bom menino.

— Estamos indo pra aí.

— O tempo está passando.

A ligação é encerrada, e David se sente tentado a arremessar longe o celular. Como se isso resolvesse o problema. Como se o gesto pudesse evitar que sua mãe fosse morta pelo próprio pai. E que pai desgraçado é esse? Que tipo de gente faria isso em nome de um projeto maluco? E que vida miserável é essa? Puta que pariu!

Ele entrega o celular na mão de Emily e ordena que ela entre no carro.

— Era o Miguel — explica. — Está com ela e ameaça matá-la.

— Ele está com a sua mãe?

David balança a cabeça afirmativamente.

— Coloque o cinto, vamos ter que voltar.

Dá a partida no carro. Estão a pouco mais de sessenta quilômetros de Cascavel. Vão levar uns cinquenta minutos para retornar. O carro está com o pisca-alerta

ligado, e David se prepara para cometer uma infração de trânsito (fazendo um retorno irregular) quando o retrovisor revela que não estão mais sozinhos. Uma viatura da polícia acaba de estacionar atrás do carro deles.

— E agora, o que a gente faz? — Emily está visivelmente nervosa.

David acompanha tudo pelo retrovisor. São dois policiais. Eles demoram para descer da viatura. Estão checando a placa, David imagina. Descem.

São dois sujeitos jovens. Um deles é mais encorpado, musculoso, por assim dizer. O outro é magricela e alto. Talvez sejam novatos na corporação, a julgar pela aparência jovial.

Os dois caminham na direção do carro.

— Aja naturalmente — ele responde. — Não vai dar nada. Quanto mais rápido a gente se livrar deles, melhor.

Um dos policiais agora está parado do lado da porta do motorista. O outro está atrás do carro observando algo que David não tem ideia do que seja. Pneus carecas? Lanterna traseira queimada, talvez? Esses caras são craques em encontrar "problemas" no veículo.

— Bom dia — o policial ao lado da porta observa com atenção a expressão no rosto de David. — Estão com algum problema?

Os veículos que transitam pela BR-369 reduzem a velocidade, as pessoas querem saber o que está acontecendo. Querem saber quem se deu mal dessa vez.

Os mais curiosos chegam a abaixar os vidros para acompanhar, ainda que por alguns segundos, a abordagem do policial.

— Bom dia, policial — David responde, forjando uma naturalidade que não combina com as batidas do seu coração. — Paramos só para atender o celular.

Ele parece não ter ouvido a resposta de David. Se ouviu, não ligou. Curva-se para frente a fim de obter uma visão mais ampla do interior do veículo. O outro policial contornou o carro e agora está na parte da frente. Tem os polegares enfiados na parte da frente do cinturão e faz cara de quem analisa o veículo.

— Tudo bem aí, moça? — o policial ao lado da porta de David quer saber.

Emily faz que sim com a cabeça. Seu rosto está corado e seus olhos, embora tente disfarçar, denunciam seu nervosismo. O policial continua a observar o interior do veículo.

— Estão indo para onde? — ele olha para David.

— Águas da Prata.

— Hum... — o policial chacoalha a cabeça, pensativo. Não tem ideia de onde fica essa cidade.

— E onde é que fica isso?

— Interior de São Paulo — David se limita a responder o que o policial lhe pergunta. Já ouviu histórias sobre policiais, sabe que não se é recomendado falar demais. Respostas sem perguntas sempre os deixam nervosos. Por que deixar um policial irritado? Já foi um

azar "lazarento" essa viatura ter passado por aqui logo agora.

— Interior de São Paulo? — o policial repete.

— É, interior — David confirma.

Ele chacoalha a cabeça mais uma vez. Agora, o outro policial, o que estava há pouco na frente do carro, está ao lado do companheiro, os braços cruzados. Ele não diz nada, apenas observa. Agora, mais de perto, David percebe que o sujeito não é tão magricela assim, e também é bem mais alto do que parecia.

— Viagem de férias?

— Não... — David não tem certeza do que responder. — Quer dizer, acho que sim — tenta parecer indiferente ao olhar intrigado do policial. — A gente vai passar um tempo lá.

— Estão de mudança?

Ele continua olhando para dentro do carro. É um cão farejador à procura de qualquer coisa que possa elevá-los do nível de "quase suspeitos" para "quase culpados".

— Não... — David hesita — é só um tempo.

— Um tempo?

— É, vamos passar uns dias lá.

O fim da frase soa quase inaudível, e David tem certeza de que isso vai motivar o policial a seguir com as perguntas.

— Habilitação e os documentos do veículo, por favor.

David ainda não tinha se ligado, mas essa era a frase que faltava para foder com tudo. Só agora ele se dá conta de que está sem documentos. Não tem identidade, nem CPF, nem CNH, não tem nada. Depois que fugiu daquele hospital, ele passou a ser um homem sem identidade, no sentido mais amplo da palavra. O que vão fazer agora? Estão encrencados!

O policial percebe que tem algo errado. Finalmente ele os pegou.

— Quero ver sua habilitação e o documento do veículo — ele repete, mas não usa o "por favor" dessa vez. Seu tom está ainda menos cordial.

Emily leva as mãos ao porta-luvas. Isso faz com que o policial instintivamente pouse a mão sobre o cabo da arma no coldre. Ele remove a trava com o polegar. O outro policial dá um passo para trás e faz o mesmo. Pronto. Agora todos estão nervosos e isso não é nada bom.

— Pode para por aí, moça.

Emily só quer pegar o documento do carro, mas o policial não sabe disso. Então ela tem que dizer.

— O documento do carro — ela indica o porta-luvas com a cabeça — estão lá dentro.

— Então pega lá pra gente — o policial ordena. Só que agora, tanto ele quanto o colega de farda estão com as armas em punho.

Emily o obedece, devagar. Faz isso com o mesmo cuidado com que um cirurgião maneja um bisturi.

O policial mal olha para o documento. Ele não quer saber. David está muito agitado e isso sim o interessa. Polícia é assim, adora um sujeito nervoso.

— Ainda não vi a sua habilitação — ele dirige a palavra para David. — E nem a sua — o olhar vai para Emily.

David não sabe o que responder. Não sabe o que fazer. Emily ameaça soltar o cinto de segurança, ela precisa pegar a habilitação que está na bolsa sobre banco de trás, mas os policiais também não sabem disso. Então ambos seguram suas armas com convicção. Não chegam a apontar para o casal, mas as armas estão em punho. Eles não podem arriscar. Muitos colegas já foram baleados e alguns até morreram por ignorarem o protocolo de segurança, eles ouviram sobre isso. São novos na corporação, mas ouviram sobre isso e sabem bem como funciona. Basta um segundo de bobeira e um vagabundo qualquer te mete uma bala na cara, foi isso o que afirmou o comandante num daqueles treinamentos.

— Saiam do carro — o policial perto da porta ordena. O outro, um pouco mais distante, está alerta. O braço direito rente ao colete, a arma apontada para baixo, o dedo indicador esticado fora do gatilho e a adrenalina aumentando.

— Calma, a gente pode explicar — Emily tenta argumentar.

O policial repete a ordem. Seu tom agora é mais agressivo e há uma pausa intencional após cada palavra.

— Saiam-do-carro, agora, e muito cuidado aí com as mãos, quero vê-las.

David sai primeiro, as mãos na altura da cabeça. Emily está tremula e tem dificuldade na hora de sair do carro, tropeça. Não sabe onde pôr as mãos, mas o policial já disse: "onde ele possa vê-las". Então ela sai com as palmas para cima, como quem faz uma prece. O policial, aquele que não é tão magricela assim, a acompanha com os olhos.

A tensão o impede de pensar direito, mas David precisa encontrar uma forma de sair dessa enrascada. A mãe corre perigo, e agora o tempo também passa a ser um inimigo.

— Coloquem as mãos sobre o veículo, por favor — ainda é o policial mais falante quem ordena.

Obedecem.

Com movimentos rápidos e cautelosos ele os revista. Estão limpos, mas ainda não podem se virar. Ele, o policial, ainda não mandou se virarem. Todo mundo sabe que numa batida quem manda é o policial. O parceiro está na viatura falando com a central, checando a placa do veículo. Hoje em dia é normal jovens roubarem carros só para dar um "rolê".

— O policial próximo ao casal resolve fazer uma pressão. Quem sabe, não descobre qual é a desses dois.

— O que pensam que estão fazendo?

— Não somos bandidos não, moço — Emily é quem responde.

— Por acaso você ouviu a palavra *"bandido"* sair da minha boca?

— Claro que não — ela tenta se redimir.

No rádio, alguém informa que o veículo em questão pertence a Emily Bagisnki Couto, residente em Foz do Iguaçu, e não há nada de irregular com o carro. A garota também está *limpa*.

O policial na viatura grita:

— Tudo certo, mas é bom dar uma checada também nos documentos dos pombinhos.

Emily suspira, parcialmente aliviada. Ela sabe que ainda estão bem encrencados.

— Tá vendo, moço, não tem nada de errado — ela tenta recuperar a confiança. — Ou tem alguma lei que proíba a gente de viajar?

— Como é que é?

Ela não ousa repetir. Ainda estão com as mãos coladas ao veículo. O policial na viatura vai até o carro de Emily, pega a bolsa dela, no banco traseiro, abre, examina e depois a entrega para a moça. Eles querem ver os documentos do casal. Emily enfia a mão na bolsa e retira de lá a identidade e sua habilitação.

— Você também cara — o mesmo policial ordena —, documentos.

David respira fundo. Não há mais o que fazer.

— Estou sem nada — ele responde.

— Está sem documentos — o policial quer confirmar entes de enquadrá-lo.

— É.

— E o amigo pode me dizer o seu nome? — o magricela é irônico. — Ou será que é pedir demais?

— Calma, moço, a gente vai explicar — Emily intervêm.

— Cala essa boca. Ninguém tá falando com você — o outro policial a repreende. — E vamos parar com essa história de "moço". Quando tiver que falar com um de nós, basta usar a palavra "policial".

A moça engole em seco. Não quer irritar ninguém.

— David — o namorado de Emily responde —, meu nome é David.

— O nome completo, irmão.

— David Pereira de Lima.

— Tá dirigindo por aí sem documento, por quê?

Emily olha para o namorado. Há um pânico iminente em seus olhos.

— Ainda não estão prontos — David responde.

Emily se pergunta qual é a dele. Tá querendo irritar ainda mais os caras?

O magricela volta para viatura, pede para a central checar esse nome. Quando a resposta chega, ele franze a testa. Falecido. Este é o nome de um sujeito que já morreu.

Ele volta rapidamente para perto de David, força seu braço para trás e o algema.

— Você está preso por apropriação indevida de identidade.

— Não precisa fazer isso, mo... — o policial olha para Emily, ela interrompe a palavra "moço" no meio — policial.

— O policial já está colocando David na Viatura, quando o namorado de Emily tem uma ideia.

— Faço parte de um programa de proteção à testemunha.

O homem se detém, subitamente.

— Tá de sacanagem, é?

— Tô falando sério — a voz de David é firme, decidida. — Se quiser, pode checar essa informação com o detetive Wallace Viana da Polícia Civil de Foz do Iguaçu.

O policial empurra David para dentro.

— Senta aí — ele diz, enquanto se acomoda no banco da frente e volta a falar no rádio. Emily e o outro policial também estão próximos à viatura. A garota chora.

Ao ouvir o detetive Viana confirmar a história de David, o policial parece contrariado. Ele sabe que tem algo errado nisso tudo, mas diante da afirmativa do colega "da Civil", não vê outra alternativa senão liberar o prisioneiro.

— Dá pra ver que tem "sujeira" da grossa aí — ele diz, enquanto solta as algemas. — Mas a gente não quer encrenca *pro* nosso lado, então é melhor sumirem daqui. O outro policial também concorda. Que se dane!

— Só que agora — o companheiro do magricela diz, apontando para Emily — é ela quem dirige. Fantasma ou não — ele olha para David —, dirigir sem habilitação é uma infração gravíssima, meu camarada.

Quando David entra no carro, Emily olha para ele de canto de olho. Está se perguntando que história foi aquela de "proteção à testemunha"? Como os policiais engoliram uma desculpa dessas? Por que o detetive confirmou essa maluquice?

A resposta: Viana queria saber o paradeiro do casal. Agora ele já sabe.

Saem com o carro e são seguidos de perto pela viatura. Só depois de rodar uns mil e quinhentos metros, o veículo de Emily é ultrapassado. Batman & Robin (é assim que David pensa nos policiais agora) desaparecem do campo de visão do casal. Emily respira, aliviada. David não tem tempo para isso. A mãe ainda está em poder de Miguel, aquele babaca sem noção. É bem possível que ele cumpra o que prometeu.

David faz um sinal para que Emily retorne. Num movimento calculado ela manobra o carro pelo acostamento e faz uma conversão (irregular) ali mesmo sobre a pista, arriscando-se com os carros que vêm na direção contrária. Acelera o máximo que pode, ignora a possibilidade de encontrar outra viatura pelo caminho. Seria muito azar.

Com a alta velocidade a paisagem através das janelas do carro se transforma em um vulto contínuo, ora mais escuro, ora mais claro. Enquanto Emily presta atenção na estrada, David observa o celular (agora sobre o

painel do carro). Talvez ele toque, pensa. Já que o detetive Viana aceitou participar dessa *presepada*, é possível que ele ligue, só para deixar claro que agora a gente deve "essa pedra" para ele.

Cerca de quarenta minutos depois, estão de volta à entrada de Cascavel. David observa a fachada do motel com uma inscrição luminosa na vertical. Um motel com nome japonês, vê se pode. Ele acharia engraçado se a situação não fosse tão dramática.

— E aí, qual vai ser? — Emily quer saber se há um plano.

— Vou me entregar.

David diz isso com toda a calma do mundo.

— Tá maluco?... Não pode fazer isso.

— Não tem jeito. A gente não tem outra opção. Não agora.

— Mas eles vão prender você novamente, e dessa vez com certeza não será em nenhum hospital de Foz do Iguaçu.

David sabe que a namorada tem razão. Miguel não cometerá o mesmo erro duas vezes. Assim que puser as mãos nele, o pai vai enfiá-lo em algum buraco onde ninguém jamais possa encontrá-lo novamente, e essa é a melhor das hipóteses.

David não quer saber. Ele tem que salvar a mãe, e para que isso aconteça, precisa convencer Miguel de que está disposto a fazer o jogo dele.

— Vamos resolver isso logo — ele tenta convencer a namorada. — Ele não vai desistir enquanto eu não me entregar.

Agora já estão a menos de quatro quarteirões da casa da mãe de David. Ele olha para a namorada e percebe que ela ainda não está convencida de que essa é uma boa ideia.

— Tá falando sério, você tá pensando mesmo em se entregar? — ela pergunta.

David sorri, discretamente.

— Claro que não. Só que ele não precisa saber disso.

— E como pretende convencê-lo?

— Ainda não sei, mas vou dar um jeito de tirá-lo daqui sem pôr você ou a minha mãe em risco.

— Sabe que isso não vai ser fácil, né? — ela resiste. — E se a gente ligar pro detetive?

— Sem chance. Já tentamos enganá-lo uma vez, e você viu no que deu. A gente não tá lidando com um sujeito estúpido, Emily. Muito pelo contrário, ele já demonstrou muito bem que pode fazer qualquer coisa para conseguir o que quer. Se ele perceber que foi enganado, a coisa pode ficar muito pior.

Emily respira fundo. Está preocupada. David também.

Acabam de chegar.

O carro é estacionado do outro lado da rua.

Capítulo 32
A OPERAÇÃO

A tarefa de desvendar todo o mistério acerca do projeto "ALMA" tornara-se algo tão improvável que, mesmo relutante, o detetive Viana começava a se sentir um idiota impotente. Um trabalho árduo e quase sem resultado. Sim, ele fez seu dever de casa. Investigou. Falou com muitas pessoas, mas não conseguia avançar. Ficou surpreso ao perceber que a maioria das pessoas nem sequer sabia o nome do Secretário de Segurança Pública do estado do Paraná. Coisa de mafioso, ele pensava. Todos as pessoas com quem conversou juravam nunca ter ouvido falar do tal projeto.

Tudo piorou com a morte do Dr. Levi e o fracasso na captura de Miguel. A partir daí, David, Emily e o próprio detetive, ficaram tão vulneráveis, que Viana tinha a sensação de que estavam nadando de costas numa lagoa repleta de crocodilos famintos. Pisavam num terreno muito perigoso e sabiam disso. Bisbilhotar assuntos ligados à segurança nacional envolvendo os dois países não é o que se pode chamar de uma ideia inteligente. No Brasil isso pode acabar em tortura e até mesmo em assassinato. O camarada some e pronto. Já nos Estados Unidos, numa hipótese bem otimista — e considere isso uma tremenda sorte — o sujeito pode acabar numa cela

fedorenta (longe dos olhos da ONU) na base militar da Baía de Guantánamo.

Mesmo sabendo dos riscos, na opinião de Viana, não dava para concordar com a sacanagem que armaram para cima de David. Aquilo não estava certo. Por outro lado, o detetive sabia que mesmo se conseguissem capturar Miguel, ia ser difícil obter uma condenação por suas experiências bizarras com o filho. Assassinato, ele pensou. Dava para tentar acusá-lo de assassinato. Se enveredasse por esse caminho, Viana apostava na possibilidade real da polícia conseguir provas que o ligassem a pelo menos três mortes: a do sujeito no acidente de carro — que morreu no lugar de David —, do médico psiquiátrico e a da zeladora do hospital. Ele próprio já havia ouvido algumas pessoas. Gente que jurava ter visto Miguel nas cenas dos dois últimos crimes.

De qualquer forma, para colocá-lo atrás das grades, primeiro era preciso encontrá-lo, e Viana tinha um palpite de que David era sua grande chance.

Depois da desastrosa tentativa de atraí-lo para uma emboscada, o detetive sabia que seria só uma questão de tempo até que Miguel tentasse um novo contato com o filho. Alguém superior a ele na hierarquia do projeto, o pressionaria a resgatar o paciente fugitivo. Era isso o que dizia o palpite de Viana, e intuição policial deve ter algum parentesco com o "sexto sentido" feminino.

No momento em que foi elaborado o plano envolvendo David e Emily, o detetive já contava com a

possibilidade de Miguel não aparecer ao encontro. Então, sem que nenhum dos dois soubessem, o celular do casal foi grampeado. Em algum momento Miguel morderia a isca.

Só o que Viana não esperava era que David quase seria preso por policiais de beira de estrada. Então, quando o policial militar veio com aquela história absurda de "proteção a testemunha", Viana deu graças a Deus pela tremenda cara de pau e criatividade de David.

O detetive podia apostar que quando percebesse que a mãe estava em perigo, o rapaz não hesitaria em voltar. Assim, quando interceptaram a ligação feita por Miguel ao filho, trataram logo de traçar — dando a devida atenção aos detalhes — cada passo da operação.

O delegado autorizou a participação de quatro agentes na discreta prisão de Miguel. Toda a ação seria executada por policiais à paisana. Nada de viaturas com emblemas da corporação, nem sirenes, uniformes ou armas à mostra. Não podiam levantar suspeita sobre a presença de policiais nos arredores da casa da mãe de David.

øøø

O episódio com David e os policiais na estrada, custou ao detetive e seus agentes um acréscimo de meia hora de espera. Inicialmente ele havia pensado em invadir a casa

antes da chegada de David. Mudou de ideia. Se algo desse errado? Se acontecesse o pior com a mãe do garoto? Em casos assim — mesmo com a experiência dos policiais — não há garantias, existe sempre um risco a ser considerado. Então, na opinião de Viana, seria melhor que David estivesse presente, afinal, é a ele que Miguel quer.

Quando o carro de Emily dobra a esquina, o detetive e sua equipe já estão atentos e prontos para agir.

De dentro de uma viatura descaracterizada, Viana vê o veículo estacionar. David é o único que desceu. Tenta proteger a namorada, sabe que Miguel é um sujeito que ignora qualquer postura que se aproxime de uma conduta razoável.

Viana e seus agentes se comunicam por rádio, estão a postos. Aguardam só um sinal do detetive. Estão posicionados em pontos estratégicos, de modo que a ideia é encurralar Miguel. O detetive estudou cada detalhe do plano. Quero ver esse filho da puta escapar!

Seis minutos após a entrada de David na casa, Viana autoriza o início da operação. Começam a se movimentar. Um dos policiais acompanha Viana até a porta principal. Outros dois dão a volta por detrás da casa, sorrateiros. Agora há também um policial conversando com Emily, tenta mantê-la em segurança, no carro. Pessoas que transitam pelo local não percebem a atmosfera de tensão.

Com rapidez e discrição, é assim que Viana quer agir. Temos que minimizar os riscos, ele pensa. Miguel

não pode perceber a movimentação em torno da casa. O *fator surpresa* tem de ser usado em favor da polícia.

Com armas em punho os agentes se desvencilham da linha das janelas e avançam até a porta principal. Viana faz um sinal com a cabeça, um dos agentes esmurra a porta e espera um segundo para que o detetive tome a dianteira.

— Abra a porta, é a polícia! — Viana ordena.

Não há resposta.

— A casa está cercada! — agora quem grita é o agente que bateu na porta.

O que se ouve a seguir é só um breve ruído que vem lá de dentro. Um móvel sendo arrastado, essa é a primeira imagem que vem à cabeça do detetive.

— Está me ouvindo, Miguel?... Sabemos que você está aí dentro — Viana fala como se lesse um manual. — Quero que coloque as mãos na cabeça e saia agora!

Capítulo 33
DO LADO DE DENTRO

Do lado de fora, a voz do detetive deixa David ao mesmo tempo, *puto* e preocupado. Puto porque não consegue acreditar que Emily chamou a polícia; preocupado porque sabe que a partir de agora tudo vai ficar ainda mais difícil. Miguel não vai deixar barato. Ele está mesmo disposto a levar seu plano até o fim, a qualquer preço.

— Droga, Emily, por que você foi chamar a polícia? — David murmura para si mesmo, como se isso fosse o suficiente para evitar a tragédia que está para acontecer.

Enquanto isso, Miguel parece não acreditar no que ouve. A polícia está batendo à porta e ele não sabe o que fazer. Seu rosto começa a ganhar traços assustadores. Ele não tem tempo de pensar, então, toma uma atitude desesperada. Salta na direção da ex-esposa e a agarra. Ambos se desequilibram e esbarram na mesinha de centro antes de a mãe de David se estatelar no chão. Miguel a puxa pelo braço e a obriga a se levantar.

— Eu disse — Miguel engatilha a arma — para não chamar a polícia.

A imagem da mãe sob a mira de uma pistola, deixa David aterrorizado. Está em pânico, e o que lhe vem à mente é algo com o que ele ironicamente tem lutado desde

que acordou naquele hospital: vontade de matar o próprio pai.

— Eu não chamei ninguém — ele diz, olhando direto nos olhos do pai. É um tom seco, afirmativo. Não espera que o homem à sua frente acredite. Na verdade, nunca esperou nada dele, mesmo.

— Isso não importa mais.

— Por favor — David pede —, deixe a minha mãe sair.

Sim, ele está desesperado, mas tem de manter o controle, se recompor. Está pedindo ao algoz que solte sua vítima. Pedir, ele pensa, é melhor que suplicar. A súplica é o último recurso de quem tem certeza de que não será atendido.

— Agora que você fez a *burrice*, vai ter que me ajudar a sair daqui — ele diz, olhando repetidamente para a porta. Suas mãos tremem.

Do lado de fora, Viana insiste: "*Abra a porta, Miguel, não tem como escapar*".

Com toda essa adrenalina, David não consegue prestar atenção em mais nada além da mão que segura a arma.

— É a mim que você quer... — David tenta persuadi-lo — vou com você.

Miguel parece confuso. Tem que pensar rápido. Alterna o olhar entre David e a porta. Sabe que é só uma questão de tempo até que alguém a derrube. Ele precisa fazer alguma coisa ou estará perdido.

Mais batidas na porta. São cada vez mais fortes.

Miguel toma uma atitude. Agora sabe o que fazer. Ninguém vai pegá-lo. Ele larga o braço da mãe de David e a empurra para o lado. Com o impulso, ela se desequilibra e cai novamente. Desaba com a cara no chão.

David vê uma mancha de sangue se formando ao lado da cabeça da mãe. Quebrou o nariz? Cortou os lábios? Não dá para saber. Ela continua com o rosto colado no chão, e se ninguém fizer nada, vai sufocar com o próprio sangue.

O filho corre na direção da mãe e tenta ajudá-la a se levantar. Quando se inclina, David sente algo frio e metálico tocar sua nunca. Agora é ele quem está na mira de Miguel. A mãe, enfim dá sinal de vida, vira o rosto e tem um borrão vermelho envolvendo o nariz e a boca. Ela cospe. David ainda está inclinado, a mão estendida para a mãe, mas Miguel o impede de tocá-la. Faz sinal com o cano da arma para que o rapaz se endireite. Enquanto obedece, David pensa que se — lá fora, em algum ponto estratégico — houver um atirador de elite, esse seria o momento ideal para puxar o gatilho. Nada acontece.

— Vamos embora! Você vai me ajudar a sair daqui — Miguel mantém a arma apontada para David.

A tensão só aumenta. Do lado de fora, o detetive ainda tenta convencer Miguel a se entregar: *"É sua última chance"*, ele diz. *"Saia agora, ou vamos invadir"*.

Miguel o ignora.

— Vire-se!

David obedece.

Miguel se posiciona atrás dele. Passa um dos braços em torno do pescoço de David e pressiona o cano da arma contra sua cabeça. Está disposto a usá-lo como escudo. É assim que ele vai sair dali. Sorri. Parece orgulhoso da ideia que teve.

— Por favor, não o machuque — é a mãe de David quem murmura. Ela está de joelhos e tem sangue coagulado no nariz e na boca.

Miguel finge não ouvir.

— Presta atenção — ele diz, enquanto empurra David na direção da porta —, vamos sair juntos daqui, está me ouvindo?

David concorda com a cabeça. É um movimento sutil. Sente-se sufocado, há um braço pressionando sua garganta, obstruindo a passagem do ar.

— Eu só queria entender — o garoto lamenta. Apesar da gravidade da situação, ele busca uma explicação razoável para as atitudes do pai.

Miguel afrouxa o braço e encara o filho por um segundo. Os rostos quase se tocam. Não há palavras, só um vazio absurdo entre os dois.

— Você não sabe de nada — ele diz.

Parece loucura, mas David tem a sensação de que um tom quase paternal se apropriou da frase. Não faz sentido.

— Às vezes você não tem escolha — Miguel explica, sua voz ainda é branda —, e acaba fazendo coisas horríveis.

— Ah, qual é, que papo é esse?

— Esquece.

O silêncio que vem a seguir dura menos de três segundos, e o pescoço do rapaz volta a ser pressionado

— Afastem-se, estamos saindo! — é o pai de David quem grita.

Capítulo 34
DO LADO DE FORA

O detetive Viana não tem dúvida de que a voz que vem lá de dentro é a de Miguel. Também está convicto que o homem tentará alguma artimanha. Então, quando ouve a palavra "estamos", o detetive lança um rápido olhar aos agentes mais próximos e eles sabem o que isso significa. Alerta máximo. O pai de David desconsidera qualquer possibilidade de rendição, sairá de lá usando um dos dois reféns como escudo, é isso o que passa na cabeça de Viana. Ele pede aos agentes que se afastem a uma distância relativamente segura, e faz o mesmo.

A porta se abre e uma figura masculina surge diante dela. David.

Melhor, pensa Viana. A ideia de ter que contar com os reflexos da mãe de David numa colaboração a um atirador de elite não o agradava.

David mantém as mãos na altura da cabeça e se arrasta, com dificuldade. É guiado pelo braço esquerdo de Miguel e pelo cano da arma pressionando-lhe a têmpora.

— Para trás — Miguel ameaça —, ou eu atiro!

Viana faz sinal com uma das mãos para que os agentes recuem, mas só o suficiente para deixar Miguel menos tenso, encorajando-o.

— Tente manter a calma, Miguel — o detetive diz. — Aliás, você só está dificultando as coisas, é melhor se entregar, vamos prendê-lo, de qualquer maneira.

Miguel abre um sorriso. Tem certeza de que isso não vai acontecer.

— E qual vai ser a acusação — ele zomba —, reprogramação mental? — Acha mesmo que alguém vai levar a sério uma história dessas? — seu tom ainda é sarcástico. — Juízes, meu amigo, não costumam acreditar em contos de fadas.

— É, talvez não — Viana concorda. — Tem razão sobre os "contos de fadas", mas, que tal assassinato?... O que acha?

O sorriso desaparece do rosto de Miguel. Agora ele só quer escapar dali, está de saco cheio dessa conversa.

— Se tiver alguém aí querendo duvidar, tudo bem, mas eu não estou de brincadeira. Então é melhor saírem da minha frente, ou acabo com ele.

A pressão exercida pelo braço de Miguel sobre o pescoço de David é tão grande, que ele se inclina para trás e mal consegue dar o próximo passo.

Emily — que até agora cumpria o combinado — sai do carro. Um agente tenta impedi-la, mas não consegue. Agora já há mais curiosos na rua do que o esperado, e todos querem saber o que está acontecendo.

— Por favor, não faça isso — é Emily quem suplica. — Não atire.

Ela corre na direção dos dois homens.

Por alguns segundos, Miguel perde o foco e passa a dedicar sua atenção à Emily. A chance para um disparo, e alguém puxa o gatilho.

Claro que Viana ainda não tinha autorizado, mas a atitude do agente se justifica.

Policiais são treinados para situações como esta. Não se pode perder oportunidades, elas geralmente significam o sucesso de uma operação sem prejuízo à integridade física das vítimas.

O tiro pega de raspão na cabeça de Miguel, e o susto o faz largar o pescoço de David, que aproveita para se desvencilhar e se atirar ao chão. Isso, ele supõe, facilitará a ação dos agentes. Tem razão, se tivessem ensaiado, não sairia tão perfeito.

Ao perceber que foi atingido, Miguel — desequilibrado pelo movimento feito por David — ainda revida e atira contra os policiais, enquanto desaba no chão. Dispara três vezes, mas os agentes continuam intactos. Viana e seus *homens* seguem o procedimento padrão, avançam e, ao mesmo tempo, disparam contra o agressor. Miguel rola no chão. É atingido. Uma. Duas. Muitas vezes.

Sangra.

O ruído provocado pelos disparos, agora chama a atenção também da vizinhança. Os mais corajosos — e menos prudentes — ignoram o risco e colocam o nariz para fora, querem acompanhar a operação. As pessoas gostam disso. Tumulto. Perigo. Querem saber quem está trocando tiros com a polícia, mesmo sem ter nenhuma

convicção de que esses sujeitos à paisana são mesmo homens da lei. Arriscam-se em nome de uma curiosidade sem noção, essa é a grande verdade.

Agora são dois corpos no chão.

Há carros passando, alguns estacionam. É mais gente querendo participar da *festa*. Fazem perguntas idiotas e ignoram os pedidos dos agentes, querem ver sangue. "O que é que houve aí, amigo?", alguém pergunta. "Sei não, acho que foi um assalto", o outro responde. "Ué, não é aquele tarado da TV, o cara que vem atacando mulheres no parque?", uma senhora contesta as versões anteriores.

Os dois corpos continuam no chão, e um está borrado de vermelho.

David e o pai estão deitados cara a cara.

Um dos policiais se aproxima do corpo do agressor e usa o pé para afastar a pistola Ponto-40 dali. Imóvel, David observa o corpo do pai, que respira com dificuldade, mas ainda vive.

— Você não entende — Miguel diz.

— Esse caminho foi escolha sua — David retruca.

— Nunca foi pelo projeto.

— Dinheiro?

Miguel tem uma crise de tosse, e a pressão, exercida por seus pulmões, provoca um aumento em seu fluxo sanguíneo, esguichos que evidenciam ainda mais os ferimentos.

— Não, de jeito nenhum.

— Mas você matou aquelas pessoas.

— Não tive escolha.

Uma nova crise de tosse. Mais sangue.

— E o que foi isso aqui?

Miguel tenta se movimentar e solta um gemido.

— Você não entende.

— Você fica repetindo isso, mas como posso entender? — David sente um líquido morno tacar-lhe o rosto, é o sangue do pai escorrendo. — Ameaçou a minha mãe e apontou a porra de uma arma pra mim — conclui.

— Besteira. Se eu quisesse matá-lo, já o teria feito.

— Então por que tudo isso?

— A sua mãe...

A crise de tosse agora parece interminável, e a voz do pai de David está sumindo.

— O que tem ela?

— A sua mãe, ela... — Miguel tenta concluir, mas a frase se perde num suspiro longo e doloroso. O último.

O mesmo agente que chutou a arma para longe, agora escora um joelho no chão e checa as funções vitais do pai de David. Nada. Não há pulsação. Ele dirige o olhar a Viana e faz um breve sinal com a cabeça. O cara já era.

David já está de pé, confuso. Sabe que não chegará a nenhuma conclusão, mas tenta conjecturar evidências que levem ao fim da frase iniciada por Miguel. O que será que ele queria dizer? O rapaz observa o corpo do pai,

quando sente alguém tocar seu ombro. É o detetive. Viana aponta o dedo na direção de Emily. A moça está de joelhos, o rosto pendido para o chão, as mãos pressionando a barriga. Há uma mancha vermelha lá. Deus do céu, ela foi atingida. O sangue escorre até alcançar o cós de sua calça jeans desbotada.

David corre até ela. Precisa ajudá-la. O detetive vai junto.

A essa altura, a mãe do rapaz aparece na porta, esconde a boca com as mãos. Ainda está atordoada.

Viana se aproxima e vê que a moça respira com dificuldade, tem o rosto pálido e seus lábios tremem sem parar. David segura a mão da namorada, tenta encorajá-la.

— Anda logo, alguém aí chama o SAMU — Viana ordena.

Um dos agentes se afasta, tira o celular do bolso e liga 192.

— Ela tá perdendo muito sangue — David tem pressa. — A gente tem que ir pro hospital, agora.

— Calma, cara — Viana tenta manter a situação sob controle —, o SAMU já está vindo. — E vocês aí — ela olha para as pessoas que agora formam um círculo em torno de Emily —, pelo amor de Deus...

Não precisa terminar a frase. Dois agentes empurram os curiosos, até que estejam a uma distância que não ofereça risco à vítima e possibilite a ação dos socorristas.

David apoia a cabeça da namorada com as mãos e tenta levantá-la.

— Não é uma boa ideia mexer nela — Viana o alerta. — Sabe disso, né?

— E daí?... Ela está perdendo muito sangue, vai morrer.

O detetive entende a gravidade da situação e sabe que não poderá impedi-lo. Mesmo assim, certifica-se de que David está ciente do risco.

— Se tocar nela, ela pode piorar.

— Sei disso — David está decidido —, mas se eu não fizer nada, ela vai morrer.

Viana respira fundo e seca o suor da testa com o braço. Conhece o procedimento, mas o garoto pode estar certo. Emily está cada vez mais fraca, e se não der tempo do *socorro* chegar? Ele chacoalha a cabeça em sinal afirmativo.

David segura a namorada pela cintura e a ajuda se levantar. Ela solta um gemido abafado, consegue ficar de pé. Viana também oferece seu ombro como apoio. Os três caminham até o carro. Um dos agentes abre a porta e ajuda David acomodar a namorada no banco traseiro. O sangue escorre e ela geme. Antes de fechar a porta do carro, David vê a mãe com uma toalha de banho nas mãos. Foi Viana quem pediu que ela buscasse. É para Emily pressionar contra o ferimento, pode ajudar a ganhar tempo, ele diz.

Quando os socorristas do SAMU chegaram, encontraram apenas o corpo de Miguel estendido no chão. Um pouco mais a frente, uma linha de sangue começava onde Emily fora atingida e terminava onde o carro do casal estivera estacionado.

Minutos antes, David e sua mãe haviam partido com Emily rumo a um hospital cujo nome o detetive Viana só viria saber mais tarde.

Capítulo 35
NO FIM DO MUNDO

Três meses depois.
ÁGUAS DA PRATA – INTERIOR DE SÃO PAULO

A sensação que eles têm, é a de que naquela cidadezinha, enfiada entre montanhas, o vento sopra com mais intensidade. As lojinhas na avenida principal — repletas de garrafinhas de cachaça, queijo, doce de leite e goiabada — indicam a influência turística da vizinha Poços de Caldas. Quem mora aqui, sabe que o "gostinho mineiro" começa ainda no estado de São Paulo, em Águas da Prata. O município está na divisa, é cortado pela SP-342, uma das principais rodovias de acesso a Minas Gerais. Exceto pela presença dos turistas, que vez ou outra param para comprar lembrancinhas (e o legítimo queijo mineiro), o resto é pura calmaria.

David, a mãe e a namorada moram no Jardim Brandão, próximo do centro. Aliás, tudo aqui é próximo do centro. É uma casinha verde, na rua Helena Brandão.

Sobre os telhados das casas e as ruas estreitas — quase sempre vazias — paira uma estranha sensação de liberdade, embora não se tenha muito para onde ir neste fim de mundo. Os dias se arrastam, previsíveis. O sol

mergulhando atrás das montanhas, o amanhecer trazendo a mesma brisa fria das manhãs anteriores e o tom cordial dos moradores ao dizerem "dia" ao invés de "bom dia", uma típica cidade do interior.

Três meses antes, quando desembarcaram em Águas da Prata, não tinham ideia de como seria viver ali. Uma semana depois da chegada, uma senhora de aspecto saudável e pele sardenta, de cujo nome nem chegaram a memorizar, se apressou em pôr em prática a política da boa vizinhança e fez uma visita aos forasteiros. Tinha nas mãos um pote de doce de leite e um bolo de laranja. Foi Emily quem a atendeu. Agradeceu pela gentileza e viu a mulher sair com as bochechas ainda mais vermelhas do que quando chegou. Não aceitava o fato de não ter sido convidada a entrar.

Para todos os efeitos, caso alguém perguntasse, eram (apesar do sotaque) legítimos cidadãos paulistanos. Numa tentativa de evitar contradições, ainda na cidade de Jaú, tiveram o cuidado de se livrar do carro de Emily. Um sujeito com cara de pedófilo, dono de uma revenda de carros usados, acabou oferecendo uma mixaria pelo veículo. *"Tudo bem"*, Emily disse, contrariada, mas não tinha outro jeito. Ficar com o carro, seria o mesmo que anunciar na rádio local: "Somos fugitivos do Paraná.".

øøø

David tentava não surtar. Houve uma tarde em que se pegou pensando no episódio onde o pai fora baleado e morto. Voltou a se questionar sobre o que teria motivado Miguel a fazer o que fez. A frase sem conclusão também continuava em sua cabeça.

Naquele dia, quando chegaram ao hospital, Emily estava desacordada e muito pálida. Parecia não haver mais sangue em seu corpo. Os médicos agiram com rapidez e logo uma transfusão foi feita. Algumas horas após o procedimento, um dos médicos chamou David e a mãe e os tranquilizou. Ela vai ficar bem, ele disse. Em seguida explicou que o ferimento não havia comprometido nenhum órgão vital. A agilidade com que a moça foi removida ao hospital teve um papel crucial no sucesso do procedimento.

Duas semanas depois, a moça já conseguia se movimentar pelos corredores do hospital. Durante todo o tempo em que a garota esteve internada, David e a mãe dividiram um quarto de hotel no centro da cidade, mas sabiam que não estavam seguros.

Com a morte de Miguel e do Dr. Levi — os únicos membros do projeto "ALMA" com quem tinham contato —, o rapaz e a mãe ficaram numa posição difícil. Crescia a sensação de que estavam na mira de um inimigo invisível. Qualquer um podia fazer parte da organização.

Assim que Emily teve alta, ela e o namorado decidiram fazer uma alteração no plano de fuga inicial. Não podiam deixar Margarete para trás. A mãe de David

seguiria com eles para o interior de São Paulo. Partiram naquele mesmo dia.

O detetive Viana, que tinha telefonado para David apenas duas vezes no período em que Emily esteve no hospital, disse que estava sendo pressionado por seus superiores. Por alguma razão eles questionavam a legitimidade da operação que terminou com a morte de Miguel. Um novo inquérito foi instaurado para que se fosse apurado as reais circunstâncias acerca da morte do pai de David. Por outro lado, Beto Gordo — um sujeito que se tornou conhecido em Foz do Iguaçu por financiar e controlar o contrabando de armas para o Brasil — foi preso e acusado do assassinato de Lorenzo, o porteiro do Hospital.

Uma semana depois, o homem foi encontrado pendurado em sua cela. Suicídio, era o que dizia a versão oficial. Quem ousaria duvidar? Versões oficiais costumam ter esse nome porque não admitem questionamentos. Seja lá o que tenha acontecido com "o Gordo", a versão oficial está sempre certa.

Estou começando a temer pela minha segurança e a da minha família, foi o que o detetive disse na ocasião. Wallace Viana é um homem sensato, e logo se convenceu de que não estava em condições de oferecer qualquer proteção. Por isso, nem chegou a tentar.

— Encontrem um lugar seguro e não voltem mais — ele disse.

Sua voz era só preocupação. Ele desligou o telefone desejando boa sorte.

David fez o mesmo.

øøø

As noites em Águas da Prata são calmas, fazem David pensar na solidão. Ele se vê dragado por uma lembrança avassaladora, o branco. O mesmo branco doentio daquelas paredes, agora está impregnado em sua alma. Não há como se desvencilhar da sensação de nunca ter existido.

Quando o céu está claro e as nuvens se recusam a aparecer, é possível observar as estrelas. Elas projetavam um brilho suplicante sobre as montanhas que circundam a cidade. É de lá que vem esse vento frio que invade as janelas e faz as cortinas tremularem.

Quando Emily percebe a tristeza do namorado, abre um sorriso e o abraça. O rapaz retribui, coloca o braço em volta do seu pescoço e a aconchega. Ambos fingem acreditar numa proteção que não existe.

No dia em que partiram de Cascavel, Emily ligou para Caio e disse a ele que teria de passar uma temporada fora da cidade. Foi isso. A moça sabia que o irmão usaria toda a sua criatividade para convencer os pais de que ela estava bem. O irmão sempre conseguia. O pobre "Bolota" (o gato) que o diga!

Desde que chegaram à cidade, a mãe de David vive reclusa. Fala de Miguel como se ele ainda pudesse machucá-la. Chora, às vezes. Busca refúgio numa taça de vinho. Prefere o silêncio.

Quando sai de casa é para ir ao supermercado ou à igreja local. É preciso alimentar o corpo e o espírito, ainda que a vida não seja lá essas coisas.

Resgatá-la de uma fortaleza silenciosa, essa é a intenção de David quando arrisca uma pergunta sobre o passado de Miguel.

— No início o seu pai era um bom homem, mas depois tornou-se uma pessoa difícil — ela diz. Está sentada numa cadeira de varanda, observando a rua.

Ele espera que a mãe continue, mas não recebe mais nada além de lágrimas.

— Sabe — ele tenta não se emocionar —, é difícil entender. Por que ele queria tanto ferrar com a gente?

— Talvez, uma parte da culpa de tudo isso seja minha também.

Ela continua olhando para a rua. David lembra da frase que Miguel não terminou, mas não questiona a afirmação. Se ela tem algo para dizer, tem que ser por iniciativa própria.

A mãe do rapaz encara o chão e fica em silêncio por um tempo, parece em dúvida se quer mesmo levar essa conversa adiante. Tudo bem, ele respeitará sua decisão, só que algo a faz mudar de ideia.

— Você tem o direito de saber.

David se aproxima e segura a mão da mãe. Ela está trêmula.

— Como eu disse — ela segue —, no começo o seu pai era um bom homem. Quando nos conhecemos, ainda éramos calouros na faculdade e eu era só uma adolescente bobona. Miguel era um moço muito sedutor, de modo que a fila de garotas que viviam pelos cantos suspirando por ele só aumentava. Ele deve ter visto alguma coisa em mim que não viu nas outras. A falta de *tietagem* da minha parte, esse era o meu palpite. Desajeitada e tímida, essa era eu. Por outro lado, o clube das invejosas da faculdade tinha outra explicação para o súbito interesse do seu pai em mim. Cochichavam — entre um risinho e outro — que o fato de eu ainda ser *virgem* teria pesado na decisão dele. Não que eu tivesse espalhado isso (de ser *virgem*) por aí. Só cometi a burrada de fazer uma pergunta ingênua quando Tânia (que na época se dizia a minha melhor amiga) decidiu nos contar os detalhes da sua "primeira vez" (segundo ela, ainda aos dezesseis anos) com um rapaz do Ensino Médio. "*Ué, quer dizer que sangra?*", perguntei, horrorizada. Isso foi o suficiente para que as outras meninas concluíssem o óbvio. Daquele dia em diante os garotos passaram a me olhar como se eu fosse um "prêmio ambulante", e isso me magoou muito e me fez jurar que jamais me entregaria a um daqueles bobões metidos a garanhões. Pelo menos não até conhecer o seu pai.

Enquanto conta como conheceu Miguel, a mãe de David parece evitar seu olhar.

— Quando nos casamos — ela continua —, seu pai era o homem perfeito, amoroso, atencioso e dedicado. Continuou assim nos três anos seguintes, até que um dia algo ruim aconteceu.

— Algo ruim, tipo o quê?

Ela suspira, esfrega os olhos, está incomodada com essa conversa.

Uma lufada de vento é a responsável pelos fios de cabelo que dançam sobre seu rosto. Ela volta a posicioná-los atrás das orelhas. Encara o filho. Ainda não passa das oito da noite e a rua já está deserta. Dá para ouvir o barulho dos grilos, o farfalhar das árvores. David retribui o olhar.

— Não há nenhuma razão especial pela qual coisas ruins acontecem. Só acontecem, e pronto.

Ela hesita por um instante, e isso leva David a criar algumas teorias sobre o tal "algo ruim", mas nenhuma se sustenta.

Vinte e oito segundos, é o tempo que passa até ela decidir continuar.

— Logo depois, Deus nos deu você de presente. Então achei que as coisas pudessem melhorar, mas seu pai teve uma reação estranha. Começou a tratá-lo com indiferença, e isso me incomodava. Depois de convencê-lo a procurar a ajuda de um profissional, uma terapia de casal foi iniciada. Um trauma de infância, foi o que o

psicólogo diagnosticou. Bastaram algumas sessões para entendermos que Miguel havia sido abusado sexualmente pelo próprio pai, seu avô. Essa era uma história que ele nunca revelaria. "Nem mesmo quando o desgraçado foi morto por câncer nos pulmões aos 42 anos", ele disse ao psicólogo. Guardaria esse segredo a vida toda. Porém, com a sua chegada, a condição pai-filho o fez relembrar de todo o horror que vivera quando criança.

— Mas o que aconteceu antes de eu nascer? — David quer saber.

— Ficar remexendo no passado não vai mudar nada. É melhor esquecer isso.

øøø

Quase cinco meses depois, David ainda se lembra da conversa que teve com a mãe. Agora ele sabe do trauma vivido por Miguel na infância, o que explica muita coisa, mas esse não é o único segredo. Recorda-se muito bem de ter ouvido a mãe falar sobre um acontecimento terrível, algo que teria ocorrido antes dele nascer. "É melhor esquecer isso", foi o que ela disse. Como se isso fosse possível. Um estalar de dedos e, pronto, esquece-se de tudo o que não se quer lembrar.

Mais um veículo encosta, e agora é David quem tem que atender. Estaciona bem em frente à sua bomba,

então ele se aproxima. O vidro do lado do motorista desliza para baixo.

— Pode completar, por favor — diz o cliente, sem nenhum interesse em dirigir o olhar a David.

— Gasolina ou álcool?

— Etanol — ele responde, como se a palavra o elevasse a um patamar infinitamente erudito.

David chacoalha a cabeça, sorri, dá a volta por trás do carro e começa a abastecê-lo. É isso o que ele faz agora, trabalha de frentista em um posto de combustível no centro da cidade. Precisam sobreviver. Além do mais, as economias de Emily deram só para os dois primeiros meses. Ela também arrumou um emprego, é a garota que auxilia os clientes na utilização dos caixas eletrônicos em um banco. Coincidentemente a agência bancária fica ao lado do posto de combustível.

O abastecimento continua, o álcool, digo, o etanol escorrendo para dentro do tanque, enquanto o motorista tamborila com os dedos sobre o volante.

O posto foi uma escolha de David. Está na avenida principal, então é mais fácil saber quem chega e quem sai da cidade, uma precaução. No caso de Emily, não. Trabalhar no banco que fica justamente ao lado foi pura obra do acaso. Agora, David tem a barba feita, cabelo curto e usa um boné com a logomarca "BR", o que o dificultaria de ser reconhecido por alguém, ele acha.

Um ruído peculiar avisa que o tanque está cheio.

David recebe pelo abastecimento, entrega o troco ao motorista e observa o carro se distanciar. Poderia ter lavado o para-brisa se o cara não fosse tão *mala*. É nisso o que ele está pensando quando alguém do escritório grita:

— David, telefone pra você!

A garota do caixa só pode estar enganada. Quem, neste fim de mundo, poderia querer falar com ele? A mãe não tem celular, e ele próprio sugeriu a Emily também ficarem longe dos aparelhos.

Finge que não ouviu. Não é com ele.

Uma moça de cabelo curto e trejeitos masculinos está de pé ao lado da porta de vidro, os braços abertos.

— Porra, você não vai vir atender esse telefone não, é?

David não responde, apenas caminha em direção ao escritório. Tá na cara que essa ligação não é pra ele, mas, adianta dizer?

O telefone fixo está posicionado no canto do balcão, junto às maquininhas de cartão de crédito. A garota aponta para o fone, largado próximo ao aparelho, e David o leva até o ouvido.

— Alô.

Há um breve silêncio. A pessoa do outro lado da linha espera alguns segundos antes de confirmar a identidade do rapaz.

— David?

O garoto também se cala por um instante. Agora é ele quem tenta identificar a voz no telefone.

— Quem é você?

A pergunta ganha um tom agressivo. Eles o acharam. Os desgraçados o encontraram. É alguém do projeto ALMA, ele tem certeza. Vão ter que fugir novamente. Ele, a mãe e a namorada terão que se mandar, encontrar um novo esconderijo. Mas, onde? Ele duvida que haja algum lugar seguro de verdade, estão ferrados.

— Não está reconhecendo a minha voz?... Sou eu, rapaz.

Sim, agora ele reconhece aquele timbre. Detetive Viana. Só não entende uma coisa:

— Como é que você conseguiu me encontrar aqui?

Os olhos da garota do caixa recaem sobre David. Ela franze a testa, morde o lábio inferior.

— Tá falando sério? — Viana sorri enquanto fala. — Por acaso você esqueceu que eu sou um investigador de polícia?

O detetive explica que em menos de vinte dias, ele já sabia o paradeiro dos três. Viana concluiu que se ele próprio foi capaz de encontrá-los tão rapidamente, imagine os integrantes do projeto ALMA? Por isso, ao invés de entrar em contato com David, mesmo se sentindo ameaçado, ele preferiu seguir com as investigações. Descobriu que com a morte de Miguel, Beto Gordo e Dr. Levi, qualquer informação referente ao projeto parece ter evaporado do dia para a noite. Até mesmo a correspondência CONFIDENCIAL de Brasília, desapareceu misteriosamente de sua gaveta, e ele

investigou sobre isso também. Era como se o assunto nunca tivesse existido.

— Não estão preocupados com você — Viana acrescenta.

— Duvido.

— Pode acreditar. A conclusão que chegamos foi a seguinte: vivo, o seu pai era mais valioso para eles do que você.

— Tô tentando entender.

— Miguel sabia demais sobre o projeto — o detetive prossegue. — Ele não podia abandoná-lo, estava sem opção. Se o seu pai tentasse sair da organização, seria morto, de qualquer maneira. Eles não arriscariam deixá-lo livre por aí portando informações tão sigilosas. Já você, não oferece risco algum. Mesmo se tentasse falar do projeto, ninguém o levaria a sério. Além do mais, quem daria credibilidade a um sujeito que mal se lembra do próprio nome? Acredite, eles não estão nem um pouco preocupados com você.

— Pera aí, você tá dizendo que o meu pai foi vítima da organização?

— Não exatamente.

Neste instante, um dos frentistas do posto aparece na porta e diz qualquer coisa sobre clientes aguardando, e sobre o colega de trabalho ser um *folgado*. "Em vez de trabalhar, fica aí de conversa no telefone", ele esbraveja. David sinaliza com a mão pedindo calma, ele já vai, porra!

— Como você pôde perceber — David se refere aos gritos do colega frentista —, estou no trabalho agora. Então se você puder dar uma resumida, agradeço.

— O que quero dizer é que depois da sua fuga, intensifiquei as investigações sobre o caso.

— Isso você já disse.

— Queríamos saber o que motivou Miguel a entrar nessa jogada, mas não tínhamos como perguntar isso a ele, certo? Então, mudamos um pouco o foco da investigação.

— E o que isso quer dizer?

— Vou ser sincero com você — Viana muda o tom de voz. — Tanto eu quanto os investigadores envolvidos no caso, tínhamos um palpite de que a sua mãe sabia bem mais do que demonstrava. Se havia alguém capaz de nos dar a resposta sobre a real motivação do seu pai, era ela. Então, passamos a investigá-la.

— É sério isso?

— Primeiro tenta escutar o que tenho pra dizer.

— Cara, não acredito que vocês estão querendo culpar a minha mãe pelas loucuras de Miguel.

— Vai me ouvir ou não?

David silencia.

— No início, o seu pai até que tinha boas intenções, ele só queria ajudar a família. Miguel acreditava que...

— Ajudar a família? — David ironiza, mas logo se arrepende do comentário e permite que o detetive conclua sua explicação.

— Ele acreditava que havia encontrado a solução para todos os problemas que assombravam a família. "E se as pessoas pudessem apagar todos os seus traumas, medos e imperfeições, isso não seria incrível?", ele deve ter se perguntado. Foi pensando nisso que ele decidiu fazer parte do projeto ALMA. Alguém havia descoberto um jeito de reprogramar a mente humana, e ele queria beneficiar a família com isso.

— Tá, vamos lá — David está irritado —, me ajude a entender como ele poderia ajudar a minha mãe ou a mim com essa porcaria de projeto.

— É que existe algo sobre a sua mãe que você ainda não sabe.

Ele ainda está assimilando a frase que acabara de ouvir, quando o frentista reaparece na porta, ainda mais irritado, repete tudo o que já foi dito: a *porra* dos clientes estão esperando. Pelo amor de Deus, David já sabe disso.

— Como o quê, por exemplo?

— Sua mãe tem depressão profunda, e isso a levou a ter problemas com o alcoolismo.

— Problemas com álcool?

— Isso mesmo — Viana confirma. — Nas crises mais agudas, refiro-me à depressão, ela procurava refúgio nas bebidas. Começou com uma ou outra taça de vinho, depois passou para o conhaque, vodca e logo já estava consumindo pinga pura mesmo.

— Ainda não sei como a associação do meu pai ao projeto ALMA poderia ajudar.

O detetive aguarda alguns segundos antes de continuar.

— Seu pai também tinha um segredo...

— Isso eu já sei — David o interrompe —, a parada do abuso sexual quando criança, né?

— Isso mesmo.

— E daí?

— E daí que se ele comprovasse a eficácia do projeto, mais tarde iria utilizar a técnica nele mesmo. Isso o faria "apagar" definitivamente o trauma que carregava desde criança. A intenção era a mesma com a sua mãe. Ele reprogramaria a mente dela, fazendo-a esquecer do trauma que originou sua depressão. Diante de tudo isso, ele acreditou que você seria a cobaia perfeita para testar o projeto. No fundo, Miguel não queria machucá-lo, sua intenção era boa. Uma vez comprovada a eficácia da reprogramação mental, ele se beneficiaria dela e, logicamente, depois daria um jeito de devolver a sua personalidade original.

— Então ele só queria ajudar?

— No início, sim. Só que depois, ele percebeu que ser membro de uma organização pioneira no gênero, poderia lhe render muito dinheiro e prestígio. É possível que algumas vezes ele tenha tentado sair da organização, mas as circunstâncias o levaram a se afundar cada vez mais, até não ter mais volta. As boas intenções iniciais, embora louváveis, não fazem do seu pai um inocente, afinal, ele matou todas aquelas pessoas.

— Não sei nem o que dizer — David murmura.

— Não é nada fácil, mas há ainda mais dois segredos que você precisa saber. O primeiro é sobre o motivo que levou sua mãe à depressão, e o segundo, e talvez o mais importante, é sobre você.

— Eu?

— Sim, mas sobre isso eu só posso falar pessoalmente. Estou te esperando de volta.

David ainda tenta argumentar, mas a ligação é encerrada.

Capítulo 36
O COMEÇO

FOZ DO IGUAÇU – PARANÁ

Terça-feira, 25 de setembro de 1995.

Uma brisa fria e úmida varre as ruas da cidade. A primavera acabou de chegar, deixando para trás um inverno de temperaturas baixíssimas. Agora as árvores exibem o verde-escuro de suas folhas que — especialmente à noite — num contraste com a claridade da iluminação pública ganham uma tonalidade particularmente charmosa.

Embora não se possa dizer que a temperatura esteja desagradável, as ruas estão quase vazias. É início de semana, noite de terça-feira, e as pessoas parecem não ver motivos para pôr os pés fora de casa. Os poucos carros que circulam pelo bairro são de moradores da região, pessoas que retornam do centro da cidade, a maioria retornando para casa após mais um dia de trabalho.

Uma figura solitária percorre — apressadamente — calçadas irregulares, de tons depressivos. Uma mulher. Segue seu caminho sem olhar para trás. Parece assustada.

Nervosa, talvez. Tenta passar despercebida entre as dezenas de árvores enfileiradas no meio-fio. Não quer ser vista, mas logo percebe que não pode fazer nada quanto a isso. Entre uma esquina e outra, sua silhueta recortada por poderosos fachos de luz lançados pelos faróis dos carros que passam por ela; e sempre que isso acontece é possível observar algo em seus braços. Uma caixa.

Passa das nove da noite, quando ela se detém em frente a uma das casas que se distribuem ao longo da rua Piquiri, no Jardim Libra. São edificações simples — a maioria não tem sequer reboco nos muros. A mulher avança na direção de uma delas. Sabe bem onde está, escolheu aquela. Ela se curva e — com bastante cuidado — deposita a caixa no chão. Olha sistematicamente para os lados, ameaça bater palmas. Suas mãos estão no vazio, uma ao lado da outra, como se ela precisasse reunir coragem para o ato. Vai em frente, e uma sequência de sons é emitida. Uma sessão de aplausos em frente à casa de um estranho, é esse o pensamento que lhe vem à cabeça. Aplaudindo. Já não parece tão nervosa. São três sessões de aplausos com intervalos de cinco segundos cada, só que ninguém vem à porta atendê-la. Então ela repete o movimento com as mãos, uma sequência ainda mais longa. Funcionou, é o que diz o ruído que vem do interior da casa. Ela se apressa, não pode correr o risco de ser vista por aqui. Usa o pé para posicionar a caixa em frente à grade do portão.

A fechadura da porta dá sinais de que alguém está vindo. A mulher dá um passo para trás. Quer sair correndo dali, mas não sem antes ter certeza de que vai funcionar. Ouve passos vindo em direção ao portão, e só agora ela corre, esconde-se atrás de um veículo estacionado na rua. O portão é aberto, e logo em seguida, fechado. Está feito.

É uma mulher quem vê o objeto no chão, uma caixa. Dentro dela um recém-nascido. Um ser minúsculo que, embora esteja com os olhos arregalados, parece não perceber o que acontece à sua volta. Não reclama, não resmunga, é só um olhar, a inocência de quem não tem escolha sobre o próprio destino. Ele parece sorrir.

A alguns quarteirões de onde acabara de abandonar o filho — com pouco mais de um mês de vida —, a mulher se detém sob o halo formado pela luz anêmica que vem do alto de um poste, retira algo de uma bolsa. Agora ela tem nas mãos um exemplar do jornal *A Gazeta do Iguaçu*, cuja data impressa no topo da página aparece como *16 de abril de 1995*.

Ocupando um espaço modesto na seção policial, uma manchete chamava a atenção dos leitores:

"TRAGÉDIA NO JARDIM LIBRA: CASAL PERDE FILHO RECÉM-NASCIDO EM ACIDENTE DOMÉSTICO".

A reportagem não dá detalhes sobre as circunstâncias envolvendo o acidente, mas o fato teria ocorrido em uma tarde de abril, quando a mãe precisou se

ausentar, e o bebê ficara sob a responsabilidade do jovem Miguel, o pai.

A mulher corre os olhos pela manchete do jornal. Está escuro, não consegue enxergar direito, mas não precisa. Já perdeu as contas do quanto leu e releu aquela notícia.

— Talvez um dia você possa entender as minhas razões, Daniel *(nome Bíblico que ainda na gestação ela havia idealizado para a criança)* — sussurra. É para o bem do filho, ela tenta se convencer de que fez a coisa certa. O certo mesmo seria entregá-lo para a adoção, mas isso estava fora de questão. Burocracia demais. Ela só quer que o filho tenha um futuro decente com uma família que possa amá-lo.

—Perdão, filho — a mulher continua olhando para a manchete no jornal —, mas não posso ficar com você. Não dá mesmo — agora seus olhos estão marejados. — Espero que essas pessoas possam lhe dar todo o amor que dedicariam ao filho que *perderam*.

Ela enxuga os olhos com as costas das mãos, assoa o nariz, ajeita a bolsa de couro sintético no ombro e mergulha nas sombras. Caminha rápido, sem olhar para trás. É engolida pela noite. Desaparece.

Fale com o autor:

max@maxmorenooficial.com.br
Instagram: @maxmoreno_oficial